

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARA ANGÉLICA DA SILVA RIBEIRO

A CONGADA E A FESTA DO ROSÁRIO DE CATALÃO DURANTE A  
PANDEMIA: EXPERIMENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS ENTRE O  
DISTANCIAMENTO SOCIAL E O DIGITAL (2020-2021)

UBERLÂNDIA  
2022

*MARA ANGÉLICA DA SILVA RIBEIRO*

***A CONGADA E A FESTA DO ROSÁRIO DE CATALÃO DURANTE A  
PANDEMIA: EXPERIMENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS ENTRE O  
DISTANCIAMENTO SOCIAL E O DIGITAL (2020-2021)***

*Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais do Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial à obtenção do título de  
mestre em Ciências Sociais.*

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Wolff  
Swatowski*

*UBERLÂNDIA  
2022*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

MARA ANGÉLICA DA SILVA RIBEIRO

**A CONGADA E A FESTA DO ROSÁRIO DE CATALÃO DURANTE A  
PANDEMIA: EXPERIMENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS ENTRE O  
DISTANCIAMENTO SOCIAL E O DIGITAL (2020-2021)**

Dissertação aprovada para a obtenção do título de  
Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (MG)  
pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 04 de outubro de 2022.

---

Prof. Dr. Moacir de Freitas Jr. (UFU) – presidente

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudelir Corrêa Clemente (UFU)

---

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa (UFCat)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Valéria de Paula Martins (UFU) – suplente

---

Prof. Dra. Andreia Vicente da Silva (UNIOESTE) - suplente

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R484  
2022 Ribeiro, Mara Angélica da Silva, 1995-  
A congada e a Festa do Rosário de Catalão durante a  
pandemia [recurso eletrônico] : experimentações  
etnográficas entre o distanciamento social e o digital  
(2020-2021) / Mara Angélica da Silva Ribeiro. - 2022.

Orientadora: Claudia Wolff Swatowiski.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Ciências Sociais.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.626>  
Inclui bibliografia.

1. Sociologia. I. Swatowiski, Claudia Wolff, 1979-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-  
graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 316

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco H, Sala 37 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3230-9435 - www.ppgcs.incis.ufu.br - ppgcs@incis.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ciências Sociais				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado nº 007/2022 do PPGCS - UFU				
Data:	04 de Outubro de 2022	Hora de início:	14:00hs	Hora de encerramento:	
Matrícula do Discente:	12012CSC009				
Nome do Discente:	Mara Angélica da Silva Ribeiro				
Título do Trabalho:	A congada e a Festa do Rosário em Catalão durante a pandemia: experimentações etnográficas entre o distanciamento social e o digital				
Área de concentração:	Sociologia e Antropologia				
Linha de pesquisa:	Cultura, Identidades, Educação e Sociabilidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Evangélicos em movimentos de moradia: ocupações urbanas em Uberlândia (MG).				

Reuniu-se em formato remoto pela plataforma Microsoft Teams, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, assim composta: Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudelir Corrêa Clemente, (PPGCS/INCIS/UFU), Prof. Dr. Ismar da Silva Costa (UFCAT) e Prof. Dr. Moacir de Freitas Júnior (PPGCS/INCIS/UFU), orientador *ad hoc* da candidata.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, o Prof. Dr. Moacir de Freitas Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata. A Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Wolff Swatowiski, orientadora da discente, participou da banca de defesa na condição de convidada, uma vez que está afastada para o pós doutorado. Por consequência do impedimento de presidir a banca pelo afastamento, o Prof. Dr. Moacir de Freitas Júnior participou da banca de defesa na condição de orientador *ad hoc* e presidente da mesa.

O presidente da mesa, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

**Aprovada.**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Moacir de Freitas Júnior - Orientador *ad hoc* da Candidata e Presidente da Banca (PPGCS/INCIS/UFU)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudelir Corrêa Clemente - Examinador (PPGCS/INCIS/UFU)

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa - Examinador (UFCAT)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **MESTRE**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Moacir de Freitas Junior, Presidente**, em 04/10/2022, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudelir Correa Clemente, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/10/2022, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ismar da Silva Costa, Usuário Externo**, em 04/10/2022, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3969226** e o código CRC **856B59D2**.

## AGRADECIMENTOS

Peço licença para um extenso agradecimento. Se o trabalho que segue não é uno, mas está dividido por/em tudo que o atravessou, eu também sou; estou espalhada em todos os seres aos quais envio minha maior gratidão. Começo agradecendo ao mundo sagrado que permite que o mundo humano exista e se integre a ele. Agradeço a Deus. Agradeço a Olórun. Agradeço a Jurema Sagrada. Agradeço a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, por serem a razão e o caminho que essa escrita materializa, por serem a proteção e o consolo. Agradeço aos orixás, de Exu a Oxalá. A Exu, pelas portas que me abriu, pela proteção no caminhar, por me colocar cara a cara com minhas escolhas, pelos livramentos. A Yemanjá, pela proteção ao meu Orí, por velar meu sono, meu descanso, amansar meu coração e meus dias, por me acompanhar na queda e me reerguer, por me lembrar sempre do importante. A Odè, pela disciplina e pela perspicácia, pela proteção no dia a dia, pela firmeza nas minhas escolhas, por não me deixar cair. Agradeço ao meu anjo da guarda. Agradeço aos encantados de luz que todos os dias me acompanharam, me aconselharam, me livraram. Agradeço a Maria Padilha. Agradeço a seu Malunguinho.

Agradeço às(aos) congadeiras(os) de Catalão que dividiram comigo as sensações e experimentações de viver a devoção em tempos tão caóticos. A eles, dedico esse trabalho: Aldanice, Diogo, Fabinho, “tio” Henrique, seu Elzon, Sabrina, Ana Cristina e todos os outros, viventes e ancestrais, que indireta e diretamente, fazem a congada e compuseram esse trabalho.

Agradeço aos meus ancestrais, em outro plano agora eles permitiram que toda a vida que vivo chegasse até mim. Josefina Rosa da Silva, Sebastião Antônio da Silva, Iolanda Angélica Ribeiro, João Pinto Ribeiro. Em especial, a vó Maria Conceição, com toda sua fé e devoção ensinou nossa família os valores cristãos da humildade e parcimônia, de fazer o bem e viver em paz com Deus. A ela, dedico esse trabalho.

Agradeço a minha família buscapé, pela vida, pela ancestralidade, pela história, pelo amor, pelo cuidado, pelas oportunidades. Deles tiro grande parte do combustível que me mantém em movimento. A minha mãe, Suelene, com seu grandioso coração, que acolhe minhas angústias e tristezas, que se alegra com minhas conquistas, que me fortalece nas minhas fraquezas, que me ensinou a rezar e a crer no Deus do impossível; todo amor que aprendi a amar começou no amor de minha mãe. A meu pai, Edson, pelo coração bondoso que me ensinou a amar o mundo, pela firmeza, pela autonomia, pelas condições materiais para viver, pela paciência e pelo acolhimento, pelas broncas. A minha irmã Iolanda, minha companheira de todo dia nessa jornada, com quem aprendi e aprendo sobre coragem, parceria, apego desapegado ou desapego apegado, que me coloca de frente com as minhas inseguranças, que me fortalece

naquilo que é seguro, que me inspira a ser melhor; agradeço pelo carinho nos detalhes, pela atenção nos afetos, por me ensinar a cuidar e ser cuidada, pelo amor sem medida. A minha irmã Suellen, pelas memórias, por segurar a linha que amarra nossa família, por ser parte de quem eu sou, por me mostrar um mundo diferente do que eu vejo, por me ensinar sobre cuidados e sobre amor. A minha sobrinha Julia, por me abrir um mundo novo ao nascer, por me impulsionar, mesmo sem saber, a me atualizar; agradeço por ser luz na minha vida, carinho na minha história e no meu presente, por ter me feito tia. A meu sobrinho João, por me abrir um outro novo mundo ao nascer, por me mostrar a beleza do inédito, por trazer transformações para nossa família, por nos unir enquanto nos diferencia, pelo carinho com que sempre me recebe, pela saudade e pelas palavras de afeto.

Agradeço a família que a vida me presenteou. Madrinha Vera, por ter me ensinado, com seu amor de mãe, a valorizar a paciência, a atenção e a companhia dos animais, por me abrir os olhos para a beleza das artesanias dos objetos e dos afetos. Gabriella, por compartilhar o cotidiano, as alegrias e os perrengues dos dias, as angústias e delícias de viver, pelo descanso, pelos prazeres, pela paciência em me ouvir sobre o trabalho e sobre a vida, pela vontade em dividir sobre o trabalho e sobre a vida, por todas as vezes que me acreditou nas minhas potências, por me ensinar a ver o mundo de outras formas, mais literárias e poéticas, por questionar minhas convicções, por construir um mundo comigo, pelo amor e por receber meu amor. Ga, por ter me ensinado a ser quem eu sou, por acolher minhas melhores e piores partes, por me mostrar o que há de mais bonito nos encontros, nas relações, por compartilhar as inquietações, as vitórias e as derrotas, por resistir ao tempo e à distância, por ser fortaleza, carinho, afeto, cuidado e existência. Virgínia, pelas orientações em matéria de vida, cartomancia e espiritualidade, pelo companheirismo e a confiança em se dividir comigo, por ser lugar seguro, por não ter desacreditado em nós, pelos cafés da manhã. Giovani, por também ter me ensinado a ser quem eu sou, pelo abraço que preenche, pelo carinho que acolhe, pelos questionamentos que me desafiam, por me lembrar a grandeza de ser família. Andresa, Maria, Helena, Bia, Flavia, Vítor, por serem partes grandes de quem eu sou, por me ensinarem, cada uma de uma maneira, sobre o amor, por serem pontos de apoios, ombro amigo e carinho acolhedor, por serem afetos que me fazem expandir e acreditar em mim. Todas, todos e todes que passaram por aqui e deixaram marquinhas ou marconas na minha existência.

Aos presentes que o PPGCS-UFU me trouxe. A minha orientadora, Claudia: agradeço pela imensa paciência para acolher minhas questões, minhas aflições, pela habilidade em transformar ideias imaturas em reflexões fundamentadas, pelas ligações que estabelece entre o

que eu falo e o que ela já conhece, por compartilhar seus conhecimentos e saberes, por me apresentar uma antropologia sensível à vida das pessoas e das coisas. Às companheiras de mestrado, Aline e Bruna, pelas trocas, apoios, incentivos, pela companhia e pelas saídas que amenizaram o trabalho de escrita; foram absolutamente necessárias para manutenção da sanidade nesse último ano.

*Precisamos pensar a educação como prática que reconheça e credibiliza a experiência humana na sua diversidade. A sugestão é encarná-la feito mumunha de preto-velho, amarração de múltiplos entenderes em um único dizer. Educação como cultura, prática emancipatória que transgride com toda e qualquer perspectiva obcecada por cursos únicos e por tutelas de bom comportamento. Há de nos lançarmos no cruzo das flechas atiradas por outras sabedorias, produtoras de efeitos de cura, encanto, vigor e abertura de caminhos. Os repertórios de saber alinhavados nas contas do rosário são inacabados, conta a conta nos é revelado um novo segredo. (SIMAS E RUFINO, 2018, p. 77)*

## **RESUMO**

Vivemos desde 2020 transformações extremas no relacionar, no afetar, no sentir, no trabalhar, no festar, no etnografar. A pandemia de Covid-19 acelerou e modificou tendências que estavam em curso, e criou outras novas. O presente trabalho aborda as problemáticas do fazer etnográfico diante da crise pandêmica, da criatividade e das reinvenções na/da congada de Catalão e na Festa do Rosário, nos dois anos considerados mais críticos (2020 e 2021). Com a necessidade do distanciamento social, as redes sociais foram o principal meio de continuidade e reatualização da devoção congadeira. Elas colocam recortes e modos próprios do digital que, através da criatividade dos(as) congadeiros(as) e seus elementos tradicionais, recriaram temporariamente a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e os rituais devocionais, enquanto acionam faltas constituintes da congada, como a corporeidade e o encontro. Este trabalho abre reflexões, sem pretensão de fechá-las, sobre tais experiências e experimentações em torno da fé e devoção congadeira de forma situada no contexto catalano e pandêmico

## RESUMEN

Desde el 2020 vivimos transformaciones extremas en el relacionarnos, en el afectar, en el sentir, en el trabajar, en las fiestas, en la etnografía. La pandemia de la Covid-19 ha acelerado y modificado tendencias que estaban en curso y ha creado otras nuevas. El presente trabajo aborda las cuestiones del trabajo etnográfico frente a la crisis de la pandemia, sobre la creatividad y de las reinventiones en/da Congada de Catalão y Fiesta del Rosario, en los dos años considerados más críticos (2020 y 2021). Con la necesidad del distanciamiento social, las redes sociales fueron el principal medio de continuidad y actualización de la devoción congadeira. Han sido puesto recortes y formas de lo digital que, a través de la creatividad de los congadeiros y sus elementos tradicionales, recrearon temporalmente la Fiesta en gloria a Nossa Senhora do Rosario y los rituales devocionales, mientras desencadenaba fallas que constituyen la congada, como la corporeidad y el encuentro. Este trabajo se abre reflexiones, sin pretender cerrarlas, sobre tales experiencias y experimentaciones alrededor de la fe y la devoción a la congadeira de manera en el contexto catalano y pandémico.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - "Print" da página do terno de Congo do "Prego".....	45
<b>Figura 2</b> - Montagem do ranchão e da tenda - Festa do Rosário 2019.....	73
<b>Figura 3</b> - Interior do ranchão - Festa de 2019.....	73
<b>Figura 4</b> - Missa durante a Festa do Rosário, em 2019.....	74
<b>Figura 5</b> – Arquibancadas na entrega da coroa. Festa do Rosário de 2018.....	77
<b>Figura 6</b> – Chamada para a carreata. Festa do Rosário de 2018.....	78
<b>Figura 7</b> - Flyer de divulgação da Irmandade.....	83
<b>Figura 8</b> - Primeira transmissão de terço realizado pela Irmandade em maio de 2020.....	84
<b>Figura 9</b> - Cronograma da 144 <sup>o</sup> Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário - Catalão/GO88	
<b>Figura 10</b> - Reinado na carreata do domingo, 11 de outubro de 2020.....	89
<b>Figura 11</b> – Divulgação da 145 <sup>a</sup> Festa em Louvor a Nossa Sra. do Rosário.....	94
<b>Figura 12</b> - Publicação da Irmandade com chamada para reunião em 2019.....	104
<b>Figura 13</b> - Publicação da Irmandade com divulgação da Pamonhada Drive-in. 2021.....	105
<b>Figura 14</b> – Convite ao terço e coroação em homenagem à Nossa Senhora do Rosário em maio de 2021.....	110
<b>Figura 15</b> - Print da primeira transmissão do terço de terça-feira.....	112
<b>Figura 16</b> - Print da transmissão da alvorada. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	115
<b>Figura 17</b> - Print da transmissão da alvorada. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	116
<b>Figura 18</b> – Print do terço de 02 de outubro de 2020. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	118
<b>Figura 19</b> - Print do terço de 05 de outubro de 2020. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	119
<b>Figura 20</b> - Print da coroação de Nossa Senhora do Rosário. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	119
<b>Figura 21</b> - Print do terço da manhã do dia 01 de outubro de 2021. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	120
<b>Figura 22</b> - Print do terço do dia 05 de outubro de 2021. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	120
<b>Figura 23</b> - Print da coroação de Nossa Senhora. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	121
<b>Figura 24</b> - Print da "levantação" das bandeiras. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	122
<b>Figura 25</b> – Print da “levantação” das bandeiras. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	123
<b>Figura 26</b> - Print da missa da congada. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	124
<b>Figura 27</b> - Print da entrega da coroa. 144 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	126
<b>Figura 28</b> - Print da missa de encerramento. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	127
<b>Figura 29</b> - Print da entrega da coroa. 145 <sup>a</sup> Festa do Rosário de Catalão.....	127

<b>Figura 30</b> - Print do terço em louvor a S. Jorge. Moçambique Mamãe do Rosário de Catalão. 23 de abril de 2020 .....	131
<b>Figura 31</b> - Chamada para o terço. Moçambique Mamãe do Rosário. 13 de maio de 2020 .	132
<b>Figura 32</b> - Print do terço em homenagem aos pretos velhos. 13 de maio de 2021 .....	133
<b>Figura 33</b> - Print da live do Dia da Consciência Negra. Moçambique Mamãe do Rosário, 2020 .....	137
<b>Figura 34</b> - Print da transmissão do terço da família Prego. 9 de agosto de 2020. Ao lado do altar, capitão Elzon Arruda.....	138
<b>Figura 35</b> - Print do terço de "levantação" da bandeira do Congo do "Prego". 8 de agosto de 2021 .....	140
<b>Figura 36</b> - Print do terço da família "Prego". 9 de outubro de 2021 .....	140
<b>Figura 37</b> - Print da descida da bandeira. Terno Congo do "Prego". 9 de outubro de 2021 .	141
<b>Figura 38</b> - Print da transmissão do terço de levantamento da bandeira do Moçambique Mamãe do Rosário. 5 de setembro de 2020.....	142
<b>Figura 39</b> - Print do levantamento da bandeira do Moçambique Mamãe do Rosário. 5 de setembro de 2020.....	143
<b>Figura 40</b> - Programação de aniversário. Moçambique Mamãe do Rosário, 2021 .....	144
<b>Figura 41</b> - Levantamento da bandeira. Moçambique Mamãe do Rosário, Catalão, 2021 ...	144
<b>Figura 42</b> - Divulgação da "live" de 60 anos do terno Congo do "Prego" .....	146
<b>Figura 43</b> - Print da "live" realizada pelo Congo do "Prego", em 4 de abril de 2021 .....	147
<b>Figura 44</b> - Divulgação da live do Moçambique Mamãe do Rosário.....	150
<b>Figura 45</b> - Print da "live" do Moçambique Mamãe do Rosário. 3 de março de 2021	153
<b>Figura 46</b> - Print da "live" em comemoração aos 70 anos do Moçambique Mamãe do Rosário. 20 de agosto de 2021 .....	154

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNBB	Conferência Nacional de Bispos do Brasil
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
OMS	Organização Mundial de Saúde
SARS-CoV-2	Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 [Coronavirus 2 da síndrome respiratória aguda grave]

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. DA MÚLTIPLA PANDEMIA ÀS IMPLICAÇÕES SITUADAS .....	27
1.1. Cancelamentos, isolamentos e uma tradição centenária .....	27
1.2. Giros, experimentos .....	30
1.2.1. Ciências e pandemia .....	31
1.2.2. Etnografias.....	34
1.2.3. Etnografia digital: histórico, experiências e o experimento .....	40
1.2.4. As condições do trabalho de campo e implicações; as experimentações .....	44
2. FESTA EM MOVIMENTO.....	52
2.1. Apontamentos históricos sobre a congada (d)e Catalão .....	52
2.2. De atualizações são feitas as tradições: história e elementos da congada .....	61
2.3. Festa do Rosário.....	67
2.3.1. Festa “na normalidade” (até 2019) .....	71
2.3.2. Festas “atípicas” .....	82
2.3.2.1. “Não tem festa, mas tem fé e devoção” .....	90
3. CONGADA EM MOVIMENTO – “A devoção não pode acabar” .....	101
3.1. Movimentos digitais .....	102
3.2. Transmissão de rituais.....	107
3.2.1. Rituais católicos da Irmandade e da Festa do Rosário .....	110
3.2.2. Rituais dos ternos.....	129
3.3. As “lives” dos ternos.....	145
3.4. “Missão cumprida” e as ausências.....	155
4. CONCLUSÃO .....	158
5. REFERÊNCIAS .....	161

## INTRODUÇÃO

Manifestações culturais e religiosas centenárias, organizadas no Brasil colonial, contêm complexidades inerentes ao tempo, espaço, composição, transformações que as constituem. Outras complexidades estão implicadas em crises globais que acarretam mortes em massa e transformações na vida social, nos afetos, nas expressividades. Há, ainda, aquelas que aparecem nas relações digitalizadas, plataformizadas pelas redes sociais e comunicação à distância. O presente trabalho atravessa o cruzamento dos conjuntos de elementos aqui dispostos como “complexidades” no caminho de acompanhar as congadas de Catalão, no sudeste do estado de Goiás, durante a pandemia de Covid-19, ou à época novo coronavírus, nos anos de 2020 e 2021.

As primeiras complexidades mencionadas referem-se à congada enquanto manifestação cultural, folclórica<sup>1</sup> e religiosa, centro da identidade congadeira. As outras estão conjugadas, mas não simplificadas, na pandemia viral que o mundo tem enfrentado e suas consequências sociais, políticas, religiosas, subjetivas – em especial o aumento da plataformização da vida. As consequências extrapolam as novidades trazidas pela crise, podem ser o aprofundamento de tendências que já estavam em curso nos diversos contextos locais e nas dinâmicas globais. Compreendemos, em geral, que estes pontos são indissociáveis na vivência religiosa e cultural, coletiva e pessoal.

Apesar da pandemia ser um marco histórico vivido, este trabalho se inicia antes da consciência e sistematização do trabalho de campo e muito antes dos anúncios da OMS. Nascida e criada em Catalão, onde passei a maior parte da vida até agora, as congadas fizeram muitos dos outubros vividos, marcando temporalmente os anos da minha infância e juventude – “o tempo da Festa”. As memórias estão inevitavelmente intrínsecas às minhas observações e afetações, foram delas que partiram as primeiras inquietações e curiosidades em relação à Festa do Rosário: de como os meses de outubro eram tão destoantes do resto do ano na cidade, de como as danças das congadas, com suas roupas coloridas e tão diferentes poderiam fazer parte da Igreja Católica.

Aquelas inquietações curiosas transformaram-se nos últimos anos na intenção de realizar um trabalho de pesquisa com congadeiros e congadeiras de Catalão, movido por um interesse epistemológico, de compreensão das matrizes constituintes da congada – banto e

---

<sup>1</sup> O termo “folclore” é acionado pelos interlocutores como uma das dimensões das congadas, não separada das demais, com o potencial de explicitar sua “importância cultural” e o valor histórico de uma expressão religiosa específica, a congada. O termo, assim como a utilização de “cultura” e “tradição”, será discutido com profundidade no capítulo 2.

católica – na sua história de associação e ainda na constituição de uma possível “cultura catalana”. Para isso, seria necessário no mínimo estar junto de um terno<sup>2</sup> em suas atividades durante o ano, nas organizações e articulações de preparativos para a Festa do Rosário, nos ensaios e comunicações, para além das apresentações públicas e eventos religiosos. O corpo, em constituição e interação, teria centralidade em toda pesquisa – como tem para/na congada – a fim de alcançar a possibilidade histórica e cultural da associação de elementos diversos em uma identidade em movimento. E a rua seria espaço principal desse movimento, em relação à cidade e aos outros grupos para além da congada.

O projeto inicial, junto as suas aspirações, foi solapado em março de 2020 com a difusão das notícias de que um vírus estava se espalhando rapidamente pelo planeta. Um vírus mortal e altamente transmissível. A transmissão acontece pelo ar e pelo contato. “Fiquem em casa”, foi o alerta. O alarme só veio em março, quando a OMS declarou a pandemia do novo coronavírus<sup>3</sup> – SARS-CoV-2. Mas desde 20 de janeiro já havia sido declarada Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)<sup>4</sup>. Com alerta vermelho, o isolamento social foi a primeira medida para conter a disseminação. No Brasil, em 6 de fevereiro, antes da palavra pandemia fazer parte do nosso vocabulário corrente, foi aprovada a Lei 13.979/2020<sup>5</sup>, chamada “lei da quarentena”, com medidas de enfrentamento à ESPII, apontando especialmente o isolamento social. Até o final de março, diversos estados haviam decretado fechamento temporário de serviços considerados não essenciais.

As atividades presenciais foram suspensas, as que puderam, foram migradas para plataformas online. A crise sanitária e humanitária afetou todas as esferas da vida em torno do planeta. A vida humana foi diferentemente afetada ou alterada em cada país, região ou grupo de pessoas, em questões de sociabilidades, saúde, educação, religião. De maneiras diferentes todos sentiram, em alguma medida, as transformações que foram impostas, dispostas ou forçosamente escolhidas, diante do cenário de crise. O nível de integração global afetou a todos, ainda que em gradações ora extrema ora oscilante. As restrições colocadas e os sentimentos de

---

<sup>2</sup> Ternos são os grupos das congadas. Formado pelo(s) capitão(ões) e seus soldados ou tocadores(as) e dançadores(as). Podem levar o nome de “guarda” ou “batalhão”.

<sup>3</sup> UNA-SUS (2020): “Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus”. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em 2020.

<sup>4</sup> OPAS (2020): “OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus”. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>>. Acesso em 2020.

<sup>5</sup> BRASIL, Lei nº 13.979, Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm)>. Acesso em 2021.

medo e luto não permitiram que mesmo os negacionistas<sup>6</sup> seguissem sua vida “na normalidade” anterior (DUARTE E CÉSAR, 2020; CFH UFSC, 2021).

*Desigualdades; múltipla pandemia e a “Festa do santo de preto”<sup>7</sup>*

Trata-se de um fato social total, no sentido proposto por Mauss (2017, p. 324)<sup>8</sup>. Assim, apesar do vírus não reconhecer fronteiras e desigualdades sociais e econômicas, são elas que determinaram as condições com que cada grupo de pessoas, região geográfica e, em última instância, com que cada pessoa tem para lidar com o contágio. Antes ainda do contágio, as variáveis quanto à exposição ao vírus seguiram as dinâmicas desiguais de acesso e necessidades. Nas palavras de Butler (2020, n.p), “[...] o vírus por si só não discrimina, mas nós humanos certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo”. Podemos perceber tal discriminação em todas as socialidades, até na constituição mesma do evento pandêmico, como múltiplo e desigual (SEGATA, 2021a), a partir da diversidade de condições e no decorrer do tempo.

Nos primeiros meses, os trabalhadores dos chamados “serviços essenciais”<sup>9</sup> não tiveram o direito de ficar em casa, como o recomendado; foram assim os mais expostos. A desigual exposição foi refletida nas diferentes taxas de contaminação e óbito das classes sociais e regiões das cidades<sup>10</sup> (ROSSI, 2020). As periferias e as famílias mais pobres ficaram duplamente vulneráveis: à maior exposição ao vírus, e a maior dificuldade em acessar os equipamentos públicos de saúde. A população preta, como ainda majoritária nas periferias e integrando a

---

<sup>6</sup> O termo “negacionistas” nesse caso refere-se a grupos e pessoas que deliberadamente negaram as proporções da pandemia ou a gravidade do vírus, ignorando ou contestando pesquisas e alertas científicos, em defesa de uma “normalidade” preocupada com a economia. Sobre o negacionismo enquanto política e os efeitos subjetivos e políticos no Brasil, conferir: DUARTE E CÉSAR (2020), disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?lang=pt#>; Negacionismo, ciência e política no Brasil. Aula Inaugural 2020.2, CFH/UFSC. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kVWhlY0Fen4&ab\\_channel=CFHUFSC](https://www.youtube.com/watch?v=kVWhlY0Fen4&ab_channel=CFHUFSC)

<sup>7</sup> Em referência ao título do trabalho de Carlos Rodrigues Brandão (1985).

<sup>8</sup> Fatos sociais totais são aqueles que “põem em ação, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições e, noutros casos, somente um número muito grande de instituições, em particular quando essas trocas e contratos dizem respeito sobretudo a indivíduos. Todos esses fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos e mesmo estéticos, morfológicos etc.” (MAUSS, 2017, p. 324).

<sup>9</sup> Os serviços considerados essenciais foram amplamente debatidos nos primeiros meses da pandemia, com disputas entre poderes federais, regionais e locais. Um dos decretos que liberou novos serviços, em 29 de abril de 2020, está disponível em: <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/enfrentamento-ao-coronavirus-os-servicos-essenciais-que-nao-podem-parar-durante-a-pandemia>>. Acesso em 2020.

<sup>10</sup> O exemplo da cidade de São Paulo é significativo nesse sentido. Reportagem de Rossi, 2020, disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>>.

maior porcentagem de usuários do SUS, segue na esteira de vulnerabilidade diante do vírus<sup>11</sup> (FREITAS, 2020; RESENDE, 2021).

Em Catalão, o primeiro decreto municipal de emergência na saúde pública e suspensão de atividades entrou em vigor no dia 17 de março de 2020<sup>12</sup>, seguindo os decretos estaduais<sup>13</sup>. O primeiro óbito na cidade por Covid-19 foi em meados de junho<sup>14</sup>. Até o dia 15 de julho de 2022, o total de óbitos por Covid-19 registrado na cidade é 447<sup>15</sup>. A Secretaria de Saúde do município, contudo, não pôde nos informar a discriminação por raça/cor das vítimas, tampouco maiores informações como profissão ou moradia; dados que facilitariam um mapeamento de mortes e posterior análise dos grupos mais afetados. Apesar disso, Catalão como uma cidade tipicamente goiana e brasileira, tem entre a população mais pobre a maioria preta, o que nos permite considerar, em terreno de especulação, as vulnerabilidades acima colocadas também para a cidade.

A congada de Catalão demarca uma presença negra, em composição racial, cultural e religioso (MANOEL, 2017, p. 30), no contexto historicamente racista de Goiás. A constituição remonta ao período colonial e às migrações, conforme traremos mais à frente no trabalho, como uma religiosidade e manifestação cultural de um lado da colônia: o colonizado. Feitas de danças, ritmos, caixas, cores e fé, desenvolvidas no interior de coletivos de pessoas escravizadas (africanas ou descendentes), as congadas estão geralmente vinculadas às irmandades de santos, sobremaneira de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia (ou, em alguns lugares e períodos, “irmandades dos homens pretos”).

Foram inseridas aos poucos nos calendários religiosos católicos de diversas localidades, uma vez que a hegemonia histórica do catolicismo no Brasil lançou mão de sua tendência à “transmutação do que lhe parece possível assimilar e ressemantização na sua própria síntese” (SANCHIS, 2008, p. 82), de forma a colocar em relação e assimilação elementos do catolicismo

---

<sup>11</sup> Entre outros, ver Freitas, Viviane (2020). As mulheres negras e a pandemia do coronavírus. Boletim Cientistas sociais e coronavírus, nº 44. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2362-boletim-n-44-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>; Resende (2021). Relatório da CPI aponta que população negra foi mais atingida durante a pandemia. Notícias do Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/29/relatorio-da-cpi-aponta-que-populacao-negra-foi-mais-atingida-durante-a-pandemia>.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/go/c/catalao/decreto/2020/205/2046/decreto-n-2046-2020-faz-alteracoes-no-decreto-municipal-de-n-2040-de-16-de-marco-de-2020-que-decretou-situacao-de-emergencia-na-saude-publica-do-municipio-de-catalao-e-da-outras-providencias>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9033-legisla%C3%A7%C3%A3o-sobre-o-coronav%C3%ADrus-covid-19.html>.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.catalao.go.gov.br/site/atualizaao-coronavirus-catalao.NTV.MTEzNTU0.html>.

<sup>15</sup> Esta é a última data da atualização que a Secretaria de Saúde publicada no site oficial da prefeitura até o dia 30 de agosto de 2022, na seção especial “covid-19”. Página disponível em: <http://www.catalao.go.gov.br/site/coronavirus/>.

eclesiástico, do catolicismo popular ibérico, das diversas religiões indígenas e africanas, além de saberes-fazeres rurais.

Assim é que a congada “não vai deixar de ser nunca uma dança de preto”, mesmo que já tenha sido incorporada “no interesse e na devoção do homem branco”, como disse em entrevista Diogo Resende Gonçalves, capitão do terno de Catalão Moçambique Mamãe do Rosário<sup>16</sup>. Como capitão de Moçambique e branco, Diogo não se exime de pensar as questões raciais que subjazem e são vividas na congada, como sua responsabilidade de levar a cabo a luta antirracista, enquanto um “fazedor de cultura” herdeiro da “cultura negra”.

Inserida no – e constituinte do – universo afro-brasileiro, a congada em Catalão é considerada patrimônio cultural<sup>17</sup> da cidade, como a “contribuição preta” ou o “legado dos escravos” (IRMANDADE - NOSSA SENHORA DO ROSARIO - CATALÃO/GO, 2020; SECULT-GOÍÁS, 2012; O HOJE.com, 2022). Brandão (1985) a nomeia há mais de 40 anos atrás como “A festa do santo de preto”. É certo que hoje “tá tudo misturado”, não sendo possível inferir se há mais congadeiros(as) pretos(as) ou brancos(as), porém o respeito a essa memória é reivindicado, assim como sua origem e sua cultura-mãe racializada na negritude, ancorada na exploração colonial, na experiência diaspórica e nas resistências negras.

Infelizmente, negras e negros da congada foram em larga medida afetados diretamente pelo vírus, em enfermidades, mortes e em luto; muitos deles com idade superior a 60 anos, a chamada velha guarda, que de fato guarda memórias, responsabilidades, a continuidade da tradição e o máximo respeito de todos(as) congadeiros(as). “Comunicamos com pesar o falecimento do nosso irmão do Rosário...” foi o início de muitas publicações na página do *Facebook* da Irmandade de Catalão ao longo dos dois longos últimos anos. Em que pese que não foram todos os óbitos causados pelo Covid-19 e que não tivemos acesso à quantidade de congadeiros(as) vítimas deste vírus, a infeliz materialização da pandemia aconteceu também através das mortes, do luto e da esperança depositada na fé – e expressas nas redes sociais.

---

<sup>16</sup> Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2021, por videochamada no WhatsApp.

<sup>17</sup> A princípio a ideia de “patrimônio cultural” aqui foi pensada como uma categoria “êmica”, utilizada por mais de um interlocutor da pesquisa, nas mídias locais da cidade e com a qual convivi durante minha morada na cidade. Apesar de já fazer parte do vocabulário local, apenas em meados 2022 a atual presidente da Irmandade, Ana Cristina, junto com sua diretoria encaminhou o pedido de registro da congada de Catalão no IPHAN como patrimônio imaterial. Na ocasião, a Irmandade recebeu ainda verba da SECULT para realizar a Festa do Rosário deste mesmo ano. Fontes: <https://ohoje.com/noticia/variedades/n/1403128/t/congadas-de-catalao-receberao-r280-mil-do-governo-de-goias-neste-ano/>; <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/pfbid02tCBYanNF4xzVCWZiUpQKH22dfbfc28cn6Ag1JtflXaZZqiR32mny5uArgopNC8SZI>. A Igreja do Rosário, contudo, é tombada desde 1996 pelo estado de Goiás, como disposto na seguinte planilha: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-10/planilha-bens-tombados-pelo-estado-de-goias---2012.pdf>.

*Sociabilidades: cerceamento dos espaços públicos; relações mais domésticas; as redes sociais como saída e intermediárias*

Ruas esvaziadas, estabelecimentos fechados, eventos adiados. No começo as relações foram reduzidas ao mínimo necessário – ou, ao menos, deveriam sê-lo, de acordo os sanitaristas, as declarações da OMS e das organizações locais de saúde, e a despeito das posturas de alguns chefes de Estado e da ausência de políticas públicas para manutenção das vidas em isolamento (ROSÁRIO, 2020, p. 11)<sup>18</sup>. Em pouco tempo se começou a falar em “o novo normal”, o cotidiano no qual tivemos que nos acostumar com novos protocolos sociais e de cuidados pessoais. A higienização constante das mãos e objetos, o mínimo contato possível entre corpos, máscara facial como um artefato em processo de hibridização às nossas cabeças, comunicações e trabalhos remotos sempre que possível.

Nos primeiros meses tais medidas resultaram – mais uma vez, considerando as desigualdades postas – em crescentes domesticação das rotinas e relações e maior digitalização dos contatos e encontros. Grandes números de pessoas confinadas em casa, conectadas pelas redes online. Os religiosos se viram em uma encruzilhada: como manter-se em contato com o sagrado em um momento que exige tanta fé e esperança para lidar com o medo e o luto, sem os encontros nos espaços sagrados?

Entre as religiões pentecostais e neopentecostais houve um intenso debate se os serviços oferecidos nos templos deveriam ou não ser considerados essenciais e, portanto, liberados para reuniões (ALMEIDA E GUERREIRO, 2020). As religiões de matriz afro-brasileira em geral tiveram suas atividades presenciais suspensas, apesar de não haver algum posicionamento homogêneo. A Igreja Católica, seguindo o pronunciamento do Papa Francisco, teve de reinventar suas liturgias, com o fim de evitar aglomerações (MENEZES E SANTOS, 2020).

A reinvenção das práticas católicas se apropriou das redes sociais e transmissão de eventos e rituais, estes com número restrito de pessoas em presença. A Igreja Católica, ao menos segmentos dela, já tem familiaridade com as mídias de comunicação, especialmente televisão e rádio, há pelo menos 20 anos. “Desde o final da década de noventa a Igreja católica já vinha investido numa evangelização que incluía os meios de comunicação” (CARRANZA, 2020, p. 122). Com a pandemia a audiência desses canais já conhecidos ganham novas proporções

---

<sup>18</sup> “Bolsonaro minimiza a pandemia, enfrenta os governadores que implantaram o isolamento social, e contraria seu próprio ministro da saúde, que é demitido em plena crise.” (ROSÁRIO, 2020, p. 11).

(CNBB, 2020)<sup>19</sup>. A novidade está na intensificação e rapidez da apropriação das mídias digitais – as redes sociais de interação e/ou transmissão audiovisual. A consequência parece ser a escala que o digital proporciona e a autonomia de comunicação e organização dos fiéis através das redes sociais.

Com o isolamento social, nenhuma ou poucas pessoas puderam ir às igrejas e muitas acompanham as transmissões, além da proliferação de encontros online vinculados às organizações eclesiais ou autônomas. A utilização das redes sociais faz parte de um processo que já estava em curso – transmissões de rituais católicos. Porém, por sua própria constituição, os ambientes digitais são construções coletivas, o que confere aos usuários possibilidade de criação, interação, reflexão.

É esse movimento/momento de reinvenção, na sua expressão muito particular dos(as) congadeiros(as) de Catalão, que experienciamos com eles do lado de cá da tela, através das redes sociais, com “lives” e publicações quase diárias. Essa expressão muito particular do catolicismo popular extrapola os limites circunscritos da Igreja Católica, ao mesmo tempo que se inclui nela. Trata-se de uma das possibilidades da vivência congadeira durante a pandemia, notadamente de dois ternos (um congo e um Moçambique)<sup>20</sup> e da comunicação digital da Irmandade do Rosário.

Em termos de religiosidade e sociabilidade, veremos como a pandemia, enquanto evento, também se faz em uma expressão particular aqui – ou de forma situada, na expressão de Segata (2020a). Com a proibição dos encontros nos espaços públicos, as relações ficaram em grande medida restritas ao ambiente doméstico, de forma que os espaços digitais se mostraram como intermediários entre o público e o privado, entre a Igreja e a casa. Particular não significa que foi única ou excepcional. Ao contrário, a comunicação (digital, inclusive) entre congadeiros de diversos lugares, especialmente de Minas Gerais e São Paulo, revela muitas ações similares e interações entre diversos segmentos de festas populares (CAVALCANTI E GONÇALVES, 2021).

As possibilidades de que tratamos não foram as mesmas desde março de 2020. No passar deste ano, os números estatísticos oscilaram e com eles as políticas de restrição e liberação de espaços e atividades. Em consequência também as sensações de liberdade e privação sentidas pelas pessoas, que balizam o encontro físico ou não encontro dos ternos, e a forma como foi

---

<sup>19</sup> Segundo a imprensa da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), houve um aumento da audiência dos canais de inspiração católica. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/crece-audiencia-de-emissoras-de-radio-e-tv-de-inspiracao-catolica-no-pais-por-cao-do-coronavirus/>.

<sup>20</sup> Diante da diversidade de expressões e vivências congadeiras em Catalão, trazemos aqui um recorte explícito, que não se pretende totalizador.

possível. A Festa do Rosário de 2020 foi realizada sob incertezas e aflições, com poucas atividades presenciais, muitos improvisos, números pequenos de presentes, transmissão dos principais rituais (terços, levantamento dos mastros) e súplicas pelo acolhimento e salvação dos devotos (e da humanidade) por Nossa Senhora.

2021 trouxe esperança com o início da vacinação no país e alargou os limites de sociabilidades presenciais. Outrora esvaziadas, as ruas passam gradativamente a ficar povoadas de mascarados, estabelecimentos com fitas que separa cliente do balcão e álcool em gel na porta, mesas dispostas mais longe uma da outra, marcação de onde cada pessoa deve ficar na fila. Encontros públicos liberados, mas sem aglomerar, de preferência ao ar livre. Horários de circulação estendidos pelos decretos municipais. Para muitos, o fim da pandemia parecia cada vez mais próximo, conforme aumentavam as estatísticas, agora do número de vacinados. Mas, estar “íntimamente conectada a decisões políticas e interesses de mercado” (BIEHL, 2020, p. 339), ficamos até o meio do ano imersos em incertezas, entre elas sobre qual seria o formato possível para a realização da Festa do Rosário. De maneira mais ou menos geral, também alinhadas aos interesses de mercado, as redes sociais seguiram sendo o meio (como canal e mediação) e a forma principal de encontros.

### *Nós, a pandemia, a pesquisa, as experimentações*

Nesse fluxo que estávamos eu e os congadeiros e as congadeiras de Catalão no primeiro semestre de 2020. Nos improvisos para lidar com o imprevisível, esse imponderável de tamanha magnitude – nesse caso não apenas no trabalho de campo, mas na realidade comum a nós. Na angústia das surpresas, da atenção aos noticiários à sobrecarga de notícias, muitas vezes divergentes umas das outras. Nas tentativas de explicar, no luto coletivo, na esperança da salvação pelo sagrado.

Debates e “*fake news*” nas redes sociais especulavam se a Festa do Rosário seria ou não cancelada; se não o fosse, quais seriam os limites para a realização. Apenas em junho tivemos a notícia<sup>21</sup>, depois de uma reunião da Irmandade com a Secretaria de Saúde: A Festa seria mantida na “parte religiosa”, com restrição de pessoas presentes e transmissão online. O cortejo dos ternos com todos seus membros, as missas abertas e o comércio das “barraquinhas”<sup>22</sup> foram

---

<sup>21</sup> Primeiro através da página da Irmandade no Facebook, depois pelas mídias locais de comunicação, como o rádio e a TV.

<sup>22</sup> “Barraquinhas” é como são conhecidas as tendas de comércio itinerante montadas nas ruas ao redor do Largo do Rosário. Sobre as barraquinhas e seu impacto na Festa, ver mais em Costa (2010).

cancelados. Tudo que causasse ou pudesse causar as temidas aglomerações foi suspenso ou rearranjado em outros modelos que pudesse manter o distanciamento social.

Por consequências, todos os preparativos para a Festa foram concentrados na decoração da Igreja e da imagem de Nossa Senhora do Rosário, além das orações, dos pedidos de intercessão pela humanidade e pelos doentes<sup>23</sup>. O que antes era preparação para celebração pública da devoção se tornou pensar em formas possíveis de manter o compromisso com Nossa Senhora, de reinventar a devoção dentro das possibilidades existentes.

Naquele momento as incertezas era o que tínhamos de mais certo. Os prazos imprevisíveis, insegurança do contato com as pessoas, tudo isso somado à negligência e completo descompromisso do governo de Bolsonaro para enfrentar a pandemia, mas ao contrário, se apropriando do vírus para levar a cabo uma espécie improvisada de política genocida (HOLANDA, ALLEBRANDT E DIAS, 2021)<sup>24</sup>. Víamos a pandemia dia após dia expandir sua magnitude, multiplicando mortes, próximas e distantes, aumentando a rede tecida de luto e medo, mas também de negacionismos e violências.

Com tantas atividades transferidas e/ou adaptadas total ou parcialmente<sup>25</sup> para plataformas online e com o anúncio da Festa do Rosário em “modo online”, ficamos, então, nós e as telas. O princípio de “estar lá” onde estão os(as) congadeiros(as), experimentar com eles(as) os improvisos, os testes e as angústias que a crise trouxe à tona desenhou um trabalho de campo inicialmente através dos meios digitais. Diante dos imponderáveis, não foi elaborado um novo roteiro de pesquisa, senão deixar o próprio campo nos guiar.

Nesse ínterim, os ambientes digitais, sobretudo o *Facebook* e o *WhatsApp*, foram principal via de acesso às experiências presentificadas dos congadeiros durante a pandemia, uma vez que foi através das redes sociais que mantivemos contato durante o ano de 2020, e o espaço principal de comunicação entre os congadeiros, a Irmandade e a “comunidade catalana” (ou a fração que gosta e acompanha a congada).

É, portanto, na virada para 2021 em que há uma virada metodológica da nossa pesquisa e a provável inserção no “campo”, ou melhor, uma conscientização dele, do que já estávamos fazendo. De via de acesso, as redes sociais – em especial o Facebook, principal plataforma de

---

<sup>23</sup> As orações e os pedidos de intercessão aqui mencionados foram expressos em publicações nas páginas no Facebook dos ternos e da Irmandade, nas “intenções” antes dos terços e missas transmitidos.

<sup>24</sup> Um longo debate foi aberto na chave da necropolítica, nos meios acadêmicos, jornalísticos e políticos. Um deles pode ser encontrado em: <https://diplomatie.org.br/genocidio-pandemia-e-o-horror-de-500-mil-vidas-interrompidas/>.

<sup>25</sup> Referimo-nos ao formato “híbrido”, em que foram mescladas atividades presenciais que pudessem obedecer aos protocolos sanitários com aquelas “online”, seja para expandir o público, seja para manter uma frequência que presencialmente não era recomendado.

transmissão dos eventos e rituais – passaram à via de contato, meio de interação, espaço em que foi possível não apenas observar as publicações dos ternos, dos capitães, da Irmandade, mas também me envolver nas interações entre os diversos perfis e páginas.

Acompanhamos as publicações, interações, “lives” e transmissões ao longo dos dois anos, salvando aquelas que pareciam mais significativas em termos de conteúdo e/ou de números de engajamento (comentários e “curtidas”). Além das plataformas de interação “pública”, no caminho da pesquisa contamos ainda com o contato pelo WhatsApp para nos aproximar dos atores e buscar informações pessoais e organizativas, e com entrevistas de profundidade via videochamada.

As entrevistas por videochamada e as conversas por WhatsApp foram o principal meio de acesso às suas explicações, impressões e sensações – mas tivemos, para nos adequar à realidade dos interlocutores procurar também outros meios. Foram feitas três entrevistas por videochamada, duas com Diogo Resende, capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, e uma com Fabinho, caixeiro do Congo do “Prego”. Uma entrevista foi feita através de troca de áudios pelo *Messenger*, o chat do *Facebook*, com Sabrina de Sousa, bandeirinha do Congo do “Prego”. Uma única foi realizada presencialmente, com Aldanice, capitã do terno de congo Mariarte. Cabe aqui adiantar que o Mariarte é composto apenas por mulheres e o único que não tem nenhuma rede social.

Fizemos tentativas de entrevistas ou conversas mais qualificadas com algumas pessoas da diretoria da Irmandade, porém não tivemos retornos efetivos – o acesso, portanto, às posições e ações da entidade foram através das redes sociais. Foram, aliás, os meios digitais de comunicação aqui mencionados o espaço principal de trabalho de campo, o que vai desenhar, como veremos no capítulo 1, o caminho etnográfico, a natureza da interação com os interlocutores, as espécies de informações e movimentos a que tivemos acesso e as aberturas possíveis de interação e intervenção enquanto pesquisadora. Paralelamente foi feita uma extensa pesquisa bibliográfica que trouxe balizas e suportes para reflexões diacrônicas e aprofundadas.

### *Dos capítulos*

Trata-se de um trabalho que desliza por categorias e classificações tensionadas ao longo da história, por vezes colocadas em oposição, mas que se mostraram, no caminho percorrido pela pesquisa, estarem imbricadas no fazer cotidiano, na constituição da congada e na vivência

congadeira, apresentando fronteiras pouco nítidas e/ou um tanto diversas nas experiências congadeiras. São elas: a relação entre as matrizes (ou raízes) afro e católica na formação da congada; as dimensões presencial e digital de interação religiosa, folclórica e cultural; as situações (eventos, rituais e sociabilidade) colocadas nos paradigmas de “normalidade” e de “contexto pandêmico”, de “tradição” e de inovação.

Esses pares aparentemente separados nos serviram sobretudo como chaves de análise das adaptações às possibilidades de devoção, de fé e de celebração dos congadeiros e das congadeiras de Catalão durante a pandemia do Covid-19. Contudo eles se mostraram mais aliados e contínuos do que separados ou opostos.

A categoria “tradição” e a caracterização da Festa do Rosário como tradicional, como acionada pelos(as) congadeiros(as), mostrou suportar inovações que estejam alinhadas às dinâmicas já conhecidas; temos, então, a realização da tradicional Festa do Rosário em formato digital por dois anos seguidos. Nesse caso a manutenção da tradição conferiu a estas Festas características singulares, e o digital serviu de meio para o encontro religioso, alterando assim o tom do festejar. Ademais, o contexto pandêmico, percebido como um tempo excepcional, extraordinário, conferiu certas liberdades em nome da manutenção (portanto, transformação).

Para que compreendamos essas possibilidades e as outras que apresentaremos, no primeiro momento o trabalho pretende contextualizar os universos mergulhados, no cruzamento das complexidades que constituem nosso percurso etnográfico: a pandemia, o digital, a cidade de Catalão e a congada. Veremos, assim, como as possibilidades teórico-metodológicas de nossa pesquisa foram desenhadas em campo.

O primeiro conjunto de complexidades é a pandemia da Covid-19 aqui percebida por um lado como um evento, um acontecimento significativo (SAHLINS, 2003a), como uma crise global que se manifesta e é vivida de formas desiguais, diversas e situadas (SEGATA, 2020a), e por outro lado como um momento histórico de aprofundamento ou intensificação da plataformização da vida humana e das relações. Esses dois lados, contudo, não estão em extremidades de um mesmo eixo, mas são percebidas, nas relações práticas, como tecidas às transformações em curso, percebidas tanto na experiência congadeira em Catalão e suas tradições de devoção e louvor ao Rosário, como nas formas de realizar pesquisa de campo e produzir etnografias.

O primeiro capítulo, Da múltipla pandemia às implicações situadas, trata das possibilidades contextuais e metodológicas do nosso “encontro etnográfico”, realizados majoritariamente nos ambientes digitais. Primeiro vamos abordar os dramas em torno da

pandemia e suas implicações mais gerais, para então pensarmos as reações e ações localizadas: do cancelamento da parte folclórica – não menos “religiosa” para congadeiros(as) – da Festa do Rosário às iniciativas das “*lives*” temáticas e transmissões periódicas de missas e terços. Em seguida apresentaremos uma discussão sobre etnografia, sua vertente digital, sua historicidade e expansão durante a pandemia, para nos localizarmos diante das possibilidades de trabalho de campo abertas e daquelas fechadas.

No segundo capítulo, Festa em movimento, para chegarmos à Festa do Rosário durante a pandemia, foi feito um levantamento histórico e historiográfico sobre a cidade de Catalão e sobre a congada ali constituída, apontando as transformações e as construções do que é considerado tradicional. Debateremos, certamente à luz da concepção dos congadeiros e das congadeiras contatados(as) e da experiência de campo, a ideia de tradição que existe na congada de Catalão, seus usos e significados e, ainda, como o tradicional foi vivido, percebido e presentificado durante a pandemia.

Na outra metade do capítulo 2, teremos a sequência de descrição e análise da Festa do Rosário, nas perspectivas de Festa “na normalidade” e Festa “atípica” para pensarmos as restrições e criatividade ativas nos dois últimos anos. A bibliografia mais a memória dos(as) congadeiros(as) e os registros deixados nas redes sociais permitirão comparar a organização e os rituais da Festa do Rosário até 2019 com aqueles nos dois anos posteriores, através especialmente do jogo entre tradição e mudança que se mostrou como motor da dinâmica das Festas.

No capítulo 3, “A congada em movimento”, o foco para pensar a vivência congadeira durante a pandemia são as transmissões de rituais e as “*lives*”, um recorte localizado e no encontro com as atividades da Irmandade. Analisaremos esses registros audiovisuais – que foram transmitidos de forma síncrona – de modo a captar os elementos significativos da religiosidade congadeira e da vivência (ou invenção) da pandemia por eles.

Através da descrição desses vídeos – que foram registros instantâneos –, das interações digitais e da percepção dos interlocutores discutiremos as formas de devoção e práticas religiosa e folclórica congadeira na internet, as relações e significados que foram capazes de criar e/ou conectar, se e em que medida essas relações e significados estariam ancorados em suas vivências anteriores a 2020.

A pretensão é pensar junto deles(as) o que foi realizado, uma vez que a Festa “pública” – central na renovação anual da devoção, da fé, do louvor e da identidade congadeira – fora uma parte cancelada e outra parte adaptada aos protocolos da crise, como as carreatas. E, ainda,

como as redes de interações digitais os ajudaram a lidar com a pandemia (ou, antes, construí-la localmente) e na manutenção – ou renovação? – das práticas devocionais.

Na experiência dos experimentos nos deparamos com percalços e sensações para as quais não poderíamos nos preparar. Seguimos fluxos, acionamos categorias e entendimentos anteriores para lidar com questões inéditas. Compartilhamos de sentimentos parecidos que geraram reações novas. Estou aqui pensando ao mesmo tempo obre mim e sobre os(as) congadeiros(as) de Catalão. Talvez esteja pensando sobre muita gente.

As formas de interpretar e viver a pandemia foram múltiplas, ainda que se trate de um evento-crise-global. Não é possível pressupor alguma unicidade para além da existência do vírus e, no caso do Brasil, a ausência de políticas públicas alinhadas às ciências epidemiológicas. A multiplicidade da pandemia é reproduzida entre os(as) congadeiros(as), assim como há formas múltiplas de viver a congada, de ser congadeiro(a). O que fizemos foi seguir os rastros visíveis depois do início da pandemia e acompanhar um dos fluxos que pudemos acompanhar. Tanto esse fluxo está em comunicação com outros, como nele mesmo muitas camadas e linhas se cruzam, formando um tecido heterogêneo, com cores e texturas diversas.

O tecido seria a congada de Catalão e o fluxo, em primeiro plano aqui, são os movimentos nas redes sociais dos dois ternos mencionados e a comunicação e organização da Irmandade para a realização da Festa do Rosário – em interação digital, que extrapola tanto o círculo de dançadores e devotos quanto a própria cidade. A dinâmica desse fluxo, que é a questão central do presente trabalho, aponta para uma recriação pragmática inédita dos rituais e da manifestação da devoção congadeira, especialmente pela experiência religiosa através do digital que, apesar de potente e de “cumprir sua missão” de renovação da fé, não é capaz de transpor a falta que o corpo faz, deixando o lamento e a saudade de “louvar Nossa Senhora com os irmãos pelas ruas”.

## **1. DA MÚLTIPLA PANDEMIA ÀS IMPLICAÇÕES SITUADAS**

A pandemia do coronavírus, apesar de global, só pode ser compreendida se situada no tempo e no espaço. A forma de vivê-la e concebê-la alterna-se de um momento a outro, de um lugar ao outro. Em alguma medida, contudo, os espaços e tempos se conectam, não de maneira linear ou continuada. Vemos as declarações da OMS reverberarem em cada lugar de uma forma, ainda que haja paralelos. Vemos que o medo do vírus despertou sentimentos religiosos em pessoas religiosas, mas certamente cada religião ou religiosidade teve sua forma de conduzir esses sentimentos, e, ainda, cada pessoa, sua forma de senti-lo. As pesquisas, arrisco dizer que de todas as áreas, sofreram os impactos, e cada pesquisador em cada campo específico teve as possibilidades pontualmente colocadas e sua imaginação pessoal e socialmente afetada criando mecanismos e análises para seguir pesquisando.

Nas páginas que seguem será apresentado um panorama do momento em que nossa pesquisa se inicia nos âmbitos da cidade de Catalão, das comunicações e organizações dos congadeiros e das condições da pesquisadora. Ao final deste capítulo, são apresentadas as condições do trabalho de campo em tempos pandêmicos. Ao expor as dificuldades, desafios, possibilidades e agências múltiplas, queremos mostrar o quanto as condições do campo se imbricam aos resultados da pesquisa, de forma que “resultado” e “campo” não possam ser facilmente distinguidos, senão materializados nessa escrita. Penso sobretudo na “perspectiva intersticial”, como descrita por Silva (2015).

### **1.1. Cancelamentos, isolamentos e uma tradição centenária**

Desde 1876 todo ano a cidade de Catalão, no sudeste de Goiás, é enfeitada com as cores, agraciada com as batidas e abençoada com o louvor dos ternos de congo<sup>26</sup> da cidade e de ternos visitantes, durante a Festa do Rosário e nos meses que a antecedem. As primeiras Festas foram feitas por quem não está mais de corpo presente neste mundo. Mas seu legado permanece e rememora tempos que provavelmente essas pessoas das primeiras Festas também não viveram, mas que contam sua história. A congada guarda viva em suas cores, ritmos e danças de existências que foram escravizadas e que encontraram no Rosário, no Reinado e/ou na

---

<sup>26</sup> “Ternos de congo” ou apenas “congo” ou apenas “ternos” é como são chamados em Catalão todo e qualquer grupo congadeiro, ainda que seja uma entre as tantas linhas que existem. Muito diferente entre si, em termos de sonoridade, dança, instrumentos utilizados, função na congada, em Catalão temos além dos Congos, Catupés, Moçambiques, Vilão, Marinheiro, Marujeiro.

Irmandade formas de louvar o sagrado, de se conectar coletivamente com a fé e a devoção, bem como os ancestrais congadeiros.

Legado não significa que as coisas permanecem exatamente como foram. As cores, os instrumentos, as roupas dos ternos por certo mudaram ao longo desses 145 anos, principalmente se considerarmos que estes elementos são feitos artesanalmente, a partir de saberes-fazeres passados de geração em geração. A transmissão dos saberes não é mera reprodução, mas recriação, reinvenção dos atores que os recebem.

Porém há algo na congada e na festa que permanece diante das mudanças, alguma “mística” que não é fácil explicar, é mais fácil sentir, se emocionar. É o envolvimento entre dançadores, devotos e Nossa Senhora do Rosário – e outros santos, em especial São Benedito, Santa Efigênia. É o sentimento que sustenta o compromisso de realizar a Festa todos os anos, que compensa os esforços e o cansaço. Alguma mística que enche de graça e de encanto a existência do congadeiro quando sai à rua com seu terno para louvar Nossa Senhora. Alguma mística que enche os olhos dos devotos que acompanham as batidas dos ternos fardados no cortejo à Senhora do Rosário.

A congada desenvolve-se numa cultura não estática, mas em movimento, que se atualiza todos os anos através dos rituais da Festa – e dos preparativos que a antecedem. É um compromisso que deve ser renovado pelos devotos da melhor forma que puderem fazê-lo, sem dispensar flores, condecorações, cores, suor e alegria no dançar e no cantar para a Senhora do Rosário, para o público, para outro terno.

Assim o foi de maneira resumida, bem resumida, até o ano de 2019, na 143ª edição da Festa do Rosário. Mas o universo da congada diz respeito a disputas, negociações, ocupações, associações, não podemos presumir que sua constituição em Catalão aconteceu sem conflitos ou de maneira harmoniosa o tempo todo. Ao contrário, situações conflituosas, interesses e concepções diversas, tendências novas fazem parte das transformações pelas quais a Festa se renova – como veremos atentamente no próximo capítulo.

Com a pandemia de Covid-19, deflagrada em março de 2020, as aglomerações, parte intrínseca da coletividade da Festa, tornaram-se aliadas do vírus. O isolamento social foi a chamada do momento, a princípio para conter a disseminação do vírus, depois de disseminado para reduzir taxas de transmissão. Quarentena de duas semanas seriam suficientes? Ou talvez

dois meses? *Lockdown*<sup>27</sup> nas cidades seriam eficazes? Muitas incertezas quanto ao tempo de isolamento necessário e quanto às formas de voltar as atividades, quando fosse possível.

De início, eventos foram adiados para datas indeterminadas. A Festa do Rosário é em outubro, então o que sentíamos eu e os congadeiros era esperança de que até outubro o vírus pudesse ser contido e os eventos coletivos pudessem ser mantidos. No meio das incertezas, a principal forma de comunicação passou pelos celulares (smartphones) e plataformas online. Se até então a comunicação digital servia para trocar informações imediatas e arquivos de mídia, ou para agendar encontros presenciais, passou a ser predominante. WhatsApp para comunicações instantâneas privados ou em grupos, *Facebook* para publicações mais “públicas” ou, no mínimo, para alcançar um nicho maior – os “amigos” adicionados nos perfis ou os seguidores das páginas.

De março a junho, angústias e incertezas nos rondavam. No *Facebook*, especulações de toda sorte levaram a diretoria da Irmandade a se pronunciar antes do pronunciamento oficial, isto é, antes de acordar junto à Secretaria da Saúde os marcos para a realização da Festa do Rosário de 2020. A prefeitura lançou um decreto cancelando a “parte social” da Festa (barraquinhas, ranchão e ceias), o que fez com que muitos pensassem que a Festa seria cancelada em sua totalidade. A Irmandade negociou ao longo de junho a realização da “parte religiosa”, nos marcos das medidas restritivas: número reduzido de pessoas e transmissão online dos rituais.

No primeiro dia de julho saiu o informe oficial da Irmandade, na página do *Facebook*:

E por meio desta nota informativa viemos anunciar que estamos de acordo com o cancelamento da parte social (Tradicionalis barraquinhas, ranchão do Rosário, Ceias e outros) decretado pela prefeitura Municipal da cidade. E sobre a parte religiosa (Terço e Missas) decidimos que acontecerá de forma online respeitando todas as normas postas pela OMS e órgãos da área da saúde envolvidos, assim todos poderão acompanhar de suas próprias residências. (IRMANDADE - NOSSA SENHORA DO ROSARIO - CATALÃO/GO, 2020, *Facebook*).<sup>28</sup>

A reação ao anúncio foram comentários de tristeza, lamentações e pedidos de intercessão de Nossa Senhora do Rosário, para “rogar por nós e ter piedade de vossos filhos”. Os ternos se pronunciaram na sequência em suas páginas, seguindo as orientações da Irmandade, assim alcançando aquelas pessoas que porventura não acompanhassem as redes sociais da entidade. Diante do fato de que parte da Festa fora cancelada e sua parte religiosa restrita e transmitida virtualmente, surge o imperativo do trabalho de campo digital, como uma

---

<sup>27</sup> “Lockdown” é o termo como foi popularizada a medida de fechamento total do comércio e circulação. Muitas cidades discutiram essa medida e sua eficácia, contudo poucas foram as que adotaram. Catalão não está entre elas.

<sup>28</sup> Publicação na página da Irmandade, disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3243922185659435>.

forma de dar continuidade ao projeto etnográfico, o que significa acompanhar os(as) congadeiros(as), estar onde eles(as) estão, viver e elaborar com eles(as) um novo conhecimento sobre a realidade em comum (INGOLD, 2016, p. 407).

Nos experimentos, improvisos e adaptações à nova realidade, seguimos com o que já fazíamos antes do começo da pandemia, agora com as restrições da dimensão presencial: comunicação online, divulgação de eventos pelas redes sociais. Portanto, um experimento de trabalho de campo digital começa antes mesmo de termos a consciência e a atenção requerida. O que passou em nosso caso foi o mesmo que passou em outras pesquisas cuja jornada antecede à pandemia: um giro para o digital, concomitante com a preocupação com a saúde coletiva e novos modelos de sociabilidade.

## 1.2. Giros, experimentos

Em um mundo hiperconectado como a nosso, que dentro outros mundos diversos em interação, pensar isolamentos generalizados causa inquietações tantas quanto impossibilidades materiais. A pandemia é um evento mundial, um acontecimento significativo (SAHLINS, 2003a, p. 191) cujas consequências não se esgotam nas questões epidemiológicas e suas afetações estão se mostrando a médio e longo prazo. Acontecimento significativo no sentido de cada grupo social lidou conforme o repertório de práticas e conhecimentos já conhecidos, ao mesmo tempo em que a pandemia alterou esse repertório.

Na metade de 2022 temos quase 80% da população brasileira vacinada pelo menos com a segunda dose contra a covid-19, a maioria das atividades retornou aos formatos que eram antes da pandemia (apesar de crescimento irreversível do “home office” e de eventos online), as máscaras não são mais obrigatórias na maioria dos lugares, o que faz com que muitos considerem estarmos em um momento “pós-pandemia”, mesmo que os pesquisadores epidemiológicos digam que “a pandemia está longe de ser encerrada” (GALVÃO, 2022)<sup>29</sup>. Em julho o Brasil ainda mantinha uma média de 200 mortes diárias por covid e 50 mil novos casos por dia<sup>30</sup>. Esses dados, além das consequências econômicas, políticas, psicológicas, educacionais e sociais de um modo geral nos faz questionar se existe (ou existirá tão logo) esse

---

<sup>29</sup> Walder Galvão. 14/07/2022. “Covid-19: pesquisadores alertam para possibilidade de nova onda até fim do ano no Brasil” Disponível em: <[https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/14/covid-19-pesquisadores-alertam-para-possibilidade-de-nova-onda-ate-fim-do-ano-no-brasil.ghtml?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=g1](https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/14/covid-19-pesquisadores-alertam-para-possibilidade-de-nova-onda-ate-fim-do-ano-no-brasil.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1)>.

<sup>30</sup> Dados extraídos da atualização diária feita pelo SUS, disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

“pós-pandemia” – ou se temos aprendido, após o susto e o luto, a conviver com novas doenças, novos cuidados, novas sequelas.

Seja como for, desde o final de 2021, com a vacinação avançando em Catalão, alguns eventos presenciais foram realizados pela Irmandade, em parceria com o casal de festeiros. Além de “reunir o pessoal”, os eventos têm como objetivo arrecadar fundos para a entidade, para a Festa do Rosário ou como campanhas beneficentes, como o caso do “Futebol solidário”. No 20 de novembro deste ano, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, foi feita uma noite com grupos de pagode e, antes da festa, teve a missa, uma apresentação de capoeira e um “misturado das congadas de Catalão”. Em 2022 esse tipo de evento tem sido ainda mais frequente.

Pela velocidade das mudanças, em todos os âmbitos aqui abordados – digital, local, viral, congadeiro –, as exposições e análises que seguem são dialógicas, feitas em um momento passado que naquele momento era o presente e também refeitas em retrospecto. No limite, é quase tudo sobre experiências e experimentos de vida e de pesquisa em tempos pandêmicos, cuja revisão passa por esse suposto período de “pós-pandemia” ou, ao menos, de efeitos limitados.

### *1.2.1. Ciências e pandemia*

No contexto mundial de crise, com suas expressões e realidades política e culturalmente situadas, as ciências respondem às demandas colocadas a partir das ferramentas de cada área, ou têm de usar a criatividade para criar ferramentas, técnicas e adaptações. Uma parcela considerável das ciências biológicas e de materiais voltou-se para o coronavírus e os problemas em torno, suas variantes e efeitos na vida coletiva e individual, na busca de soluções ou de redução de danos.

Em poucas semanas o mundo, a partir de resultados dos estudos de microbiologia e epidemiologia, pôde saber que a transmissão do vírus acontece por gotículas pelo ar ou contato direto. Portanto, máscaras adequadas são essenciais para contenção, e encontros ao ar livre oferecem poucos riscos, desde que mantenha distância e/ou máscara. Se nossas rotinas foram alteradas – e diversas vezes – seja pelos decretos, seja pelos sentimentos medo, terror, luto, ansiedades, uma parcela se deve às descobertas científicas – gradativas e, por vezes, divergentes

ou recheadas de debates. A vacina é um caso emblemático do giro das ciências biomédicas, desenvolvida em tempo recorde (RIBEIRO [s.d.]; GALLAGHER, 2020)<sup>31</sup>

As ciências sociais, alinhadas a essa responsabilidade e refletindo o momento presente, tiveram uma considerável mobilização em torno dos efeitos da pandemia nas sociabilidades, nas culturas, nas políticas públicas e transformações em curso de toda sorte. Mobilização essa paralela e por vezes imbricada às demais ciências, uma vez que a crise na atual dimensão – não diferente de quase todos os fenômenos humanos - não encontra as fronteiras do conhecimento acadêmico, mas ao contrário, expõe a malha das realidades tecidas em todos os aspectos e níveis de relações, a despeito de serem didaticamente separadas em “temas” ou “áreas” políticas, econômicas, culturais, sanitárias, médicas, históricas, sociológicas, antropológicas, filosóficas e um extenso etc.

É diante desse entrelaçamento todo que a produção de conhecimentos mesmo teve de ser alterada, senão no conteúdo, ao menos no formato – que, por natureza está tecido ao conteúdo – deixando-nos inescapável à pandemia. Debates de como realizar pesquisa nas Ciências Sociais e áreas afins tocaram na centralidade da comunicação digital e dos espaços em que as pessoas passaram a se encontrar: as redes sociais, a internet. Como exemplo podemos lembrar dos três últimos Encontros Anuais da ANPOCS e das 32ª e 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizados de forma totalmente virtual, além de tantos congressos, webinários e *lives*.

As publicações científicas, já há algum tempo digitalizadas ou em processo de digitalização, tiveram edições especiais para refletir sobre a pandemia. O mais significativo e rápido nas ciências sociais foi o Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus<sup>32</sup>, publicado pela ANPOCS diariamente durante o primeiro semestre de 2020. Revistas científicas também tiveram edições especiais, com artigos de pesquisadores sobre/na pandemia, como a Cadernos de Campo<sup>33</sup> da USP, a Horizontes Antropológicos<sup>34</sup> da UFRGS, a Religião e Sociedade<sup>35</sup> do

---

<sup>31</sup> Reportagens sobre o tempo recorde da vacina do coronavírus estão disponíveis em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55049893>>. (GALLAGHER, 2020).; <<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/2636-por-que-a-vacina-contr-a-covid-19-foi-desenvolvida-em-tempo-recorde>> (RIBEIRO [s.d.]).

<sup>32</sup> Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2325-boletim-semanal>>. Acesso em 2020.

<sup>33</sup> Revista Cadernos de Campo, v. 29, n. supl. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/issue/view/11526>>. Acesso em 2020.

<sup>34</sup> Revista Horizontes Antropológicos, v. 27, n. 59, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/i/2021.v27n59/>>. Acesso em 2021.

<sup>35</sup> Revista Religião e Sociedade, v. 41, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://religioesociedade.org.br/revistas/v-41-no-02-2021>>. Acesso em 2021.

ISER. O polêmico<sup>36</sup> livro “Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias” (AGAMBEN et al., 2020)<sup>37</sup> lançado logo em março nos mostra a escala e a velocidade da mobilização de renomados pensadores ao redor do mundo – o que podemos inferir das ciências humanas, a reboque (JABBOUR, 2020).

De lá para cá, uma infinidade de publicações surgiu na intenção de refletir sobre a pandemia ou sobre outro tema enquanto vivido na pandemia. O livro “A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia”, lançado pelo Museu Nacional (UFRJ), é uma importante referência para contextualizarmos a realidade da Festa do Rosário de Catalão em um movimento mais amplo das festas populares pelo Brasil, que tiveram condições semelhantes e criatividade diversas para viver, entrar e sair da pandemia.

Acompanhando o movimento de transferência de atividades para as plataformas digitais, a chamada plataformação<sup>38</sup> da vida, o trabalho de campo digital apareceu como alternativa para as pesquisas em andamento que tiveram parte do (ou todo) trabalho de campo inviabilizado ou drasticamente alterado com as medidas de isolamento social (POELL; NIEBORG e VAN DIJCK, 2020, p. 2). Na esteira a etnografia digital e a antropologia digital ganharam notoriedade, e a internet tornou-se objeto de estudo relevante ou meio de campo viável.

Não que antes não o fosse, há algumas décadas etnógrafos(as) se dedicam a compreender os fenômenos próprios dos/nos meios digitais e antropólogos(as) refletem as possibilidades de vida humana que atravessam o digital – e o digital atravessando e compondo a vida humana. O que aponto aqui é a expansão das redes sociais como meio de sociabilidade e das plataformas em geral como ferramentas cotidianas durante a (e forçada pela) pandemia e a consequente expansão/extensão das pesquisas dos/nos meios digitais – fluxo no qual nos situamos.

Em consonância com a dinâmica descrita acima, os trabalhos etnográficos de Caroline Bottino, Eva Scheliga e Renata Menezes, apontados resumidamente no artigo “Experimentos etnográficos em redes e varadas: a religião em tempos de pandemia” (2020) são exemplares, pois estão comprometidos com a religião vivida, elaborada e manifesta no cotidiano e, portanto, que acompanha os fluxos sociais. As autoras não caem nas armadilhas do “discurso vírus-

---

<sup>36</sup> Sobre a polêmica, um dos comentadores é Elias Jabbour, disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-china-muito-alem-da-sopa-de-wuhan/>>.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf?fbclid=IwAR386959-q7FG9ZCeGsEFSxGBOerZNNMf3sIhmLn8nYjcieT4QA-yyx6zE>>.

<sup>38</sup> “A plataformação é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Ela também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas.” (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020, p. 2).

cêntrico”<sup>39</sup>, apontado por Segata (2020a, p. 8-9), ao focar as problemáticas situadas em relação ao vírus e suas consequências pandêmicas, localizando espacial e temporalmente a pandemia, as condições e expressões do vírus no contexto em que seus trabalhos de campo já estavam em marcha, e, por fim, apontam interpretações, ações e reações localizadas.

### 1.2.2. *Etnografias*

Uma vez colocado o trabalho de campo através e entre ambientes digitais, procurei pelo que já havia sido dito sobre eles sob ótica etnográfica. Percebi que não era uma simples migração de espaços o movimento necessário para a pesquisa que estava propondo, mas um tanto mais complexo. Em primeiro lugar, há de considerar a internet e os ambientes virtuais como espaços de vivência e de produção cultural, tanto quanto a rua, a casa, as instituições, os espaços “físicos” em geral. Porém a virtualidade, a distância material de corpos, a dinâmica interativa própria das redes online e da gestão algorítmica elaboram novas regras e condutas de comportamento e organização; ou, ao menos, tais regras e condutas que já existam fora da internet, passam por adaptações às especificidades das redes online.

Em segundo lugar, a internet é antes as *internets*. Nem sua lógica de funcionamento nem a forma como vem sendo estudada nos últimos 30 anos são as mesmas ou lineares; tampouco os diversos usos que são feitos das redes online – que carregam elementos das localidades em que estão inseridos. A internet e os espaços digitais estão em constante transformação e atualização; portanto, toda análise é uma análise recortada. Por último, em nosso caso, a complexidade colocada é expandida pois nos propomos a investigar as adaptações e novas formas de sociabilidade e de vivência de uma religiosidade que tem seu lugar por excelência como a rua, os espaços públicos, os encontros da Festa do Rosário, e cuja constituição da devoção começa nos corpos e não se encerra nos encontros.

O esforço dos primeiros antropólogos brasileiros para inserir a (na época) chamada cibercultura (LÉVY, 2010 [1997]) em suas agendas, a despeito da desconfiança de seus pares<sup>40</sup>, levou a consolidação desse campo a partir de trabalhos que estenderam, adaptaram e, em última

---

<sup>39</sup> O “discurso vírus-cêntrico” seria aquele que superexpõe o vírus e privilegia “explicações tecnocráticas e elitistas da biomedicina hegemônica” enquanto “obliteram conhecimentos e práticas locais”. No centro do discurso vírus-cêntrico há modelos globais e explicações da biomedicina hegemônica (SEGATA, 2020a, p. 8-9).

<sup>40</sup> Segata (2016a: 93-96) descreve o esforço feito pelos pesquisadores do CiberGrup (primeiro grupo de estudos do ciberespaço e da cibercultura no Brasil) para demonstrar que “havia gente” no ciberespaço, sendo, portanto, um ambiente propício para a pesquisa etnográfica e para repensar e aplicar antropologia.

instância, reformularam a Antropologia, diante da compreensão de fenômenos nativos da internet (SEGATA E RIFIOTIS, 2016). O êxito do processo pode ser justificado na defesa da *cibercultura como uma produção da sociabilidade humana*, tão legítima quanto todas as culturas construídas offline<sup>41</sup>, não obstante, não cindida a estas últimas. (HINE, 2015; HINE 2020; MILLER, 2004).

A mediação de computadores, redes virtuais e demais artefatos da tecnologia não é suficiente para desqualificar ou reduzir as interações, comunicações e produções resultadas das relações virtuais. Mas, ao contrário, inclui compreender que toda comunicação é mediada, seja por gestos, pela voz, pelas palavras, pela corporalidade, por computadores, por cabos de fibra ótica, pelo ambiente, por plataformas digitais, de forma que a cibercultura se constituiria como mais uma espécie de “cultura”, não menos humana nem tampouco menos material que aquelas restritas aos ambientes offline.

Se estamos tratando de novas formas de estabelecer relações culturais, os fenômenos encontrados na internet podem (e devem) ser analisado segundo a lógica concebida pelas etnografias “tradicionais”, com as devidas adaptações, reformulações e elaborações conceituais e metodológicas. Em nossa pesquisa, isso se mostra ainda mais necessário por duas razões. Primeiro por ter sido uma “migração” forçada pela situação de distanciamento social, por ter transformado os ambientes digitais de auxílio de comunicação para centralidade dos “encontros”; por se tratar de uma tradição religiosa e cultural que tem no corpo e na oralidade seus suportes de expressão. Segundo que não se trata de um fenômeno nativo da internet, não é comparável, por exemplo, a uma reunião remota em que todos estão em lugares físicos diferentes e conectados em uma mesma sala digital. Os encontros presenciais aconteceram, com restrição de pessoas e de contato, não como antes, mas aconteceram. As implicações do digital aqui são outras, e é o que buscamos acessar (não apenas).

A busca, então, começa da comunicação à distância, partilhada por todos. Atravessa as experiências religiosas, culturais e artísticas transmitidas pelas redes sociais. Se desenvolve através das entrevistas, a maioria por videochamada, e das conversas de profundidade. E não se encerra no compartilhamento presencial dos rituais do último final de semana da Festa do

---

<sup>41</sup> As discussões em torno dos planos/esferas “online” e “offline” se divide, resumidamente, em: de um lado a compreensão destes planos como diferentes, porém não separados, em sensível comunicação e imbricação, de outro, o entendimento de que em algum momento recente da história “online” e “offline” passaram por um processo de hibridação, resultando em uma indiferenciação, tal que não é mais possível determinar onde começa um e termina o outro. A despeito de tais disputas, que não nos cabe aqui delongar, o termo “offline” será usado doravante neste trabalho como sinônimo de “*fora* das redes de conexão virtual, mediadas pela tecnologia eletrônica”. (Ver HINE, 2015 e 2020; e MILLER, 2004)

Rosário de 2021. Ainda que não tenha sido um caminho que nos permita dizer que pudemos ver “de dentro” tudo que foi elaborado, foi o mais “de perto” possível, dadas as condições extremas e instáveis (MAGNANI, 2002)<sup>42</sup>.

Dadas as dimensões a serem conhecidas dos imponderáveis e dos imprevistos foram exigidos, as reflexões e ferramentas discutidas na história da antropologia e da etnografia – entendidas aqui enquanto áreas de conhecimento afins, por vezes confundíveis, porém distintas – nos serviram antes de tudo para abrir a pesquisadora aos caminhos colocados pelo próprio campo. Para aprender ali, em campo, junto a atentar-me às “habilidades de percepção e capacidades de julgamento que se desenvolvem no decorrer de engajamentos diretos, práticos e sensíveis com aquilo que está à volta” (INGOLD, 2016, p. 407).

Assim, este trabalho materializa o reconhecimento antropológico de que não há teoria apartada da pesquisa, que os métodos e as técnicas utilizadas por cada pesquisadora depende da combinação entre a biografia dela, as escolhas metodológicas e de escrita, as condições do trabalho de campo, os eventos imprevisíveis e os contratemplos, da relação estabelecida com os interlocutores, as permissões concedidas (ou não) à pesquisadora. De forma que conhecemos aqui o movimento espiralado (SILVA, 2015), em que as memórias, as teorias, os movimentos práticos – digitais e presenciais – vão e voltam com as conversas, os sentimentos e a escrita, se entrelaçam e se preenchem.

Adianto desde já minhas (não) desculpas, caso a leitura se faça confusa, se quem nos lê se perder nesse emaranhado de pandemia, esperança, lamento, consolo, batuques calados, batuques permitidos, saudade, telas e mais telas, capturas de telas, congada, tradição, reinvenção. Talvez tenhamos nos sentido um pouco assim, confusos, emaranhados e um tanto solitários, mas com nossas devoções. E nesse mar de sentimentos e restrições, tentamos elaborar algo mais ou menos ordenado, manter tradições enquanto renunciávamos (não por vontade própria) ao que consideramos imprescindível.

Nesse caminho, em que contexto é parte da invenção que materializamos através dessa escrita (WAGNER, 2017), as condições do trabalho de campo nos colocaram relações diversas, através das quais buscamos junto aos(as) congadeiros(as) elaborar sobre o que vivemos. Tivemos desde entrevistas não-marcadas, mais espontâneas, ainda que com o roteiro previamente elaborado, até entrevistas marcadas com semanas de antecedência. Tivemos

---

<sup>42</sup> A referência aqui é à elaboração de Magnani (2002) quanto a perspectiva privilegiada “de perto e de dentro” para apreensão de padrões e tendências. Orientação que seria capaz de gerar o encontro do entendimento entre pesquisador e pesquisado, através do qual seria possível um novo arranjo como resultado da pesquisa.

conversas descontraídas e recheadas de trocas de informação que extrapolaram as perguntas, até um caráter digamos mais profissional e objetivo, quase jornalístico.

Não por acaso, a entrevista mais descontraída foi com Aldanice, que me recebeu em sua casa, com quem conversei por quase três horas. Ela é a primeira capitã do terno de congo Mariarte, o único da cidade composto apenas por mulheres, também o único que não tem redes sociais. Com mais de 70 anos de idade, Aldanice é negra e faz parte da “velha guarda” da congada de Catalão e foi professora durante 36 anos. Ela sequer cogitou fazer a entrevista por videochamada e logo me convidou para visitá-la, lá me contou toda história do terno, histórias de sua vida, me mostrou fotos e as fardas, alguém de me explicar o significado “de cada coisinha”. Estive de máscara todo o tempo, apesar de ela e o marido não mostrarem importar muito, nem usarem máscaras.

Desventura do destino, uma pesquisa mediada pelo digital pode não ser tão levado a sério pelas pessoas: mais de um interlocutor desmarcou seguidamente as entrevistas marcadas; com três deles não conseguimos concretizá-las em tempo, ainda que tenhamos trocado mensagens escritas e de áudio no WhatsApp. Apesar disso, todos se mostraram solícitos em realizá-las, inclusive os que não fizeram, o que abre a interpretação de que mesmo considerando importante a pesquisa e sua participação nela, pode haver compromissos que sejam mais importantes ou urgentes, ou ainda que seja dada uma importância apenas formal, no sentido de conferir visibilidade.

Os dados etnográficos, apesar de analisados com maior atenção quando a pesquisadora “se retira” do campo e se põe a escrever – a escrita acadêmica exige elaboração profunda e coerência –, eles são construídos e elaborados no momento mesmo em que acontece o encontro. As reações e respostas dos interlocutores são constituídas primeiramente por suas próprias vivências e formação, mas também pela forma como recebem/percebem a pesquisadora, logo com sua postura durante o encontro. Dessa forma é que todas as condições do trabalho influenciam na construção, ao ponto de o próprio campo extrapolar antes e depois o “campo” malinowskiano (SILVA, 2015, p. 27), como foi experienciamos. Não existe “se retirar do campo”, quando ele acontece através do celular ou quando entra na casa da pesquisadora através do computador. O que fizemos foi limitar as análises às vivências no período entre 2020 e 2021, mas as conversas e entrevistas se prolongaram nos primeiros meses de 2022.

Nessa linha, Peirano (2014) demonstra como a etnografia *não* é método, nem “o” método da antropologia, a despeito de ser largamente feita por antropólogos. Etnografia seria um caminho aberto ao imprevisível do contato, de forma que os métodos e as teorias são

construídas e elaboradas durante o caminho, no movimento espiralado de teoria e empiria. Considera-se as referências de experiências etnográficas anteriores, mas é na dialogia com os atores e contextos trabalhados, movidos pela necessidade de analisar aquilo que estranhamos e que nos surpreendem, que os métodos e teorias são construídos, reavaliados ou inventados na realidade da pesquisa, do campo. É sempre um teste de contrastes, de possibilidades, em que os parâmetros de validade são estabelecidos pelos contextos sociais que pesquisamos (idem, p. 389).

Nos anos 20 do século XXI lidamos com o paradigma, mais ou menos consolidado, do conhecimento etnográfico como um saber coproduzido, não originário apenas do pesquisador, mas elaborado de maneira relacional com seus interlocutores no contexto específico dos encontros, do trabalho de campo, e ainda reinventado a cada leitura. O que não significa, contudo, que agora temos uma produção de conhecimento que escape às relações de poder. Os debates que depois foram reunidos em torno dos “estudos pós-coloniais” no universo anglofônico, e aqueles “decoloniais” pensados por latino-americanos colocaram a urgência de situar todos os agentes envolvidos no conhecimento antropológico, desde a força institucional da academia, a pessoa que se coloca a pesquisar às pessoas com quem pesquisa e para quem se dirige a escrita.

Por isso as implicações de eu, quem escreve, a despeito de ser “da cidade”, ser também uma mulher branca, não congadeira e não estar inserida nos “circuitos culturais” da cidade ou na Igreja Católica, traz consequências teórico-etnográficas ao nosso trabalho. Como a dificuldade de criar vínculos de proximidade com os interlocutores para além dos momentos do “campo”<sup>43</sup> ou de não ter conhecimento prévio dos encontros “não públicos”, não divulgados, que aconteceram durante a pandemia. Nesse último caso, pude acompanhar aqueles que foram transmitidos em tempo real pelo Facebook e que “chegaram” até o meu “feed”; tiveram ainda os que não chegaram e que encontrei a gravação dias depois, perambulando pelos perfis dos ternos.

A despeito das dinâmicas dos ambientes digitais, estar inserida na academia em alguma medida conferiu certa autoridade ao trabalho de forma receptiva, em que a legitimidade de pesquisadora não foi questionada, e mesmo as perguntas mais instigadoras ou talvez inesperadas para eles não foram rebatidas com hostilidade, nem de maneira fugidia. Ao

---

<sup>43</sup> Percebi durante a pesquisa que, de fato, a “pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar” (PEIRANO, 2014, p. 379). O que trago aqui é uma dificuldade relacional de digamos estreitar laços com os interlocutores. Primeiro por não ter tido proximidade anterior à pesquisa ou alguma inserção individual prévia, segundo por não termos tido encontros pessoais presenciais, senão em momentos que, assim como nos encontros virtuais, não estive visível: os cortejos e carreatas da Festa do Rosário.

contrário, parece terem percebido a pesquisa como uma forma de reconhecimento e valorização da “cultura da congada”.

Não posso ignorar, contudo, que o fato de ser mulher possa ter influenciado na dificuldade naquelas entrevistas que não foram realizadas. Nas que foram feitas, a posição acadêmica e o fato de ser da cidade prevaleceram em relação ao gênero. Em uma delas, com Fabinho, industriário de 43 anos, me disse, na sua humildade católica, que talvez não saberia tanto quanto eu queria saber, que eu poderia saber até mais que ele, mas que estava disposto a me ajudar<sup>44</sup>. Caixeiro do “Prego”, sobrinho de seu Elzon Arruda, portanto da família fundadora, Fabinho é negro e dançador desde os 8 anos de idade, tem experiência e saberes muito valiosos, que formação nenhuma poderia me fornecer – foi o que eu lhe respondi, agradecendo sua parceria.

De modo geral, durante as entrevistas fui percebida como uma pesquisadora, curiosa e poderia dizer até devota de Nossa Senhora do Rosário. Nesse momento durante as entrevistas, em que percebiam em mim algum traço de religiosidade, mesmo que não expressa, a autoridade se invertia; possivelmente eles sentiam que eram os principais agentes humanos da religiosidade em questão, que me incitava fé, admiração e curiosidade.

Assim que compreendemos que levantar as nuances das posições dos atores envolvidos na pesquisa é também uma forma de elevar a atenção para além dos próprios atores. Analisar os diálogos não separados dos contextos, em que estes últimos seriam apenas um “plano de fundo”, mas considerando os contextos mesmos como constituintes dos diálogos e os diálogos (ou, podemos expandir, as relações) constituintes dos contextos é outra forma de se colocar, enquanto pesquisadora, como aprendiz do mundo<sup>45</sup>, da cultura, dos que se relaciona e de si.

Mundo esse situado, como também integrado. Por isso que, mesmo que tenhamos como fim prévio desse trabalho a escrita etnográfica, inserimos nossas reflexões também na esteira do conhecimento antropológico, para que sejam colocadas nos “grandes debates” sobre as possibilidades de vida humana e de futuro (INGOLD, 2017), como por exemplo, o

---

<sup>44</sup> Entrevista realizada por videochamada, em fevereiro de 2022.

<sup>45</sup> Aqui penso no que ensina os professores Simas e Rufino (2018, p. 37-38) sobre “o pesquisar em atitude de cambono”. “O cambono é uma espécie de auxiliar de pai de santo e das próprias entidades que, ao mesmo tempo, atua como um “faz tudo” no terreiro”, “aquele que deve assumir a condição tática da ignorância, já que também está na condição de constante aprendiz”; “o cambono é aquele que se permite afetar pelo outro e atua em função do outro”. Inspirada na função do cambono, mantemos certa fidelidade à dúvida e uma abertura para as possibilidades e para os “efeitos de mobilidade necessários para a prática do cruze”, uma vez que mergulhamos em um universo de cruzamentos, em que as existências foram forjadas no cotidiano, pelas reinvenções e criatividades que reivindicam “o poder das sabedorias atravessadas e a inventividade dos seres afetados pela retirada compulsória dos seus lugares de origem” [em relação à diáspora africana] (id.: 41).

entrelaçamento da vida ao digital (ou plataformização da vida) e as novas formas de vivência religiosa (ou criatividade adaptativa delas).

Antes de seguir protocolos ou repetir experiências etnográficas canônicas, acredito que uma antropologia responsável com o propósito do conhecimento deve ir além de fórmulas prontas que a reduzam em uma espécie de “teoria que resulta de uma etnografia”, e esta última meramente como descrição da observação participante feita. Compreender a antropologia como “prática de educação” (INGOLD, 2016), em que a observação participante é antes de tudo um processo educacional, é ainda mais frutífero para corresponder ao compromisso ontológico intrínseco à pesquisa antropológica, pois “mais que qualquer outra disciplina das ciências humanas, detém os meios e a determinação para mostrar como o conhecimento emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto com outros.” (INGOLD, 2016, p. 407).

### *1.2.3. Etnografia digital: histórico, experiências e o experimento*

Se o leitor ou a leitora me permite, gostaria de fazer uma breve saída da narrativa etnográfica para pensarmos a história e um certo desenvolvimento das reflexões etnográficas que nos antecedem. Para então retornarmos com mais consciência contextual e acadêmica de onde partimos, de onde estamos. Se quiser poupar-se de divagações teóricas, o conselho é que pule para a próxima seção, em que nossa narrativa retorna em “As condições do trabalho de campo e as implicações”.

A etnografia ou as etnografias, em diálogo com diversas áreas do conhecimento além das ciências sociais, foram adaptando a prática da pesquisa e reformulando a própria concepção, sem abandonar o preceito de convivência direta com o grupo pesquisado – entendido agora como não mais obrigatório, mas fundante. A antropologia, por seu lado, foi percebida como uma disciplina que pode transcender à prática etnográfica (GIUMBELLI, 2002), sem desvalorizar a importância da observação participante dos fenômenos estudados e reconhecendo o tipo específico de conhecimento produzido pela etnografia.

A etnografia digital seria uma das expansões da etnografia, colocada a partir das dinâmicas sociais atravessadas pela tecnologia digital, em desenvolvimento há pelo menos 30 anos. Sem romper profundamente com a etnografia convencional (ou offline), realiza as adaptações às especificidades da internet, das relações mediadas pela tecnologia digital e de cada campo específico, no intuito de acompanhar os fluxos da vida social que foram povoam as plataformas digitais.

Cabe lembrar de antemão que há alguns anos é raro encontrar etnografias que não passem de maneira alguma pelo digital, mesmo quando não aparece no texto. Sobre isso dois apontamentos: 1. a despeito do trabalho de campo acontecer de forma presencial, as vidas de etnógrafos(as) e interlocutores(as) podem estar, e provavelmente estão, inseridas em ambientes digitais ou têm suas relações facilitadas por eles, de forma que o digital compõe a paisagem<sup>46</sup> (no sentido Ingoldiano) em que acontece a pesquisa; 2. parte do levantamento inicial pode ser, e provavelmente é, feito através dos mecanismos de busca da internet, das páginas online, estatísticas, dos periódicos com publicação online e obras digitalizadas. Esses elementos não fazem de toda etnografia uma etnografia digital, mas nos mostra como a internet está incorporada ao cotidiano (HINE, 2020), às convencionalidades.

Mas a subárea da Antropologia Digital foi sistematizada no começo da década passada (MILLER E HORST, 2012; 2015), com o intuito de refletir sobre a capacidade e a velocidade do digital em tornar suas inovações como “normativamente humanas”, e como isso nos ajuda a compreender o próprio humano, sobretudo em razão das convergências entre a constituição do digital e da cultura<sup>47</sup>. A proposta do campo seria assim “estabelecer pontes de reflexão entre o digital, a cultura e as redes de sociabilidade” (MACHADO, 2021, s/p).

O esforço, portanto, foi para em um primeiro momento provar que existia gente e cultura na internet, a “*cybercultura*”. Depois foi mostrar que os “online” e o “offline” estavam antes em integração, compondo-se mutuamente na vida social, ao invés de constituir mundos separados (MILLER E SLATER, 2004). Superado o fato de que a internet já está estabelecida enquanto “incorporada, corporificada e cotidiana”, nos últimos tempos a Antropologia Digital, por certo as ciências sociais, tem se dedicado a compreender como as lógicas algorítmicas e computacionais funcionam, e como se relacionam com importantes dinâmicas sociais.

O dossiê “Ciências Sociais Computacionais” da Revista Simbiótica (2021)<sup>48</sup>, e a Revista Internet & Sociedade<sup>49</sup>, criada em 2020, são exemplos do panorama que nos referimos. Também muitas antropólogues têm pensado o digital a partir de seus campos de pesquisa, como a saúde, a relação humano-máquina, estratégias políticas e da própria antropologia; como os

---

<sup>46</sup> Conf. INGOLD (1993).

<sup>47</sup> Os autores acima negam que a cultura digital seja menos autêntica ou natural do que as precedentes, mas ao contrário, intensifica elementos próprios da cultura, como a dialética, o holismo e o relativismo (MILLER E HORST, 2015, p. 99). Segundo eles, a condição da cultura é ser material, e “a Antropologia é uma das poucas disciplinas equipadas para imergir a si no processo pelo qual a cultura digital torna-se cultura normativa e entender o que ela nos diz sobre ser humano” (idem, 2015, p. 108).

<sup>48</sup> **Revista Simbiótica**, v. 8, n. 4, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/simbiotica/issue/view/1412>>. Acesso em 2022.

<sup>49</sup> **Revista Internet&Sociedade**, v. 2, n. 2, dez. 2021. Disponível em: <[https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/03/AF\\_Revilab.v1n4\\_V3.pdf](https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/03/AF_Revilab.v1n4_V3.pdf)>. Acesso em 2022.

trabalhos de Cesarino (2020b; 2021c) que relacionam a ascensão do populismo e a lógica neoliberal com os esquemas algorítmicos, e os de Segata (2016; 2017).

Não é pelo fato de o trabalho de campo ser completa ou parcialmente realizado nos meios digitais que devemos perder de vista a etnografia como o conhecimento (co)produzido no encontro e seus métodos também elaborados no percurso da pesquisa, e a antropologia como “especulações sobre a forma de viver” (INGOLD, 2017) ou sobre “a vida como é vivida” (MILLER E HORST, 2015), muitas vezes utilizando etnografias e/ou observação participante para elaborações.

Nos trabalhos desenvolvidos por antropólogos(as) brasileiros(as)<sup>50</sup>, o mais comum é encontrarmos uma imersão no campo, cujos métodos se constroem diante das possibilidades apresentadas ou pela preambulação nos espaços virtuais selecionados ou pelo acompanhamento de “cibernautas” (SEGATA, 2016) escolhidos; o recorte acontece mais através dos fluxos dos interlocutores ou usuários e menos por ambientes previamente delimitados – como também foi o nosso caso.

Entre tantas etnografias mais recentes, gostaria de citar três, para trazer à baila o desenvolvimento desse tipo de pesquisa no Brasil, a diversidade de métodos e caminhos possíveis e o papel desempenhado pelas plataformas nos fenômenos e transformações sociais e nas sociabilidades. A tese de doutorado de Linz (2019) sobre “vazamento de nudes” na internet, transita por diversos ambientes, com imersões e comunicações variáveis. “Redes sociais, Projetos de Lei, relatórios de ONGs, eventos feministas, “rodadas hackers”, debates relativos a direitos na internet, literatura jurídica, desabafos, pedidos de orientações, conversas, reportagens” e daí segue uma lista (LINZ, 2019, p. 38-39); o que confirma sua orientação de etnografia “multissituada” (MARCUS, 1998, 2001).

Seguindo a noção de etnografia multissituada, muito pela necessidade da perambulação online que as pesquisas da/na Internet demandam, Santos (2018, 2020) em seu trabalho sobre os fluxos no aplicativo de encontros Tinder manteve contato com seus interlocutores em mais de uma plataforma, e ainda realizou encontros presenciais em três diferentes capitais. Esses dois trabalhos nos trazem que a internet é antes as internets, e o recorte feito em cada pesquisa é

---

<sup>50</sup> Como exemplos de primeiros trabalhos digitais de antropólogos(as) brasileiros(as), podemos citar as etnografias virtuais realizadas por Jean Segata (2008), Vencato (2013) e Parreiras (2012). A primeira foi desenvolvida junto com alguns interlocutores da cidade de Lontras (RS), em comunidade da cidade no Orkut e conversas no MSN na primeira década dos 2000; a segunda acompanha crossdressers, em blogs exclusivos, mais entrevistas e troca de mensagens; a terceira investiga o surgimento do altporn (pornografia alternativa) na internet e sua relação com comunidades online e sites direcionados. Os três foram realizados e publicados mais ou menos na mesma época – entre o final da primeira década e o começo da segunda.

apontado pelo próprio campo, pelos agentes-interlocutores e suas movimentações. Dada sua qualidade incorporada e cotidiana (HINE, 2020), o que acontece é a utilização de diversas plataformas, redes sociais, ferramentas do “presencial”, como documentos e eventos, e ainda as entrevistas presenciais ou remotas. Outro exemplo, do qual nos aproximamos mais, em relação aos campos forçosamente direcionados para as plataformas em consequência à pandemia, são os já citados trabalhos de Bottino, Scheliga e Menezes (2020).

O que percebemos através destes trabalhos foi o entrelaçamento das etnografias digitais aos fluxos sociais, às questões e sociabilidades relevantes a cada momento e a cada trabalho de campo. A web segue em contínuo aperfeiçoamento, atualização e modificação com o intuito de acompanhar as pessoas em seus cotidianos, ao mesmo tempo em que tenta determinar quais e como serão esses cotidianos, enquanto engaja sua atenção, de modo a produzir valor (CHUN, 2016).

Lembremos, então, de como a pandemia viral deslocou uma parte considerável das relações sociais e comunicações para o mundo da conexão online, das mídias digitais, aprofundando o processo de plataformização da vida. “Em si, a pandemia pouco tem a ver isto [o digital e os seus processos de subjetivação e de produção da vida]. Mas situações críticas que ela provoca, como a do isolamento social, parecem induzir ainda mais o uso de dispositivos conectados à internet. (SEGATA, 2020a).

As desigualdades de acesso a aparelhos eletrônicos e redes de conexão – que aumentou o contingente social de uma espécie nova de marginalidade social –, também se reflete nos campos de trabalho, limitando ou alterando os atores com que se pesquisa. Mas o contexto de pandemia trouxe à tona a legitimação do digital enquanto campo e ferramenta de pesquisa, além de impulsionar experimentações etnográficas. Isso porque o uso de mídias digitais e, em especial dos *smartphones*, que fazia parte do cotidiano da maioria de nós, em processo de hibridização ao próprio corpo, agora tem se tornado, em muitos casos, exigência de sociabilidade e compromissos.

Com os ternos da congada de Catalão observamos esse movimento, tanto da desigualdade e diversidade de acesso e usos, quanto da legitimação do digital. Mas por não se tratar de um fenômeno “nativo” da internet, as reflexões já consolidadas sobre o digital muito nos aportaram na pesquisa, enquanto impulso, ética e balizas para as experimentações. Contudo, o que fizemos foi experimentar e testar junto dos(as) congadeiros(as) formas de viver, de festejar e de pesquisar. Foi necessário, por exemplo, refletir a falta que faz o encontro presencial

e integral dos corpos que pertencem à congada, dos irmãos do Rosário, assim como o que significou o encontro restrito e improvisado.

Assim, os apontamentos teóricos que trouxemos aqui estão em certa medida à parte da narrativa justamente por ter servido de auxílio para minha caminhada, de forma que nosso trabalho reflete os avanços das reflexões acerca do digital e das transformações na concepção de etnografia, do fazer etnográfico e sua relação com a antropologia. Contudo não é possível enquadrá-lo nesse desenvolvimento mais ou menos linear da etnografia digital, senão pelo contexto de isolamento social que nos coloca lado a lado de pesquisadores e “fazedores de cultura” que se reinventaram através do digital em razão de “força maior”, que escapa às nossas escolhas primeiras. Trata-se de uma situação específica e inédita tanto em momento como em movimento.

#### *1.2.4. As condições do trabalho de campo e implicações; as experimentações*

A primeiro instante o destaque do digital aconteceu a partir do aumento na frequência de publicações de alguns perfis, diversas delas expressando o susto e o lamento em relação à pandemia. Com variações de atividade, grande parte dos ternos esteve ativa em suas páginas nas redes sociais, em especial no Facebook, e no Instagram em menor medida. Os perfis já existiam e as publicações também. Nos últimos outubro até 2019 havia muitas postagens, das quais trazemos um exemplo abaixo, de mensagens e fotos sobre a Festa do Rosário, nos perfis dos ternos, da Irmandade, de capitães e dançadores; cada um expressando sua fé, o orgulho do terno, o louvor a Nossa Senhora.

**Figura 1** - "Print" da página do terno de Congo do "Prego"



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Do Preto (2019)

O que vimos foi a intensificação forçada de um processo em curso, de imbricação das plataformas digitais ao cotidiano, do prolongamento de relações e rituais às plataformas. Tais mudanças foram mais tímidas e improvisadas no começo do isolamento social, e mais cotidianas, características, conscientes e elaboradas desde o começo de 2021. Nosso estudo bibliográfico e observação dos(as) congadeiros(as) acompanhou esse movimento, não sem limitações e surpresas.

Durante 2020 foi feito um acompanhamento quase diário destas páginas e perfis nas redes sociais (Facebook como principal e Instagram), cuja sistematização só acontece após a Festa “*online*”. A não formalização da aproximação cotidiana permitiu-me abeirar das interações, sem um olhar propriamente científico – sem saber que estava “fazendo trabalho de campo” –, entre ternos, capitãs(es), congadeiros(as) e devotos(as) expostas naquelas páginas de maneira mais pessoal. As páginas que mais atraíram minha atenção foram aquelas dos ternos que tem grande visibilidade na cidade (em relação às Festas dos anos anteriores) e que publicavam com certa constância – a do Congo do “Prego” e do Moçambique Mamãe do Rosário – além da página da Irmandade.

“A experiência mostra que o próprio campo condiciona o que observar e a quem.” (SILVA, 2015, p. 39). Na escolha dos dois ternos há de considerar, além das razões acima, minhas memórias e como elas influenciaram minhas predileções, a rede online de “amigos” do meu perfil, alimentada desde 2012, e a gestão algorítmica do Facebook que possivelmente destacou suas publicações no meu “feed”. Porém para as publicações serem destacadas, elas precisam existir e ter algum engajamento<sup>51</sup>. O que mostra que eram dois perfis ativos na rede social e com uma rede de curtidas (engajamento) já formada. Ademais, esses perfis tiveram, durante os dois anos em tela, publicações com certa constância e relevância, como as *lives* dos ternos, compartilhamento de publicações da Irmandade e homenagem aos santos.

Assim que a etnografia que seguimos aqui, inicia-se com o trabalho de campo (lembremos do campo para além do “campo”) nos meios digitais, junto aos(às) congadeiros(as), com o objetivo manifesto de compreender conjuntamente as transformações desse momento – e o que elas nos informam sobre nós. Contudo o campo não fica contido ao digital, posto que a proposta é antes acompanhar os congadeiros.

A primeira aproximação digital aberta, um tanto receosa e à espera dos encontros presenciais ou, no mínimo, de perspectivas um pouco mais estáveis, me afetou no sentido de me emocionar, me arrepiar com as *lives*, vídeos gravados, imagens publicadas e troca de comentários. Se o momento já era sensível, um tanto assustador e solitário, me conectar com os(as) congadeiros(as) trouxe certo acalanto de estar compartilhando o medo e também a “esperança por dias melhores”.

As emoções já foram logo de início uma surpresa, pois meu maior questionamento era em relação às sensações causadas pela congada e seus encantos, “aquela mística” da qual me falou o capitão Diogo<sup>52</sup>. A primeiro instante eu e os congadeiros sentíamos falta da presença do corpo, dos encontros. Não foi uma falta capaz de impedir de sentir, de barrar emoções, ainda que as tenha notificado. Dois dos interlocutores também relataram se emocionar com a transmissão de missas, como a de Aparecida - SP<sup>53</sup> realizadas na basílica, e com as *lives* de outros ternos.

---

<sup>51</sup> Em termos “internáuticos”, engajamento se refere aos cliques, comentários e visualizações que uma publicação recebe. No Facebook, existe a opção curtir (ou reagir com outros emoções, no mesmo botão), comentar e compartilhar uma publicação. O engajamento se refere ao acúmulo de cliques e ações; quanto mais engajamento, a mais pessoas/perfis o conteúdo é entregue.

<sup>52</sup> Em entrevista realizada no dia 05 de maio de 2021, por videochamada no WhatsApp.

<sup>53</sup> A emissora de televisão TV Aparecida transmite as missas realizadas no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida há mais de 15 anos. Hoje são também transmitidas (além da programação completa do canal), pela página no Facebook (<https://www.facebook.com/aparecidatv>). Sobre a TV Aparecida, acessar: <https://www.a12.com/tv/historia-tv-aparecida>.

O que fora incertezas e inseguranças, se transformara em desafios de conciliar minhas emoções e a organização dos dados extraídos dos elementos que me emocionam. Desafios da prática etnográfica. O olhar aqui exigido me convocava a entrar nas emoções dos(as) congadeiros(as) e devotos(as), através das expressões virtuais, em um só tempo com a sistematização das contribuições da etnografia digital, com o objetivo de alcançar a concepção que estes atores têm de sua religiosidade e as possíveis transformações, decorrente do isolamento social e alteração da Festa e seus rituais anuais.

Para começar a lidar com esses novos movimentos, uma das hipóteses levantadas de início seria que antes da pandemia havia comunicação digital entre os congadeiros de Catalão – assim como no começo de 2020 tantas outras relações eram mediadas pelos meios digitais – mas estaria limitada às questões organizativas e/ou imediatas, à espera do encontro presencial. As transmissões de eventos seriam, até então, como um complemento, para registro ou audiência/participação daqueles que não pudessem estar presentes e tivessem acesso às redes sociais. Com o isolamento social forçado pela crise sanitária, as mídias sociais digitais foram o principal meio de comunicação, não apenas com finalidade organizativa, mas como meio para realização de rituais – ou no mínimo, de coletivização deles, uma forma de renovação e atualização da fé, da devoção e do compromisso com Nossa Senhora.

Com as Festas do Rosário de 2020 e 2021, a hipótese mostra-se parcial. A realização das carreatas, o levantamento dos mastros (por cada terno e pela congada, no último sábado da Festa) foram rituais presenciais que, apesar das restrições quanto ao número de pessoas, a recomendação de máscaras e distanciamento, apontaram a necessidade do encontro dos corpos, da dança coletivizada e do contato com elementos sagrados, como a imagem de Nossa Senhora do Rosário e os mastros com bandeiras de Nossa Senhora e São Benedito.

A formulação acima decorre do entendimento, em consonância com os autores da seção anterior, que o trabalho de campo começa com a familiarização e observação inicial do universo de pesquisa. Porém, diferente do trabalho de campo presencial em que há deslocamento físico para os encontros, no campo digital não é tão materialmente demarcado início da “pesquisa de campo”, já que a etapa “pré-campo” de levantamento de dados se funde com o campo propriamente, de tal forma que a aproximação pessoal com os atores acontece gradualmente.

Da minha casa acompanho as publicações que, possivelmente, foram postadas da casa de alguém. Através da tela do computador assisto as *lives* com 2, 5 ou 6 congadeiros conversando, rezando e cantando. Sinto a “mística”, mas é através do ver e do ouvir, e antes, através da câmera que está posta a gravar. Não posso sentir o clima entre eles, não conheço o

espaço do encontro. Ninguém me vê. Posso comentar no espaço dos “comentários” da *live* ou clicar em alguma das reações colocadas pelo Facebook e aí alguém poderá saber que estou vendo. Mas ainda não sou vista.

No princípio o que ocorreu foi uma “observação oculta”; no nosso caso mais ou menos oculta, pois foi feito através de minhas páginas pessoais, e vez ou outra manifestava minha presença em alguma *live* ou publicação. Mas ainda assim, ninguém me vê, a não ser a foto do meu perfil. Do meu lado também só vejo aqueles que aparecem nas gravações, dos(as) comentadores(as) só tenho a foto do perfil (e muitas delas é uma imagem qualquer, não a foto da pessoa). Em um segundo momento estabeleci o contato direto através de mensagens no Facebook ou no Instagram com potenciais interlocutores(as) e troca de comentários. Me apresentei como catalana, admiradora da congada e pesquisadora, contei também das linhas gerais da pesquisa e das curiosidades em relação a como têm lidado com a pandemia. Todos se mostraram solícitos e logo migramos para o WhatsApp, aí então foi possível solicitar e realizar as entrevistas.

Houve ainda um terceiro momento, que suplanta o trabalho de campo nos espaços digitais, a acompanhar os(as) congadeiros(as): a 145ª Festa do Rosário, em 2021, em que estive com eles nos eventos presenciais públicos, isto é, aqueles que foram divulgados pela Irmandade e pelos ternos. As carreatas, missas, terços, levantamento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em frente à Capela do Rosário, e entrega da coroa.

As entrevistas e as *lives* foram os momentos cruciais de acesso às percepções e vivência dos(as) congadeiros(as), de diferentes formas em cada momento. Nas *lives*, sem o contato direto, no sentido de os lados serem vistos, o que acessamos são as mensagens que querem passar para um público mais amplo. No caso das transmissões de rituais, o encontro acontece nas intenções direcionadas ao sagrado, é uma reza coletiva e conectada através das redes. Nas entrevistas é o momento em que sou vista, ou antes, meu rosto enquadrado na câmera.

Vale lembrar que as atividades da congada nas redes sociais são antes de tudo uma espécie de medida paliativa, uma transferência forçada, em que algumas coisas provavelmente podem ficar de fora, dado seu caráter corporal e coletivo. As entrevistas remotas também o foram. Por não ter contato pessoal prévio com nenhum dos interlocutores, o envolvimento pessoal foi uma das coisas que ficaram de fora, o que conferiu um caráter distanciado nas entrevistas mediadas pelas telas.

Se não existe uma fórmula pronta para trabalhos de campo presenciais, tampouco podemos pensá-la para seu formato digital e ainda menos para as entrevistas neste formato.

Christine Hine, segundo Ferraz (2019), defende a vantagem do diálogo entre diferentes plataformas de redes sociais, porém ressalta a necessidade da formalidade do etnógrafo(a), em diferenciar conversas formais e entrevistas online, em que pesem “a postura de apresentação do etnógrafo e o domínio da abordagem verbal técnica” (idem, p. 59). A posição de Hine é criticada por Ferraz, que sobreleva “a habilidade necessária do etnógrafo para saber dialogar com as diferentes culturas” e, acrescento, com as diferentes pessoas e contextos.

Em nossa pesquisa, tivemos de considerar de início a possível falta de familiaridade de alguns dos atores com os recursos digitais, não apenas no âmbito técnico, como por exemplo conseguir ou não fazer videochamadas, mas também em questões subjetivas, como se sentir acanhado(a) ou envergonhado(a) para realizar chamadas com câmera e áudio. O que aconteceu em duas ocasiões (expostas nas seções anteriores, com Aldanice e com Fabinho) que, sem prejudicar a realização ou não das entrevistas, acabou por afetá-las.

Também nos deparamos com pessoas que já estavam acostumadas com as mídias digitais há algum tempo ou impulsionadas pela situação pandêmica, como um interlocutor que também é professor e teve de migrar seu trabalho para as plataformas, outro que, além de capitão, é uma espécie de porta-voz do seu terno, concede entrevistas regularmente e realiza terços e atividades na Igreja. Mesmo a minha familiaridade com a congada não permitiu o distanciamento recomendado por Hine, e ainda, não acredito que faria sentido, dadas as condições já distanciadas<sup>54</sup> do trabalho de campo. De um lado a escolha foi minha, de outro foi balizada pelo campo.

Os encontros e entrevistas remotas não são equivalentes num todo àquelas presenciais. Nas videochamadas, em geral, as pessoas estão em suas casas e podem sentir-se espacialmente confortáveis. Não são completamente vistas, senão o fragmento enquadrado (por elas mesma) na tela. Dessa forma não se sentem observadas como seria em uma entrevista face a face. Do meu lado, também não posso observar. As sutilezas das reações às minhas perguntas escapam junto com a pessoalidade e a chance de envolvimento que os trabalhos de campo presenciais abrem. Assim que os(as) entrevistados(as) podem se sentir mais confortáveis por estarem em casa e protegidos por estarem do outro lado da tela. São elementos que podem até levá-los(as) a encarar a entrevista com menos seriedade do que seria se fosse presencial, ao passo que por vezes mantém um distanciamento quase profissional no diálogo. Sou vista por eles(as) como

---

<sup>54</sup> Aqui nos referimos principalmente ao isolamento e distanciamento social e todas as implicações colocas neste trabalho.

uma pesquisadora e daqui não podemos passar – não sem encontros físicos ou outros espaços de vivências<sup>55</sup>.

Depois de estabelecida uma certa proximidade, foi possível perguntar detalhes sobre as Festas durante a pandemia, como foram organizadas, como se sentiram. Só depois é que pude provocar questionamentos sobre a utilização de certas categorias usadas para classificar a congada, como por exemplo “manifestação folclórica”, “cultura catalana”, “cultura congadeira”, “identidade congadeira” na busca de compreender o sentido atribuído por eles e das relações envolvidas, sejam entre os dançadores, sejam com o público da Festa (turistas e população) e as instituições da cidade.

Algumas dessas portas para comunicação e proximidade com os interlocutores acredito terem sido abertas pelo uso de meus perfis pessoais, inscritos há muitos anos nas redes sociais. Como principal utilização primeiramente do Facebook, no meu perfil consta que sou de Catalão, Goiás; dos mais de mil “amigos” adicionados, diversos também são “amigos” de meus interlocutores. Para além de ter “conhecido”, ainda sem proximidade, alguns deles em momentos anteriores da vida, minhas páginas nas redes sociais me apontam como alguém da cidade e como alguém que pertence, de alguma forma, a uma rede de relações locais.

Utilizar o próprio perfil na pesquisa não foi um método pensado anteriormente, foi o que desenvolveu nos improvisos de manter o contato com aqueles atores quando começou a pandemia, uma espécie de continuidade automatizada da plataformização da vida. As implicações disso estão intrínsecas ao andamento da pesquisa, entrelaçada ao meu cotidiano e às minhas redes sociais. O Facebook tornou-se “instrumento de trabalho”, meio de contato com eles, cujos perfis eu visitava quase todos os dias. De outro lado também influenciou na forma como fui percebida pelos congadeiros contatados e na receptividade aos meus comentários nos eventos transmitidos. Contudo, os contatos são sobre a pesquisa, resta um resíduo de emoção inapreensível.

Também a lógica dos algoritmos se coloca como baliza de entrada no campo, terreno misterioso até para aqueles que desenvolvem ou estudam as plataformas, ao mesmo tempo um tanto óbvio. Por exemplo, depois de algumas semanas visitando os perfis dos meus interlocutores, de seus ternos e da Irmandade, as publicações destes passaram a ser as primeiras a aparecer ao abrir o Facebook e eventualmente recebo notificação no celular de suas atividades. Outro exemplo seria em relação aos comentários das publicações: os que apareciam

---

<sup>55</sup> Mais de um interlocutor me convidou para os eventos que ocorrerão em 2022 no âmbito da Festa do Rosário ou de seus ternos.

imediatamente eram das pessoas que eu já tinha adicionado ou das que eu tinha mais proximidade na rede (“amigo” de um “amigo” adicionado).

Dados os movimentos de improvisos e experimentações, o que fazemos, portanto, não pode ser enquadrado em algum tipo específico de etnografia ou ter o trabalho de campo delimitado de antemão; se aproxima mais de uma espécie experimental de pesquisa em tempos de isolamento social. A pandemia e as consequentes medidas de isolamento e distanciamento condicionaram grande parte dos nossos passos, ou seja, colocaram condições através das quais nos reinventamos – eu, os(as) congadeiros(as), os(as) que vivem.

## **2. FESTA EM MOVIMENTO**

Expostos os caminhos pelos quais andamos, vamos agora aos detalhes do que encontramos e vivemos. A começar pelo que veio antes de nós, o que foi contado, escrito ou é lembrado, detalhes que a historiografia, a memória e os arquivos<sup>56</sup> nos ajudaram a remontar. As cidades em geral têm histórias de encontros, cruzamentos, passagens e movimentos. Ou, antes, as cidades são essas histórias cotidianamente reatualizadas. Assim também são as festas populares espalhadas pelos interiores dos Brasis, feitas de encontros e combinações de pessoas, de elementos, de culturas e outras histórias.

A história da cidade de Catalão e da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário se ajuntam em algum momento do século XIX e daí não se separam mais, em uma imbricação que permite a alguns pesquisadores, como Katrib (2009, p. 54) afirmar que “o município tem seu desenvolvimento atrelado ao da própria comemoração [da Festa do Rosário]”. Certamente questões econômicas e políticas locais e nacionais colaboraram com “seu desenvolvimento”, mas mesmo essas questões se encontram em diálogo com o modo como foi/é construída e reconstruída a tradição da Festa do Rosário.

No intento de alcançar etnograficamente a maneira como a atual pandemia foi inventada em Catalão e as formas como afetou e imprimiu sua marca no contínuo movimento de reinvenção da congada pelos congadeiros, pela cidade e demais agentes, vamos antes fazer, também nós, uma passagem pela(s) história(s) de Catalão e da congada, a partir de alguns pontos da bibliografia já produzida – historiográfica, geográfica, antropológica –, da memória dos congadeiros e eventualmente minha própria. Teremos, então, melhores condições de passear de maneira situada pela potência inventiva da congada de Catalão, enquanto religiosidade, cultura e forma de existir, vislumbrando os movimentos realizados durante o período da pandemia.

### **2.1. Apontamentos históricos sobre a congada (d)e Catalão**

Quando eu era criança perguntei para meu pai por que o nome da nossa cidade é Catalão. Ele falou que a cidade começou “na fazenda do Catalão, um cara que veio da região da Catalunha e assim foi apelidado aqui”. Os memorialistas Ramos (1984) e Campos (1979)

---

<sup>56</sup> Incluo aqui os arquivos digitais, as publicações dos ternos e da Irmandade do Rosário dos anos anteriores que ficam como registros valiosos.

registraram esse dizer, que é continuamente reafirmado nos estudos das histórias na/da cidade. Catalão, a pessoa, seria integrante da comitiva do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva e por aqui teria ficado na função de se instalar e fazer ponto de pouso e abastecimento das comitivas.

Mano (2015) aponta, através de documentos oficiais do século XVIII de administrados da colônia, que a região do Triângulo Mineiro e do sul de Goiás era ocupada por “povos indígenas filiados à tradição dos Jê” (p. 534), que responderam de diferentes maneiras ao contato com os diversos outros da sociedade colonial. Contudo, nas narrativas locais de Catalão, o que encontramos foi a ausência desses povos indígenas, ou antes, uma presença imaginária, sem agências e sem referências profundas. A “ausência” indígena nos parece ser fruto da constituição de um poder em que os povos originários não interessavam. Veja, desde o século XVIII a região onde hoje é Catalão tem bastante relevância na geografia dos trânsitos do Brasil, em razão dos movimentos migratórios dos diferentes agentes que formaram o poder e o contrapoder colonial.

As passagens por aqui “começam”<sup>57</sup> com o projeto de expansão colonial e exploração mineral, em que a “fazenda do Catalão” era ponto de pouso das tropas bandeiras e daqueles em busca de ouro ao norte de Goiás, em especial à região de Vila Boa, antiga capital (hoje cidade de Goiás). No começo do século XX a Ferrovia Mogiana passava pelo município, trazendo um discurso e um imaginário de progresso para a região. Depois, com o projeto desenvolvimentista na década de 1950, a cidade recebe muitos migrantes<sup>58</sup> e investimento de capital privado e estatal, com a construção da BR 050, entre São Paulo e Brasília (COSTA, 2010, p. 74). Em 1970 a descoberta de jazidas de nióbio e fosfato em terras catalanas reforça o discurso política do progresso na região e atrai para a cidade mineradoras, refinadoras e mais migração. Daí em diante o agronegócio, também movido pela mesma ideia de progresso, e a construção de um campus da Universidade Federal de Goiás<sup>59</sup> vão colaborar para a paisagem da cidade e do campo, para a formação do “povo catalano”, agregando novos e consolidando antigos

---

<sup>57</sup> Por escassez de documentos e trabalhos sobre a presença e agência dos povos indígenas que por aqui viviam na história da cidade e na memória dos interlocutores e por não ser o foco de nosso trabalho é que vamos considerar, com profunda lamentação, as histórias oficiais que tivemos conhecimento durante a pesquisa.

<sup>58</sup> Como diversas cidades no interior do Brasil, Catalão foi ocupada através de migrações, em ondas consecutivas desde o século XVIII. Vale destacar que data do começo do século XX uma onda de migração de sírio-libaneses, vindos pelo discurso do progresso na região, de “mascates” aos poucos vai compor a elite local, somando-se aos fazendeiros (RAMOS, 1984; CAMPOS, 1979).

<sup>59</sup> Criado em 1983, o campus de Catalão da UFG foi desmembrado desta em 2018, tornando-se Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Entre outras razões, o crescimento gradativo da universidade colocou a necessidade de sua autonomização. Hoje temos na UFCAT 30 cursos de graduação, sendo 2 à distância; 11 cursos de mestrado; 2 cursos de doutorado e outras tantas especializações. Existe, nesse campus, o Miniauditório Congadas. Fonte: <https://catalao.ufg.br/p/6189-historia>.

elementos culturais. A instalação de montadoras de automóveis e maquinários agrícolas dá o último toque de modernização industrial do século XX.

Nos últimos 70 anos Catalão viveu um processo de urbanização ora intenso ora paulatino, com a estabilização de migrantes e do pessoal vindo “das roças”, de forma que a vida rural e a vida urbana puderam (e possam) coexistir e a primeira pôde levar à cidade alguns códigos de conduta e costumes a serem ressignificados, como alimentação e vestuários “caipiras” e, o que muito nos interessa aqui, as festas em louvor ao santo padroeiro da comunidade e tantos elementos do “catolicismo rústico”<sup>60</sup>. Estas existem ainda hoje, cunhadas popularmente por “festa de roça”, e seguem o roteiro comum das festas de santo ao redor do Brasil: terço, folguedos, missa ou celebração religiosa (na ausência de um sacerdote), um espaço destinado a leilões, depois um show do forró. Organizado por festeiros, geralmente membros da elite local, muitos deles políticos, as “festas de roça” reúnem a comunidade rural e centenas de pessoas das cidades ao redor de Catalão, fazendo sobressair seus elementos profanos: “a comilança, a bebedeira, a farra”.

Com a população atual estimada em 113 mil habitantes, vemos pelas ruas a convivência entre o rural e o urbano, em constante interdependência e transformação: a paisagem da cidade cada vez mais “modernizada”, diversa, uma verdadeira cidade capitalista (EUFRÁSIO E COSTA, 2020), em processo de verticalização; o do campo cada vez mais dominado pelo agronegócio (grandes propriedades pecuárias e de monocultura de soja, trigo, eucalipto) e pelas mineradoras, ainda que persistam as pequenas e médias propriedades, agricultura familiar e sítios de passeio.

A localização privilegiada no sentido dos trânsitos e passagens conferiu à Catalão uma ambiguidade histórica, bem colocada por Katrib (2009), de um lado, a narrativa oficial que exalta o progresso, sempre linear. Essa história encara a congada e seu crescimento em alguma medida aliada e harmonizada ao desenvolvimento industrial e suas implicações na paisagem e cultura urbana. Exemplo dessa narrativa é a que Campos (1976) coloca a benevolência dos fazendeiros para a realização da Festa do Rosário e a ausência de conflitos raciais durante a Festa como uma espécie de harmonia cultural da cidade, uma vez que, segundo a autora, na congada os negros exaltavam tanto a Santa católica como seus orixás e isso não caracterizava um problema ou um impedimento para o empenho dos festeiros<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> Sobre catolicismo rústico conferir, entre outros, Queiroz (1976).

<sup>61</sup> Festeiros são as figuras responsáveis, ao lado da Irmandade, por fornecer ou buscar recursos, organizar e realizar a Festa do Rosário. Como veremos, os festeiros foram por muito tempo a direta agência branca colonial (ou herdeira dela) na congada.

De outro lado, a passagem e fixação de estrangeiros, o processo de urbanização e industrialização trazem narrativas não necessariamente lineares, nem tampouco de “progresso” (ainda que nelas sejam reconhecidas as transformações). Essas narrativas em geral não são incorporadas à história oficial (KATRIB, 2009, p. 51-52), mas apontam outro ângulo para compreender a formação da cidade, através de outros agentes sociais e suas vivências; agentes estes que não fazem parte da elite local, não estão inseridos nos meios institucionais de construção de História, mas que constroem no cotidiano as histórias em seus pormenores, fazem e refazem o que se conhece por cultura local.

Sobre as personagens dessas narrativas, encontramos na bibliografia (BRANDÃO, 1985; SILVA, 2016; KATRIB, 2009; COSTA, 2010) e no relato de seu Elzon, capitão do Congo do “Prego”<sup>62</sup>, a importância dos que vieram das Gerais, no declínio da exploração mineira, para a formação da congada em Catalão e da própria cidade; pessoas que vieram de variadas situações: escravos, recém libertos, camponeses livres, fazendeiros devotos. Nessa história, o empenho dos fazendeiros quando festeiros da festa se deve à posição de vitrine social e política conferida pelo papel do festeiro, enquanto doador dos almoços – momento em que podiam mostrar sua abundância econômica – e arrecadador de prendas para os leilões – momento em que podiam mostrar sua influência social. Essa razão não se opõe a uma possível devoção desses fazendeiros à Santa do Rosário ou a possibilidade de estarem pagando promessas ou cumprindo votos, ao contrário, expõe uma certa “afinidade eletiva” entre a fé católica dessa elite, provavelmente mais próxima do catolicismo popular, e a abertura social conferida ao festeiro.

Durante o século XX, por meio das agências dessas personagens, o catolicismo popular ganhou os contornos colocados pelo jogo de negociação entre congadeiros, organizados na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, elite política e clérigos da Igreja. Enquanto isso, o discurso de progresso atraía migrantes para cidade, e a política local fora dominada pelo coronelismo mandatário que colocava a disputa entre as famílias ricas e “de nome” como influenciadora da dinâmica social<sup>63</sup>. Para a análise da história da congada de Catalão isso tem duas importantes implicações: a primeira é o interesse dessas famílias em manter a Festa do Rosário, para servir de palco para apresentação de suas fortunas e “espírito benfeitor” através da fartura proporcionada pelos festeiros. A segunda é a utilização da Festa do Rosário e da

---

<sup>62</sup> Na *live*, realizada dia 4 de abril de 2021, em comemoração aos 60 anos do terno, como contrapartida ao incentivo da lei Aldir Blanc. “Congo do Prego: 60 anos de história e memória”, disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/4040732489347727>.

<sup>63</sup> Entre outros, conf. Silva (2014).

devoção como forma de apaziguar as consequências da violência coronelista, característica das primeiras décadas do século XX em Catalão (idem, 2014), uma vez que se trata de uma festa pública, de cunho popular, em que negros e negras são atores de destaque.

O ano de 1936 é representativo nesse sentido. Acusado do assassinato de um importante fazendeiro, Antero é linchado pela população, marcando com sangue e crueldade a história da cidade<sup>64</sup>. Em seguida, no mesmo ano, é feita a doação do terreno para a construção da Igreja do Rosário, onde ainda se encontra, constituindo “um novo centro comercial e religioso efetivado no contexto urbano desde a década de 1940 até os dias atuais.” (KATRIB, 2004, p. 47). Essa data marca dois pontos cruciais para a congada de Catalão: a instituição da Festa do Rosário no calendário oficial da cidade, que até aquele momento fora organizada pelos congadeiros em fazendas ou residências, depois da proibição de sua realização pelos padres franciscanos, no começo do século XX; e a oficialização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ainda que, segundo um de nossos interlocutores, haja registros de reuniões há mais de 140 anos<sup>65</sup> e, segundo Katrib (2009, p. 127) sua fundação tenha uma data provável aos anos de 1820/30.

Existem, portanto, ao menos duas perspectivas possíveis para compreender a magnitude que assumiu a Festa do Rosário em Catalão no longo dos últimos 70 anos – e elas não estão separadas, mas se complementam. Uma é a que apontamos acima, reforçada pela história oficial, em que a elite latifundiária seguida pela elite comerciária, interessada no prestígio político e na visibilidade social conferida pela figura do festeiro, se dispõe não apenas a sustentar a Festa, como a expandi-la, até sua inclusão na rota turística do estado de Goiás.

A outra perspectiva é aquela reconstruída por Katrib (2009), endossada pelos(as) interlocutores(as) da presente pesquisa: o sentido existencial-religioso da devoção à Senhora do Rosário, materializado na construção e realização da Festa, através tanto da sociabilidade e encontros que esse processo proporciona, quanto pela devoção à Nossa Senhora do Rosário, que remonta ora a senzala e os escrutínios causados pelo racismo – contexto em que a Santa tem um papel espiritual de resistência –, ora o catolicismo popular que a todos acolhe, sem diferenciação de cor/raça ou origem. Por não se excluírem, as duas perspectivas servem para explicar as múltiplas agências que constituíram a congada, com suas contradições e ao mesmo tempo unicidade.

A história de um lado e de outro não ignora os conflitos que envolvem a complexidade de classes, de culturas, de vivências e concepções religiosas da qual a Festa se constitui, ainda

---

<sup>64</sup> Conferir SANT’ANNA (2012) e SILVA (2014).

<sup>65</sup> Entrevista realizada com Diogo Gonçalves, por videochamada no WhatsApp, em 10 de janeiro de 2022.

que os coloque em lugares diferentes. Um deles, apontado acima, é a proibição da congada pelos padres franciscanos, que trouxe duas consequências: a limitação do espaço de realização da Festa a fazendas e casas particulares; a “tomada” de uma igreja construída pelos congadeiros<sup>66</sup>, conhecida hoje como Velha Matriz. Somente décadas depois eles construiriam uma nova Igreja do Rosário, no terreno doado em 1936. Nos anos de 1980 novos conflitos envolvendo o espaço sagrado da igreja. A queda de uma das torres e a recusa dos padres e da prefeitura em ajudar na reconstrução colocam em xeque a relação da Irmandade com a Igreja. Com materiais doados pela comunidade, os dançadores reconstruíram em regime de mutirão a torre caída; em seguida alteraram o Estatuto da Irmandade, aumentando a porcentagem da renda da Festa destinada à Irmandade de 10% para 90% (KATTRIB, 2009, p. 75).

O primeiro conflito que menciono aqui tem raízes na história da formação do catolicismo brasileiro, na disputa entre a oficialidade católica e aquilo que é vivenciado pelos “fazedores de cultura”<sup>67</sup> dentro do catolicismo popular, especialmente nas festas de santo e nas Irmandades. Ainda que hoje encontremos em Catalão padres que, ao menos nos discursos e sermões, se coloquem como defensores da congada, ou que se convenceram que existe uma “mística inexplicável”<sup>68</sup>, existem outros que criticam – ou, ao menos, mantêm certa distância dos rituais da Festa do Rosário<sup>69</sup>.

A história da construção e reforma da igreja também nos informa que a auto-organização dos congadeiros foi necessária para continuidade da Festa e da estrutura religiosa própria. É uma divisão que parece se estender à população católica, mesmo que tenhamos, eu e os interlocutores, a sensação de que a “cidade respira congada” nos meses de outubro. Conheci católicos que não frequentam a igreja do Rosário, já que na cidade existem mais três igrejas centrais e outras tantas espalhadas pelos bairros. São pessoas que afirmam que a congada não

---

<sup>66</sup> Informação trazida por Aldanice, capitã do terno Mariarte, em entrevista presencial realizada em 27/01/2022. Essa história também é comentada por seu Elzon, capitão do Congo do “Prego”, na *live* realizada dia 03/04/2021, acima citada.

<sup>67</sup> Expressão utilizada por Diogo, capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, em *lives* e entrevistas, como uma autodefinição dos congadeiros que abarca ainda outros tipos de “fazedores de cultura”.

<sup>68</sup> A ideia da “mística” que existe na congada foi trazida por Diogo, em entrevista, como uma forma de explicar a magia e os encantos da congada que produzem “momentos de arrepios, de emoções, de choro, de manifestações que não há explicação, que eu, Diogo, acredito que são manifestações do sagrado”. Na mesma entrevista, ele nos conta a seguir história de um padre: “Tem até padres que criticavam, que falavam e tal. Um dia eu falei “padre, vamo lá, vamo lá em casa, assiste com a gente uma retirada do meu terno, vamo lá viver um pouquinho do que a gente vive, aí depois a gente senta e conversa”, pois o padre veio. Eu falei “padre, o senhor vai participar do que eu faço, depois a gente quer que o senhor dá bênção”. Ele ficou encantado! Cê tá entendendo? Ele falou “é, de fato há uma mística muito grande que os envolve”.”

<sup>69</sup> Veremos, mais a frente, o exemplo de uma certa ignorância de um dos clérigos da paróquia durante a entrega da coroa de 2020.

é “católica de verdade”, relacionando-a a um sentido de “macumba” como referente ao que “não é de Deus” ou, no mínimo, “de outro tipo de Deus”<sup>70</sup>.

Uma segunda categoria de conflitos existe entre os congadeiros de Catalão, encontrada na bibliografia e no trabalho de campo. Essa categoria, que pode ser reflexo do conflito acima mencionado, aponta em primeiro lugar a multiplicidade de vivências congadeiras e de concepções religiosas formuladas e mobilizadas no cotidiano. Ainda que unificadas em torno do Rosário, as devoções assumem formas diversas em termos de relações possíveis, de elementos religiosos considerados legítimos ou mais “tradicionais”, a depender da referência escolhida, como discutiremos à frente. De antemão, gostaria de apontar os dois tipos de conflitos que mais foram destacados entre os(as) congadeiros(as) interlocutores(as).

O primeiro é uma espécie de divisão interna dos ternos. Tem os que recusam conscientemente elementos e rituais que são de “candomblé mais pesado”, sob a defesa de que a “tradição” da congada está vinculada ao catolicismo e, portanto, a relação com o “afro” está na apenas origem, configurando uma mistura com o “candomblé mais leve”<sup>71</sup>. Ou seja, existe um limite para a utilização dos elementos afro e rituais que não cabem aos congadeiros. Os limites seriam os próprios preceitos da Igreja Católica.

E tem aqueles que, ao contrário disso, ao se reivindicarem católicos e congadeiros, se apropriam desses elementos e rituais, sob a insígnia de “cultura negra” ou “popular”, indissociável das tradições da congada e do catolicismo popular nelas implicadas. Esse grupo se propõe a manter viva as memórias dos ancestrais que remetem ao cativo, transformando histórias de dor em histórias de louvor. Este parece ser uma atualização, ao menos no plano do discurso, de “um conflito entre o polo popular do ritual e os agentes de sua face mais voltada para a Igreja” percebido por Brandão (1985, p. 52).

Um segundo ponto problemático entre os congadeiros, ou, poderíamos dizer, uma crítica interna, se refere à relação de proximidade de alguns capitães e agentes da Irmandade com políticos locais, especialmente em períodos eleitorais. Proximidade essa que seria capaz de comprometer os compromissos religiosos da Irmandade e que pode colocar interesses pessoais acima dos interesses coletivos, “da comunidade”. Aqui existe uma certa nostalgia daqueles que criticam essa posição, lembrando dos tempos em que o que importava era a devoção, e que,

---

<sup>70</sup> Essas expressões escutei de pessoas católicas em Catalão. Ainda que estivesse fora do período colocado como trabalho de campo, colaboraram para compreensão do cenário religioso aqui resumido grosseiramente.

<sup>71</sup> Os termos “candomblé mais pesado” e “candomblé mais leve” foram utilizados por uma interlocutora com o sentido acima colocado. Essa interlocutora faz parte do grupo, digamos, “mais católico”, que admite que na congada haja apenas “as coisas do candomblé mais leve”.

juntos, trabalhavam pela comunidade, pela igreja (a exemplo da reconstrução da torre, nos anos de 1980).

Permeado a essas questões existe o preconceito racial, ainda que superficialmente silenciado<sup>72</sup>, ou antes, supostamente suspenso no período da Festa, diante de tambores, patagongas<sup>73</sup>, sanfonas, cantorias, fé e devoção, em relação a uma cultura e uma religiosidade que, apenas em origem ou “para sempre”, está associada a elementos trazidos de África (especialmente da cultura banto) em diálogo com as elaborações das pessoas trazidas da região da central da África no período de colonização do Brasil, que inventou um jeito de viver-fazer e difundir uma “cultura negra”. Esse racismo é visível nos padres franciscanos na década de 1920, como também o é nos(as) catalanos(as) católicos(as) que não são “simpatizantes”<sup>74</sup> da congada. É igualmente visível em setores evangélicos<sup>75</sup> da cidade que, antes da pandemia, se incomodavam com o som dos cortejos pelas ruas e se recusavam a frequentar até a parte comercial da festa (as barraquinhas), por considerar tudo que é associado à congada como demoníaco<sup>76</sup>.

Importante lembrar que, dadas as condições do trabalho de campo, os conflitos encontrados foram acessados em primeira instância a partir de minha memória e da vivência que tenho na cidade, e depois, no próprio trabalho de campo, através dos discursos, das falas das entrevistas. Nas publicações, transmissões e *lives* não é possível inferir os conflitos, uma vez que são direcionados a devotos, simpatizantes e congadeiros(as). Ademais, o discurso público da congada (o que aparece nas publicações) é, antes de tudo, de unidade, os conflitos são resolvidos em particular ou nas reuniões da Irmandade.

---

<sup>72</sup> “Silenciado” aqui não significa inexpressivo. Um interlocutor me relatou em entrevista que certo ano, quando passava em cortejo com seu terno em frente a uma Igreja Quadrangular, os fiéis desta igreja saíram à rua e, olhando com reprovação para os congadeiros, ficaram apontando para o Bíblia, como se quisessem dizer que aquela forma de louvor não fosse “de Deus”. A reação dos congadeiros ali foi tocar, cantar e dançar com ainda mais vontade, com mais força, me disse o dançador. “Silenciado” se refere antes à atmosfera que vivia a cidade de Catalão – até o ano de 2019 – em outubro, durante a Festa do Rosário, e nos meses que antecedem, com os ensaios dos ternos pelas ruas, com os noticiários na TV e nas rádios que anunciavam a Festa: “Catalão respira congada”.

<sup>73</sup> Patagonga ou pantagonga ou patangonga ou patagome. Nas congadas em diferentes lugares o instrumento recebe nomes diversos. Característico dos grupos de Moçambique, as patagongas são feitas com dois “pratos” de alumínio encaixados, dentro esferas de chumbinho fazem o som do chocalho. No terceiro capítulo, teremos mais informações sobre os instrumentos.

<sup>74</sup> “Simpatizante” é um termo recorrente entre os congadeiros em referência àquelas pessoas que, religiosas ou não, gostam de prestigiar os cortejos e os rituais da Festa do Rosário. Pode aparecer como sinônimo de devoto ou como aqueles que “gostam do congo” independente de devoção.

<sup>75</sup> Importante frisar que me refiro apenas a “setores evangélicos”. Existem outros tantos que não abrem nenhuma espécie de enfrentamento com a congada.

<sup>76</sup> Sobre esses “setores evangélicos”, um interlocutor nos conta que “viu no Facebook” uma pessoa evangélica agradecendo à pandemia por não ter tido congada em 2020 e 2021.

O limite colocado pela ausência de convívio, pela falta de acesso presencial aos rituais diante do distanciamento social é o próprio discurso dos interlocutores e a forma escolhida para conduzir as conversas que prioriza a espontaneidade. Antes, é o discurso, ou os discursos, somados e alinhados ao trabalho de campo digital – o acompanhamento contínuo dos agentes em suas redes sociais, participação e análise das transmissões de áudio-vídeo e movimentações internauticas e conversas assíncronas, para além das entrevistas marcadas. Por isso já nos adiantamos em colocar que muitas análises que daqui decorrem provém dessas relações, mediadas pelas palavras, pela voz, pelas narrativas e, ainda, pelas escolhas do que é dito ou não, do que é publicado na internet ou não.

Assim que depois de reunidas as entrevistas e o material digital (relembro: não menos material) foi possível a elaboração de um quadro relacional que nos permite inferir alguns pontos da situação dos congadeiros em 2019 e após, durante a pandemia de covid-19, como os conflitos acima citados, a relação entre os ternos e destes com a Igreja e demais agentes (como Irmandade, prefeitura, setores da população).

As histórias de Catalão (da historiografia oficial, daquela mais recente e das narrativas orais) em suas particularidades e nas generalidades da história do Brasil, a formação, desenvolvimento e trânsito das congadas, a reatualização anual da devoção ao Rosário através da Festa oferecem um certo panorama da dinâmica da congada na cidade, da sua diversidade interna e relevância social, política e cultural. Ao menos até o ano de 2019. A pretensão doravante é trazer elementos de continuidades e descontinuidades na Festa do Rosário diante da imposição do distanciamento social e das crises decorrentes da crise sanitária, através das maneiras pelas quais os congadeiros se reinventaram, enquanto inventavam a pandemia em termos locais – não menos integrados aos globais, apenas com os contornos específicos, tal como a cidade de Catalão e a congada aqui.

Esses movimentos – e o trabalho de campo – trouxeram, ou, antes, mostraram que estavam ali conceitos, categorias, significados e formas de viver o sagrado a um só tempo gerais das religiões populares brasileiras, gerais das congadas e múltiplas dentro destas religiões e destas manifestações culturais religiosas. E, ainda, encontramos a diversidade entre os ternos e os dançadores, mostrando os limites e a força da unidade dos irmãos do Rosário em torno da devoção e manutenção da Festa. Os processos de constituição dos elementos próprios da congada – e as formas como são vividos e significados – podem nos fornecer uma eminente perspectiva para vislumbrar essas categorias e modos de saber-viver em movimento, quando acionadas e vividas pelos congadeiros no contexto da crise.

## 2.2. De atualizações são feitas as tradições: história e elementos da congada

Congada, congadas, congado e congos. É possível encontrar estas e outras variações de termo nos lugares em que existem os rituais congadeiros e as festas de santos. Jeremias Brasileiro (2018), cujas vivências e pesquisas se localizam na região do Alto Paranaíba e Uberlândia (MG), diferencia a terminologia em: *congadas* como as danças dramáticas, performadas nos cortejos e celebrações através das embaixadas, assim também são nomeadas pelos folcloristas, como Cascudo (2012, p. 218). Segundo Brasileiro, alguns congadeiros utilizam “congadas” em referência ao conjunto de atividades que ocorrem durante a festa do santo; “um lugar de cultura popular” (BRASILEIRO, 2018, p. 36). *Congado* então seria a vivência durante todo o ano e a “organização sociocultural cotidiana dos grupos”, enquanto *congo* seria um termo referente às “memórias alicerçadas em um passado distante, de antepassados”, “de uma memória cultural proveniente dos povos banto oriundos de algumas regiões do antigo Reino do Congo” (idem, 2018).

Em Catalão o que encontramos é um acionamento indiscriminado dos termos congado, congada, congo e congos, prevalecendo a congada nas falas dos congadeiros e na imprensa local, motivo pelo qual é o termo predominante nesse trabalho. Congo e congos são mais usuais no cotidiano. É comum ouvir “terno de congo” ou “tá vindo os congos” em referência a um terno que se aproxima em cortejo. É também utilizado tanto no sentido de congada (“a gente espera que esse ano tenha congo”), como sinônimo de congadeiro ou dançador. Contudo, os usos são extremamente variáveis nos diversos contextos da cidade.

O que é possível identificar em toda terminologia, a despeito dos usos múltiplos, é a referência ao antigo Reino do Congo na região central da África, conseqüentemente uma vinculação aos povos banto<sup>77</sup>. Após o batismo do manicongo Nzinga a Nkuwu, em 1591, os reinos de Portugal e de Congo passam a realizar trocas desiguais, que acabam, a longo prazo, por facilitar a escravização de pessoas da região central da África e, a curto prazo, inserem práticas e elementos católicos no Reino do Congo. Existiu assim uma familiaridade desde antes da diáspora dos povos banto com os rituais católicos, com as imagens dos santos e da agregação

---

<sup>77</sup> “Bantu” é o plural de “múntu” (pessoa, ser humano) em quicongo, ou seja, significava as pessoas. Bantu ou banto acabou por significar um conjunto de povos de uma mesma matriz linguística. Apesar de abarcar idiomas como o umbundu e o quimbumdu, além do quicongo, compartilham de princípios cosmológicos, filosóficos e culturais. Se na África suas diferenças eram tão perceptíveis, ao ponto de rivalizarem em alguns momentos, “há razões para pensar que representantes desses povos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram muito em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos” (SLENES, 1992).

desses cultos à cosmologia anterior. O que explica a formação de manifestações sincréticas no grande leque do ficou conhecido como afro-brasileiro, integradas à institucionalidade católica.

O sincretismo é mencionado em abundância pelos congadeiros de Catalão para classificar o “casamento” entre o afro e o católico que forma a identidade *sui generis* da congada. “É um sincretismo que tá dentro, era fora do catolicismo, mas passou a ser católico, a gente segue uma regra de religião [a católica]”, nos explica Aldanice. Em outros lugares, contudo, congadeiros recusam a categoria sincretismo por razões variadas, imprimindo as marcas locais e refletindo as controvérsias. Por exemplo Brasileiro (2012; 2018; e 2019) no contexto de Uberlândia e Alto Paranaíba, prefere que a congada seja classificada na chave da “coexistência cultural e religiosa” de elementos africanos e brasileiro, na defesa de que há “interações entre dois modos de cultura e de religião em conagração surpreendente” (BRASILEIRO, 2018, p. 49). É, assim, um contraponto à ideia de que a congada seria a síntese ou fusão entre duas culturas e religiões diferentes. Para Brasileiro (2018, p. 37), “envolve distintos comportamentos sob um mesmo cenário de ritualísticas congadeiras inseridas no catolicismo popular.”

Consideradas as diferenças regionais das congadas, em algumas cidades é perceptível uma relação maior entre congadeiros e as religiões tradicionais de terreiro e ainda com a militância de movimentos negros, em outras, como Catalão, seria necessário escavar um pouco até compreender essas relações existentes ou não – o que, devido à natureza e foco de nosso trabalho de campo, digital e voltado para a invenção e consequência da pandemia, não se faz possível. Contudo, questões como o sincretismo são acionadas no cotidiano e nas manifestações presenciais e digitais da congada em Catalão. Diogo, católico e capitão de Moçambique em Catalão, tem uma explicação bem nítida sobre o sincretismo.

O sincretismo é algo como... os santos do catolicismo e *misturado* aí com toda essa cultura do negro, ela tem a sua... como eu vou falar, na congada ela tem a sua identidade. *A congada é uma identidade!* Aonde essas misturas acontecem de forma muito tranquila, *não ferindo ninguém*. (...) é dança de preto. Dança de preto, logicamente vai ter origem e fundamento dentro de religião de preto, dentro de culto aos antepassados que é feito até hoje na África. Então são elementos que são da congada e que foram se *misturando* ao catolicismo e daí por diante.<sup>78</sup>

Percebi – na vida e na pesquisa – que em Catalão os distintos comportamentos e as distintas significações dos elementos e rituais congadeiros é o que constrói a Festa do Rosário e a história da congada na multiplicidade de agência, na grandeza religiosa, estética, cultural como também econômica e política. E o sincretismo é a maneira pela qual nossos interlocutores

---

<sup>78</sup> Entrevista por videochamada em maio de 2021.

explicam, podemos dizer, a coexistência de elementos afro-brasileiros e católicos, o “candomblé mais leve” junto da novena. Para Diogo, o sincretismo é o processo em que a identidade congadeira é forjada, em uma espécie mesmo de síntese, mas nessa síntese “um lado não fere o outro”.

É sabido que o sincretismo é uma categoria ou um modo de explicação cheio de nuances e debates. Um terreno delicado para a antropologia. Nos últimos 50 anos foi criticado por intelectuais e militantes, como uma arma do colonialismo ou neocolonialismo (MOURA, 1988, p. 38), no sentido de mascarar culturas e religiões pretensamente dominadas naquelas hegemônicas. No caso da formação do Brasil, seriam as culturas e religiões indígenas e africanas mascaradas no catolicismo. A crítica aponta que a ideia do sincretismo faz perdurar a dominação colonial. Porém, do outro lado, existe a defesa de que o sincretismo “possui um aspecto de legítima apropriação dos bens do opressor pelo oprimido” (SANTOS, 1977, p. 28).

Assim, da forma como é acionado pelos congadeiros de Catalão, sincretismo nos parece mais com a definição, muito debatida e rebatida, de Sanchis (1994, p. 7; 2008, p. 83) como

[...] um processo, polimorfo e cujos efeitos são os mais variados, que consiste na percepção – ou a *construção – coletiva de homologias de relações* entre o universo próprio ao grupo e aquele do “outro” com quem o grupo está em contato: uma percepção que desencadeia transformações na autoimagem do grupo, seja para reforçar seja para reduzir os paralelismos que foram detectados. Afinal, uma forma mais sutil de *redefinição da identidade social*.” (grifo da autora).

A ideia de sincretismo, na perspectiva da resistência e do revide, abre brechas consideráveis no regime hegemônico católico branco para a realização das festividades afro-brasileiras por dentro da institucionalidade católica. Confere certa legitimidade histórica à cultura, estética e religiosidade negras. “A festa é sediada pela Igreja Católica, mas ela tem elementos que são relacionados às crenças de domínio africano”, nos diz Diogo. Dessa forma a Festa do Rosário faz parte do universo da cultura negra (sendo possível coadunar ou não com as religiões tradicionais de terreiro) e do catolicismo<sup>79</sup>.

De outro lado, é esse mesmo sincretismo que permite, como em Catalão, que historicamente a elite branca tenha autoridade para intervir e organizar festejos de religiosidade negra e católica. De maneira tal – mas não consideremos a concepção de sincretismo como a

---

<sup>79</sup> Simas e Rufino (2018, p. 68) colocam o sincretismo para além do arranjo entre referenciais culturais distintos: “O que se percebe no pluriversalismo das manifestações codificadas nas bandas de cá que se apropriam da simbologia do santo católico é um amplo repertório de práticas cosmopolitas, híbridas, ambivalentes e inacabadas. Essas inúmeras reinvenções pincelam referenciais culturais distintos para produzir outra coisa não possível de ser totalizada em um único terno”.

única razão – que hoje a composição racial dos batalhões<sup>80</sup> seja “tudo misturado”, sem que isso se configure um problema ou ameaça, pois “a Festa é de todos e o catalano respira congada”<sup>81</sup>.

Não é exatamente recente essa configuração. Brandão já apontava em meados de 1970 que, entre os dançadores, ““está tudo misturado”. Há brancos nos ternos que, somados aos mulatos, deixa para os negros um número de minoria” (1985, p. 37). Tudo misturado. Exatamente a mesma expressão que ouvi 50 anos depois. A questão da *mistura* nos parece incontornável na congada de Catalão. A participação de pessoas brancas como brincantes/dançadores é um processo que vem de longo prazo. Os congadeiros com quem conversei, brancos e negros, reconhecem a “mistura” racial que compõe a congada atualmente em um sentido mais integrativo, pois percebem a Festa como “festa de negro” e a congada como “dança de negro”.

Fabinho, quem disse que a “Festa é de todos” aparentemente estava se referindo ao fato de que todos podem participar, e participam de fato. Ele considera que hoje os brancos “participam até mais”. Ademais, a entrevista que fizemos foi a primeira em que ele fala sobre a congada. Costuma ser mais fotografado do que entrevistado, “onde tem uma câmera o Fabinho tá”, ele me disse. Parecia um pouco nervoso e considerava não ter autoridade e experiência suficientes para falar sobre a congada, como teriam os capitães e/ou as pessoas mais velhas. “Você deveria ter conhecido meu tio Edson, ele ia te contar cada história”<sup>82</sup>. Em uma entrevista por videochamada com uma pesquisadora branca, sem que nos conhecêssemos anteriormente, além de mensagens trocadas pelo WhatsApp, há de ser considerado seu esforço em apresentar a congada como um mundo receptivo a mim, ainda mais enquanto catalana. No mesmo momento em que diz que a Festa é de todos, especialmente dos catalanos, ele diz que “a congada veio dos negros” que “[...] temos nossa parte negra, mas hoje a parte branca *também* tá junto com a gente. Todo mundo aqui participa de mãos dadas. O catalano respira congada, não é só dos negros mais, os brancos também participam, participam até mais.” (Fabinho, em entrevista supracitada).

Já Aldanice percebe essa mistura por um lado integrativa, por outro como um afastamento do negro, não apenas pela aproximação do branco. Capitã do terno de congo Mariarte, negra, professora aposentada de 74 anos, ela vê nesse fato uma contradição interessante. Para ela são os próprios negros que se afastam “da sua cultura”, “que desdenham

---

<sup>80</sup> “Batalhão” é como são chamados os ternos, em termos de composição humana. O batalhão é o coletivo de comandados/soldados/dançadores.

<sup>81</sup> As palavras são de Fabinho, dançador mencionado acima, na mesma entrevista.

<sup>82</sup> Aqui também podem ser vistos elementos centrais (e mais gerais) da congada: a hierarquia, o respeito aos mais velhos e aos ancestrais.

de suas crenças e tradições”. Mas não é uma contradição que mereça preocupação, pois “o que importa é se tem amor à farda, se é devoto de Nossa Senhora”<sup>83</sup>. Essa filiação vinculada sobretudo à fé é o que parece conferir união entre os congadeiros, à inspiração da fraternidade católica.

Diogo, por sua vez, com 34 anos e capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, é branco e dançador desde os 7 anos, defende que a congada é “dança de preto e sempre vai ser”, porque “tem origem e fundamento dentro de religião de preto”, ainda que tenha passado pelo “sincretismo religioso” e seja “sediado pela Igreja Católica”. Para Diogo, são “esses elementos afro-brasileiros que de fato faz com que a congada se perpetue”<sup>84</sup>.

O que importa para todos aqui mencionados, independente de raça, é a vinculação religiosa, é a devoção ao Rosário e o amor à farda. Filiação por devoção. E “também de luta de causa”, completa Diogo, “sempre na luta contra o preconceito, contra o racismo e qualquer tipo de discriminação”. Assim que o sincretismo não é razão única da “mistura”, mas se encontra nos cruzamentos todos que fazem da congada de Catalão a potência inventiva de associações (ou homologias, como prefere Sanchis), de fé e de união. Nesses cruzamentos há ainda, como mencionado, a agência de sujeitos históricos brancos, para além da figura do festeiro e da participação na Festa. Katrib (2009) coloca a respeito da Irmandade:

Segundo historiadores locais, a Irmandade constituída, em seu início, por brancos e negros e comandada, em grande parte por brancos, enviou negros a Minas Gerais para aprenderem o Congado e o transmitirem aos demais. Para os negros isto significou o recriar de sua cultura e a reafirmação de seus saberes na manutenção das comemorações em Catalão. À Irmandade coube, então o primeiro passo para a realização dos festejos na região e aos negros aprender a reinventar suas crenças religiosas (p. 127)

Se assim o foi, a Irmandade de Catalão congrega desde seu início brancos e negros, cujas atividades estiveram voltadas para a organização da congada e da Festa do Rosário. Como coloca Clemente (2016, p. 2), “será no ambiente das Irmandades que se tornará possível ao negro reunir-se com outros negros iguais a ele e buscar, como tudo indica, através da religião, uma forma de seguir e alçar novos caminhos e novas perspectiva”. Em Catalão os novos caminhos e novas perspectivas podem ter sido alçadas em aliança ou negociação direta com os brancos, ainda que temporárias e com finalidades específicas. Hoje porém, na segunda década do século XXI, a Irmandade tem sido composta majoritariamente por pessoas negras – e homens<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup> Entrevista realizada presencialmente, em janeiro de 2022.

<sup>84</sup> Entrevista realizada por videochamada, em maio de 2021.

<sup>85</sup> A formação da chapa eleita para o biênio 2017/2018 é representativa nesse sentido. Na foto, a maioria das pessoas é negra, com importantes figuras brancas. Nos cargos, apenas um nome de mulher, Cristina, que será presidente no biênio 2021/2022. Disponível em:

Não imaginemos que isso possa ter acontecido sem conflitos ou que seja um exemplo do sucesso da ilusão da democracia racial. O racismo que ainda se perdura na cidade, com o qual convivi por anos, é capaz de mostrar que a desigualdade racial não se finda com essas alianças ou negociações. Apesar da Festa do Rosário colocar os negros em posição ritual de prestígio, admiração, enquanto artistas, devotos, reis, rainhas, generais, nos demais espaços e momentos na cidade, a discriminação racial ainda é uma realidade. Mesmo na Festa, encontramos na bibliografia dois exemplos marcantes dessa discriminação, ambos apontados por Katrib (2009). O primeiro é a história de Maria Madalena, mulher negra que trabalha para a elite branca. Através de suas memórias conta ao historiador que há tanto tempo atrás ia à Festa do Rosário acompanhando as patroas para cuidar de seus filhos. Apesar de estar a trabalho, ela diz não se importar, porque a Festa do Rosário era para ela tudo, era seu único divertimento. “Ali parecia meu lugar, me sentia gente! Viva”<sup>86</sup>.

O segundo exemplo, mais recente, diz respeito ao estranhamento entre moradores de Catalão e congadeiros diante da nomeação da família Arruda como festeira da Festa do Rosário em 2003. Os Arruda pertencem a uma família negra e com longa história na congada, são todos dos Terno do “Prego” e a vontade de serem festeiros veio de um voto feito pelo pai, que era capitão do “Prego”. O fato ganhou destaque na mídia local e dividiu opiniões, pois até então a Festa tinha recebido apenas dois festeiros negros, segundo Katrib (2009, p. 180) e estavam longe da memória recente. O estranhamento e a desconfiança de muitas pessoas mostram que aos negros estavam reservados lugares específicos na Festa e, ainda que fossem lugares de destaque, não poderiam ser aqueles que demandavam poder e condições financeiras.

O que temos em Catalão então, é uma Festa misturada, com alianças e conflitos, com interesses de brancos e negros imbricados e negociados, sob a insígnia da *cultura negra*, *religião católica e tradição local*. O resultado é uma multiplicidade de sentidos e vivências que coexistem em certa unidade nos períodos da Festa do Rosário e que podem divergir ou não nos períodos anteriores, de organização. Essas coalizões<sup>87</sup>, digamos, serviram de algum modo para consolidar a Festa em Catalão da forma como a encontramos até 2019.

---

<<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/pfbid0MoY34pxjL7L4gB26zYKJwwUKQ4Frfs7ht8shJySnmWdqTzY4boGPM2b9NjiZPBLvI>>.

<sup>86</sup> O trecho com o depoimento de Maria Madalena está em Katrib (2009, p. 156).

<sup>87</sup> Não é a intenção aqui rastrear as negociações feitas no passado ou no presente, nem teríamos condições ou materiais de campo para tal. A intenção é, através de um resumo da constituição da Festa do Rosário e da congada em Catalão, não permitir que o leitor “caia de paraquedas” nos anos pandêmicos.

Na próxima seção, vamos analisar brevemente a estrutura<sup>88</sup> da Festa até antes da pandemia. A organização e divulgação das festividades são feitas em três dimensões (ou três partes): a religiosa, a folclórica e a social. As partes não se confundem uma com outra, mas são certamente entrelaçadas. Para os congadeiros, me parece, ainda mais entrelaçado, em um sentido existencial, como nos explica Diogo.

Todo mundo quer, mas não pode tá presente [em razão do distanciamento social colocado pela pandemia]. Todo mundo quer, mas não pode. Então, assim, aquilo que é nossa alegria, nossa realização enquanto pessoa... porque no congo você se expressa *corporalmente*, você se expressa *oralmente*, através do cantar, através do... você se expressa *socialmente*, quando você encontra os amigos, você encontra um capitão do outro terno, ele canta pra você, você canta pra ele. Quando você encontra famílias, “n” famílias... então o momento, assim, é um mix de fé, devoção, confraternização e, principalmente, de expressão mesmo, enquanto pessoa, *enquanto ser humano, enquanto o defensor da cultura*. Então, assim, é algo que você de fato... “eu sou gente, eu sou gente que faço congada, que danço, que faço cultura.”<sup>89</sup>

### 2.3. Festa do Rosário

Na definição de Diogo, a Festa é entendida como “um tripé” composto da “parte religiosa, parte folclórica e parte social”, em que todas as partes “se misturam e estão interligadas”<sup>90</sup>. Cada parte contém as demais, os espaços se misturam e em alguns rituais elas se dissolvem. Essa divisão que ocorre na Festa do Rosário e na congada de Catalão me parece ser mais organizativa do que conceitual, com a finalidade de dividir os espaços e as tarefas da Irmandade, dos festeiros e demais agentes envolvidos na realização da Festa.

Na divisão espacial, o *social* acontece no ranchão, no Centro do Folclore (durante as ceias e refeições coletivas), nas barraquinhas. O *folclórico* em essência é o que acontece na rua durante a Festa. O *religioso*, na tenda da missa campal e na igreja. Para os congadeiros, contudo, o folclore aqui é expressão da religião, da devoção. Mas é uma expressão religiosa específica, que acontece na rua e em comunidade, “é eu estar fardado, estar junto com meus amigos”, segundo Fabinho, “a família do Rosário na rua”. E, para alguns, ganha um sentido existencial, identitário, de forma que folclore pode ser religioso e social.

Na divisão de atividades, eventos, celebrações, festividades, a parte religiosa seriam as celebrações católicas que acontecem dentro da igreja ou na tenda armada no largo, em frente à igreja: as novenas e as missas. São organizadas pela Irmandade e pela Igreja, através da Paróquia São Francisco de Assis. Em nove dos dez dias de Festa ocorrem essas celebrações:

---

<sup>88</sup> A ideia de “estrutura da Festa” pensada aqui se relaciona com calendário, cronograma, sequência de rituais, elementos utilizados e as dinâmicas engendradas.

<sup>89</sup> Entrevista realizada por videochamada, em maio de 2021.

<sup>90</sup> Entrevista realizada por videochamada, em maio de 2021..

missa às 19 horas e três horários para o terço, sendo dois de responsabilidade da Irmandade e um da paróquia. Apenas no último dia, na segunda-feira, não têm; a parte religiosa é finalizada no domingo, com a missa, e na segunda-feira é o encerramento da parte folclórica com o cortejo dos ternos pelas principais ruas da cidade, finalizado com a entrega da coroa.

A parte folclórica são os cortejos propriamente, os ternos em som e movimento, “a dança em si, com as cores, as fitas, com o gingado, com toda essa expressão corporal”, “atrelado a um lado místico, a um lado religioso”<sup>91</sup>, a parte folclórica é “a família do Rosário na rua, batendo caixa, louvando Nossa Senhora”<sup>92</sup>. A parte folclórica mais intensa é na alvorada, abertura da Festa e ainda mais concentrada nos últimos dias. Na divisão dos eventos, a procissão e o hasteamento das bandeiras<sup>93</sup> ficariam explicitamente<sup>94</sup> nos interstícios entre o folclórico e o religioso. Por fim, a parte social é a atividade comercial, as barraquinhas, e a sociabilidade mais ampla, como as ceias que acontecem no centro do folclore e “as noitadas” dentro do ranchão<sup>95</sup>, com leilão, show de forró, venda de comidas e bebidas.

No calendário da cidade, a Festa começa no início de outubro ou nos últimos dias de setembro, porém para muitos dançadores ela começa “antes de começar”, com o preparo das fardas e camisetas oficiais dos ternos e produção dos instrumentos ao longo do ano. E não acaba quando termina, os recursos que sustentam a Irmandade são angariados através de eventos: noites de festas, almoços, jantares. Os rituais devocionais para além da Festa, também se estendem, com periodicidade cíclica. Toda terça-feira acontece um terço na Igreja do Rosário, sob responsabilidade da Irmandade. No mês de maio tem o terço de Maria. Alguns ternos tinham (até antes da pandemia) o hábito de realizarem terços mensais, como o Mariarte e o Moçambique Mamãe do Rosário.

A emoção dos batuques e cantorias começa na “levantação” da bandeira dos ternos, dia em que dá início aos ensaios. Logo em agosto quem mora perto e ao redor das sedes dos ternos pode ouvir o tambor dos congos aos finais de semana. Aos poucos o clima da cidade vai anunciando que a Festa está próxima. Cada terno tem a liberdade de escolher a data de início

---

<sup>91</sup> Diogo Gonçalves, em entrevista por videochamada, em janeiro de 2022.

<sup>92</sup> Fabinho, em entrevista por videochamada, em fevereiro de 2022.

<sup>93</sup> Hasteamento do mastro/das bandeiras, levantação do mastro/das bandeiras são expressões sinônimas. Elas são usadas sem distinção entre os interlocutores e os devotos com quem tenho contato. “Levantação das bandeiras” é a mais usada, portanto, será aqui priorizada.

<sup>94</sup> Perceberemos como é uma divisão um tanto sensível e relativa provavelmente às questões organizativas e divisão de responsabilidades. Quando me refiro a esses dois eventos como “explicitamente nos interstícios entre folclórico e religioso”, estou pensando que o turista ou espectador desavisado ou não religioso teria sérias dificuldades em classificá-los como um ou outro; são inseridos no “calendário religioso” da Festa, recebem a bênção do padre, mas são vividos com os folguedos congadeiros.

<sup>95</sup> Ranchão é uma estrutura em formato de tenda, montada ao lado do largo do Rosário. Até algum tempo atrás, eu tenho lembrança, o ranchão ainda era feito de madeira e palha.

dos seus ensaios, em geral, entre agosto e setembro, precedida de um terço com todos os dançadores. O Congo do “Prego” o faz no segundo domingo de agosto, coincidindo com o Dia dos Pais. O Moçambique Mamãe do Rosário na primeira semana de setembro<sup>96</sup>. Um “ensaio geral” encerra a temporada dos ensaios, no último final de semana antes da Festa, com o cortejo de todos os ternos em visita aos Generais da Congada.

A Festa tem duração de 10 dias, começa em uma sexta-feira e se encerra em uma segunda-feira. Necessariamente abarca os dias de São Benedito (5 de outubro) e de Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro); em muitos anos também entra o dia de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro). Na quinta-feira que antecede a abertura acontece uma carreata, que “avisa pra cidade que a Festa vai começar”. Na madrugada da sexta, o apito do General anuncia o início da Festa, então os ternos vão em cortejo até o Centro do Folclore para tomar café da manhã, oferecido e organizado pela Irmandade e pelos festeiros. Cabe mencionar que os festeiros não estão só nas funções organizativas e financeiras da Festa; são apoiados por uma comissão que se divide nas principais tarefas, uma delas é buscar patrocínios e mais apoios, especialmente de comerciantes e empresários.

A alvorada encerra no primeiro terço da novena, às 6 horas. Desta sexta até o outro domingo são três terços por dia: às 6 horas, às 15 horas e às 18 horas. Este último antecede a missa, que acontece durante os 9 dias da Festa. No dia 5 de outubro, a missa é intencionada à São Benedito – Missa Conga. No dia 7, as intenções são voltadas à Senhora do Rosário. Após esta missa, acontece a coroação de Nossa Senhora, acompanhada pelo cortejo dos ternos pelas ruas centrais da cidade.

O último final de semana é o momento da “efervescência”<sup>97</sup> da congada. No sábado à tarde acontece o ritual de “levantação” da bandeira, que é buscada pelos ternos da casa do mordomo – figura representada por uma pessoa e sua família, que é responsável por guardar a bandeira em sua casa e cuidá-la entre uma Festa e outra. A função de mordomo da bandeira é vitalícia e hereditária, na morte de seu responsável, é passada para a família; há a indicação de outro mordomo pela Irmandade apenas quando a família “devolve” a bandeira. O mastro com a bandeira é hasteado no largo do Rosário, em frente à igreja, seguido de saudações cantadas e dançadas de todos os ternos ao mastro. Na sequência, terço e missa.

---

<sup>96</sup> Com exceção do ano de 2021. Em razão da comemoração dos 70 anos do terno, a “levantação” da bandeira aconteceu no dia de fundação, em 21 de agosto.

<sup>97</sup> Penso aqui no conceito durkheimiano de “efervescência social”, ao mesmo tempo corporal e coletiva. No último final de semana “tem congo na rua o tempo todo”, a cidade vive essa agitação do festejo; os(as) congadeiros(as) anseiam ao longo do ano pelos cortejos públicos, visitas a devotos e por vestir a farda no domingo, “louvar Nossa Senhora com os irmãos”.

No domingo começa pela manhã. Todos os ternos em cortejo descem da Igreja São Francisco de Assis para a Igreja do Rosário, onde acontece a missa da congada. Em seguida tem o almoço servido no centro do folclore, também organizado pela Irmandade e pelos festeiros. Mas muitos ternos têm seu almoço coletivo no domingo, garantido por algum devoto em cumprimento de seus votos ou pela auto-organização do terno. No domingo à tarde é o momento (não o único, mas o mais geral, digamos) que os ternos fazem as visitas votivas<sup>98</sup>. Às 18 horas acontece a procissão, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, em seguida a missa de encerramento da Festa – ou da parte religiosa da Festa. A Festa mesmo só termina na segunda-feira, com a “entrega da coroa”, ritual em que os festeiros do ano passam a função, simbolizada na coroa, para a Irmandade e, esta, a entrega para os festeiros do próximo ano.

Para além do que está previsto no cronograma oficial, existem momentos um tanto espontâneos, ainda que por vezes combinado, como o encontro do cortejo de dois ternos diferentes, que passam a interagir um com o outro, um capitão saúda o outro e seu batalhão, e então começa uma festa dentro da Festa. Nesses encontros é percebida a unidade da congada em torno da devoção e do fazer congadeiro ao mesmo tempo musical, religioso, coletivo e ancestral. Sobressai ainda o respeito à autoridade dos capitães, tanto do trato entre capitães como na resiliência mostrada pelo batalhão, a obedecer aos comandos de seu capitão. Existem outros momentos, digamos, espontaneamente organizados, como é o “misturado da Irmandade”: uma grande apresentação com dançadores, bandeirinhas e capitães de diversos ternos diferentes, todos misturados. Em 2017, o misturado aconteceu no dia de São Benedito, após a missa<sup>99</sup>. Em 2018, no dia de Nossa Senhora do Rosário<sup>100</sup>.

A estrutura apesar de seguir certo padrão produz dinâmicas não estáticas, mas acompanha os fluxos e transformações da congada, da cidade e da Igreja, resultantes dos processos históricos locais e nacionais de negociação entre agentes produtores da Festa, entidades e poder público – processos históricos de longa, média e curta duração. É o que veremos na próxima seção.

---

<sup>98</sup> As visitas são feitas a pedido de devotos por algum voto, muitas vezes por pedido de saúde em razão de alguma doença na família. O terno é recebido com um altar doméstico colocado na porta da casa ou arrumado no lugar onde está instalado, geralmente os devotos oferecem um lanche aos dançadores. O capitão, em ocasião das visitas, improvisa cantorias para os presentes e para as intenções da família que o recebe.

<sup>99</sup> Publicação da Irmandade sobre a missa de São Benedito e o misturado, em 2017, disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/1607329799318690>. Neste ano ainda a Irmandade fez uma publicação convocando a todos dançadores, bandeirinhas e capitães para o misturado, para louvar São Benedito.

<sup>100</sup> Pequeno vídeo do misturado em 2018 disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/2160958097508648/>.

### 2.3.1. Festa “na normalidade” (até 2019)

Queremos agora navegar um pouco, a partir da estrutura e da dinâmica da Festa nos últimos anos antes da pandemia, de 2017 a 2019, na ideia recorrente na fala dos congadeiros de “Festa tradicional” e propriamente de tradição. Para compreender os sentidos acionados por essas categorias e como se relacionam na prática com as transformações percebidas, escolhemos acompanhar as críticas e elogios dos(as) interlocutores(as) às mudanças, permanências e variações. Além da memória dos congadeiros, congadeiras e a minha, foi importante o material disponibilizado e arquivado no Facebook da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, da Capela do Rosário e dos ternos para a comparação entre os tempos de “antigamente” e “agora” (ou recentemente, considerando o período logo anterior à pandemia). A literatura historiográfica, como aproveitado no início do capítulo, é também parte dos dados.

Nós tínhamos a carreata na quinta-feira, na véspera da alvorada. A alvorada de quinta pra sexta de madrugada. Aí tínhamos as novenas nos 3 horários: 6 da manhã, 15 horas, 18 horas e missa às 19 horas. Isso durante toda a semana. Depois no outro fim de semana, no sábado tinha o cortejo pra buscar a bandeira, foi substituído por uma carreata, no momento de pandemia. Depois, no domingo, tinha um outro cortejo, onde todos os ternos buscavam a coroa pra descer pra missa, tinha almoço, cada terno tinha suas visitas e a tarde tinha a procissão.” (Diogo, em entrevista por videochamada, em janeiro de 2022)

Esse é o resumo que Diogo faz da Festa do Rosário, como costumava ser até 2019. Ainda que seja ele o mesmo congadeiro e capitão que considera constituinte da Festa o entrelaçamento das partes religiosa, folclórica e social, nos parece que o “centro estrutural”, poderíamos dizer, das atividades é antes o nó que existe entre o religioso e o folclórico. De forma que, pela sua fala, podemos pensar a parte social em algumas perspectivas que possam escapar ao religioso ou à essencialidade da Festa.

No terreno da especulação, poderíamos levantar algumas hipóteses. Seria a parte social uma consequência das sociabilidades diversas que a Festa abarca. Ou um estímulo à participação da população, quando pensamos as ceias e as barraquinhas. Ou uma herança indissolúvel das “festas de roça”, também em louvor aos santos padroeiros da região/igreja local, onde o modelo do ranchão é o principal espaço de sociabilidade. Ou uma consequência do crescimento da Festa em relação ao turismo, que estimula a vinda de barraqueiros, de visitantes e de moradores que porventura só queiram fazer compras.

Ou, ainda na especulação em relação à memória, esse “centro estrutural” da Festa tenha sido assim resumido em razão daquilo que foi realizado nos últimos anos, em que o controle da pandemia inviabilizou o pressuposto da parte social: o encontro social, a aglomeração, a

comensalidade, a multidão reunida. Todas as atividades e rituais mencionados por Diogo, e ainda outros, foram realizados nesse período, obviamente em formatos adaptados ao distanciamento social.

Seja como for, o cronograma oficial é assim “desde quando não se sabe”, mas supõe que seja ao menos desde que acontece na atual igreja do Rosário, no final da década de 1930. “Ninguém hoje dentro de Catalão sabe que a Festa do Rosário começou nessa rua aqui, com três terno, dois ternos de Congo e um de Moçambique.” Nos conta seu Elzon Arruda, na *live* de comemoração aos 60 anos do terno Congo do “Prego”<sup>101</sup>. Seu Elzon é capitão e filho de seu Geraldo Arruda, quem fundou o terno, irmão de Edson e Edsônia, os irmãos que foram festeiros em 2003. Dos três ternos mencionados por ele foram para dez em 1974<sup>102</sup> e em 2022, temos 25 ternos em Catalão e mais de 5 mil dançadores. A mudança quantitativa altera muito da dinâmica da Festa e, mesmo que oficialmente o cronograma siga um certo padrão, encontramos acréscimos e retiradas de atividades, alterações de espaços e formatos.

O aumento no número de dançadores é acompanhado do crescimento da visibilidade turística da Festa e, certamente, com o apoio dos políticos, comerciantes e empresários. Se outrora o ranchão onde acontecem as “noitadas” era feito de palha e madeira buscadas no mato, já há alguns anos é armada uma estrutura formando um grande espaço retangular. Ao lado, centralizada no largo outra tenda é montada, para receber as missas campais durante a Festa, com um palco que serve de altar e onde são dispostos os elementos litúrgicos. Ainda que a igreja se mantivesse aberta, essa estrutura é uma resposta à grande quantidade de pessoas, turistas e locais, religiosos ou não, que desejam acompanhar as missas. Ademais, a missa campal ocupa um extenso espaço sonoro e visual da rua, onde passam também aqueles não foram para a Festa assistir à missa.

---

<sup>101</sup> Live disponível na página do Congo do “Prego”: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/4040732489347727>

<sup>102</sup> Esse número foi dado pelo presidente da Irmandade na pesquisa de Brandão (1985, p. 15), porém o autor explica que “não há uma exata correspondência entre os ternos previstos no programa e os que de fato saem às ruas de Catalão”.

**Figura 2** - Montagem do ranchão e da tenda - Festa do Rosário 2019.



Fonte: Divulgação Facebook Irmandade do Rosário (2019)<sup>103</sup>

**Figura 3** - Interior do ranchão - Festa de 2019.



Fonte: Divulgação Facebook Irmandade do Rosário (2019)<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/photos/pcb.2620429968008663/2620428578008802>.

<sup>104</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/photos/pcb.2629775547074105/2629775363740790>.

**Figura 4** - Missa durante a Festa do Rosário, em 2019.



Fonte: Márcia Rosa (2019)<sup>105</sup>

É certo que as dimensões quantitativas da Festas do Rosário – em número de ternos e dançadores, turistas, expectadores, estruturas físicas, espaço da cidade ocupado pelas barracões e movimentação econômica – e qualitativa – em relação à ornamentação dos espaços religiosos, às fardas dos ternos e seus estandartes e à religiosidade mobilizada – insere Catalão no circuito do turismo religioso do estado de Goiás, com visibilidade nacional nos dias da Festa. Faz parte de um longo movimento de valorização da cultura negra e das festividades tradicionais. Mas por outro lado implica para alguns congadeiros “a perda da tradição”, um envolvimento nocivo com a “política”<sup>106</sup>, “a falta de controle” no sentido da hierarquia que “antigamente” existia, e novos valores que substituem a devoção.

A valorização da cultura, e acréscimo religiosidade, passa pelo investimento público. Fabinho nos conta que “antigamente não tinha a contribuição do governo que hoje tem, cada terno tem agora sua contribuição”, porém, segundo ele, nem sempre essa contribuição é utilizada com o terno, na confecção de caixas e fardas, que é “o que deveria ser”. É recorrente entre os dançadores que contatei a insatisfação em relação à forma como a política e com os interesses individuais que percebem na congada. “Muitos ternos dependem de políticos” em

<sup>105</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/photos/pcb.2194420877276243/2194417323943265>.

<sup>106</sup> A categoria “política”, como utilizada pelos interlocutores, parece significar aquilo que está envolvido com os processos eleitorais e com cargos públicos da política institucional.

relação à patrocínio, o que permite que “os políticos se intrometam demais”. “Isso estraga a Festa, porque a devoção vai ficando de lado”. Fabinho enaltece um dos princípios de seu terno, o Congo do “Prego”, da auto-organização. “A gente só depende de nós mesmos e dos vizinhos, pode ver na nossa camiseta que não tem nome de patrocinador nenhum”<sup>107</sup>.

Aí eles fica falando que o terno é muito grande, eles quer aparecer. Mas sabe qual o interesse deles? Interesse de dinheiro, de querer ganhar as coisa. Mas não pode, gente, não pode existir um terno com 300 comandado, só aqui que existe isso. (...) Muitos [dançadores] só quer aparecer. Ninguém vai lá rezar um terço, ninguém vai numa missa, ninguém participa de nada disso. A parte religiosa fica esquecida. (Aldanice, em entrevista presencial, em janeiro de 2022).

A percepção de Aldanice indica que os interesses pessoais, diversos e individualizados, têm sido sobrepostos aos valores e rituais religiosos e comunitários. Uma das consequências em sua perspectiva seria a desorganização dos ternos e dos cortejos, em que o capitão (ou os capitães) não consegue mais comandar todos os seus dançadores, justamente pela quantidade segundo ela excessiva. Além disso, as refeições coletivas, como o café da manhã da alvorada e o almoço do último domingo, tornaram-se bagunçadas, em que “ninguém respeita ninguém”. Outra consequência para Aldanice é a inviabilização das visitas com o terno inteiro e de apresentações em espaços fechados. O número de dançadores poderia, portanto, dificultar algumas das funções rituais constituintes da congada e, ainda, fazer perder o principal: o sentido religioso e devocional.

Internamente à congada, ao menos entre um setor, parece haver um sentimento de perda em relação a todos os momentos que são dificultados, desorganizados ou abandonados em razão do número de dançadores e da intenção de que os levam ao congo. Perda da religião ou do sentido religioso, da devoção, da coletividade, do respeito aos mais velhos. A perda da “tradição” é apontada na mesma chave do “tamanho do congo”, porém entre os(as) congadeiros(as) de Catalão a categoria “tradição” recebe uma variação espectral de significados e referências, em que não são todos que a considera fragilizada ou em processo de perda. A fragilidade ou perda da “tradição” aparece, por exemplo, como a falta de interesse dos dançadores mais jovens em participar dos rituais católicos tradicionais ou como a redução do percurso dos cortejos pelas ruas da cidade.

Então a cidade vai perdendo essa tradição de ver a congada passando na rua, passando na porta. Tem até uma música da congada que na letra fala “moça bonita sai na janela, vem ver que lindo, que coisa bela” a congada passando, né... e isso está sendo perdido.” (Sabrina, em entrevista por áudio, em fevereiro de 2022).

---

<sup>107</sup> Fabinho, em entrevista por videochamada, em 14 de fevereiro de 2022. Ele nos conta ainda que seu terno tem a “Associação do “Prego””, que possui um caixa e CNJP.

A preocupação acima é de Sabrina de Sousa, 26 anos e branca, bandeirinha do Congo do “Prego” desde os 10 anos, fisioterapeuta e católica. Um dos elementos tradicionais que ela percebe em processo de se perder é a ocupação das ruas, para além daquelas principais, pela congada e a conseqüente participação de moradores da cidade que assistem e participam dos cortejos (e têm a chance de louvar Nossa Senhora) desde a porta ou a janela de suas casas. Aqui me recordo especialmente de pessoas idosas e com dificuldade de mobilidade que se alegram com a passagem dos ternos. Além disso, existe, é claro, o envolvimento da cidade enquanto paisagem, comunidade e espaço.

Sabrina se refere a três situações, que, com as mudanças, “deixaram de lado essa tradição”. Na *alvorada*, em que “cada terno andava tocando ali pelo seu bairro durante a madrugada, depois do apito do general, no sentido assim de acordar a cidade, de avisar a cidade que a festa começou”. Enquanto hoje eles “já tocam ali mesmo no largo, próximo à Igreja”, toma o café e vai embora. Nas *visitas* que antes levavam os ternos a percorrem as ruas em cortejo até a casa visita, muitas vezes em longas distâncias, “hoje os ternos procuram visitas mais próximas, ou então acontece muito essa questão dos ternos andar de ônibus ou alguma coisa assim, freta ali pra todo mundo e vai junto.”. Aqui existe um encontro com o apontamento sobre o tamanho dos ternos e a dificuldade em realizar visitas, ainda que Sabrina não tenha mencionado o fator número de dançadores como explicação dessas mudanças. A terceira situação, ainda mais enfatizada pela bandeirinha, portanto a que nos atentaremos mais, é a *entrega da coroa*.

Eu lembro que a entrega da coroa acontecia na casa dos festeiros, né, a congada ia na casa do atual, buscava a coroa e, em cortejo, ia entregar na casa do festeiro do próximo ano. Depois ela foi transferida lá pro estacionamento da Nova Matriz, e agora já tem alguns anos, bastante tempo que passa pela [Avenida] 20 de agosto também.

Poderíamos pensar nas possibilidades simbólicas que envolvem o antigo formato da entrega da coroa, pelo ritual de transferência feito pelos(as) congadeiros(as) em cortejo entre os festeiros, de uma casa a outra. Renderiam boas reflexões. Mas, apesar da atenção em demasia aos detalhes, nosso objetivo aqui é tentar desenhar “a que pé” estava a congada de Catalão quando começou a pandemia.

Pelos relatos e preocupações em relação às transformações, percebemos que em coadunação ou em consequência ao interesse turístico, econômico e político, houve um movimento de espetacularização da Festa do Rosário, muito expresso nas estruturas montadas pela prefeitura. Além daquelas no largo que mostramos acima, têm os suportes colocados pelas ruas em que acontece o cortejo para entrega da coroa. Com arquibancadas dos dois lados da

Avenida Vinte de Agosto<sup>108</sup>, o trajeto terminava até 2019 em frente à Praça Getúlio Vargas, no centro comercial da cidade, com um palco em que ficam, além dos festeiros e representantes da Irmandade, o prefeito e políticos locais, aliados ou simpatizantes da congada. Em 2018, o presidente<sup>109</sup> da Irmandade é um capitão de Moçambique e também vereador.

**Figura 5** – Arquibancadas na entrega da coroa. Festa do Rosário de 2018.



Fonte: Página Facebook Irmandade Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2018)

Sobre atividades da Festa acrescentadas nos últimos anos tem destaque a carreata que acontece no dia anterior a alvorada, em uma quinta-feira, como um anúncio do que está por vir. Existe “há vários anos, há um bom tempo”, nenhum(a) interlocutor(a) soube dizer há quanto

<sup>108</sup> A Avenida Vinte de Agosto é umas das principais da cidade, onde está o primeiro centro comercial.

<sup>109</sup> A presidência e a diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão funcionam em regime bienal. Identificamos nas entrevistas e nas imagens em que os diretores aparecem uniformizados que nos últimos anos teve uma certa permanência de integrantes da diretoria, com um núcleo permanecendo de uma gestão a outra. Contudo, pressupomos que haja alguma rotatividade, ainda que não completa. Seguem as gestões abordadas nesse trabalho: Biênio 2017/2018: presidente Leonardo Bueno; Biênio 2019/2020: presidente João Costa Alves; Biênio 2021/2022: presidente Ana Cristina Oliveira.

tempo, mas certamente não se estende até os tempos de seu Geraldo Arruda, quando havia apenas três ternos na cidade, nem mesmo quando a atual igreja do Rosário foi construída, uma vez que “ali era só cerrado, tinha cidade não, era só cerrado”<sup>110</sup>, nem tampouco aparece na pesquisa de Brandão (1985). A carreata se relaciona com a popularização dos automóveis particulares e aqui, no sudoeste goiano, também se relaciona fortemente com campanha eleitorais. No Facebook da Irmandade encontrei o que a memória não encontrou: essa carreata acontece desde 2018<sup>111</sup>, mesmo ano em que foram instaladas as arquibancadas na entrega da coroa.

**Figura 6** – Chamada para a carreata. Festa do Rosário de 2018.



Fonte: Página Facebook Irmandade Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2018)

Daqui tiramos dois pontos importantes para compreender as adaptações feitas durante a crise da pandemia. O primeiro é a familiarização, mesmo que recente, com o formato de carreata

<sup>110</sup> Fala de seu Elzon sobre a localização da igreja do Rosário quando aconteceu a doação do “chão”. Retirada da live supracitada do terno de Congo do “Prego”.

<sup>111</sup> Na divulgação da carreata do ano seguinte, 2019, tem escrito “2ª Grande Carreata”. Disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/2622859594432367>

que congadeiros(as) e devotos(as) tinham quando começou a pandemia. A familiarização que, me parece, decorre de uma inovação que se mostrou eficaz em alguns pontos já constituintes da congada: o encontro coletivo, o desfile pelas ruas e a possibilidade da passagem da imagem de Nossa Senhora do Rosário pela cidade – ainda que, nesse caso, dentro de automóveis. São eficácias suficientes para, na imposição do distanciamento corporal, as carreatas serem eleitas como formato paliativo da parte folclórica da Festa.

O segundo ponto seria o poder simbólico que carrega o que é chamado de “tradicional”. Se uma novidade produz eficácia em alguma dimensão de algo tradicional, com facilidade essa novidade pode ser assimilada como se fosse de longo prazo. A “tradicional Festa do Rosário de Catalão”, como podemos ouvir na mídia local, entre os congadeiros e moradores de Catalão, pode portanto coadunar elementos que se estendem na longa duração da história com outros recentes e inovadores, desde que haja uma compatibilidade (ou não oposição) com aqueles anteriores, com o universo já construído – a cosmologia. Como coloca Sanchis (2008), não se trata simplesmente de buscar por rupturas e continuidades, mas entendê-las na concepção de uma certa realidade, pois

Os dois polos antagônicos da ruptura e da continuidade, longe de simplesmente se oporem, se justaporem ou se balancearem, compõem, juntos, uma realidade diferente, cuja originalidade está exatamente no fato de que esses lances antagônicos se qualificam e se performam reciprocamente (p. 90).

Tradição, como sincretismo, é um conceito sensível e controverso nas ciências sociais, na antropologia e nos estudos de folclore. Se o problema com sincretismo é o apagamento de uma cultura ou religião dominada em uma outra dominadora, com tradição o principal problema apontado é a sensação de imobilidade, de cristalização que a categoria pode gerar, a possibilidade das transformações e dinamicidades serem ignoradas sob a insígnia do que “sempre foi”, o que significa, em última instância, dominação sobre a cultura folclorizada. Maria Clara Machado (2002, p. 339) considera que entender a cultura popular como folclore e tradição é “pensá-la no passado”, que a “folclorização da cultura (...) é a apresentação de eventos artísticos higienizados (...) tornando-os palatáveis às elites”. Nessa perspectiva a “tradição” assume uma função de dominação e controle das culturas populares, reservando a estas um lugar no passado e fixo.

Contudo, quando os próprios sujeitos “folclorizados” acionam e conduzem as categorias de folclore, de tradição e de sincretismo, pode até ser que os eventos se apresentem higienizados, mas pela agência dos “fazedores dessa cultura” eles mesmos contemporâneos ou históricos, em resistência ou em negociação. Ao reproduzir aquilo que aprenderam com seus mestres, pais e/ou capitães, imprimem marcas e escolhas que atravessam suas existências,

portanto, contextualizadas e singulares. Na congada de Catalão temos de considerar os sujeitos históricos negros e congadeiros na construção da ideia de “tradição” e “folclore” hoje utilizada. Provavelmente em negociação com a elite local – como a própria Festa do Rosário e a Irmandade foram/são – porém não ao ponto de negarmos sua agência. Ao contrário, integram um lado da negociação e o protagonismo da Festa e da congada.

Assim temos uma realidade em que a categoria de “tradição” é intransponível e não está presa ao passado, mas é capaz de incorporar as dinâmicas atuais (pois são nelas que tal tradição existe), as novidades e os fluxos de acordo com a cosmologia tradicionalmente construída. Em outras palavras, o passado é considerado e valorizado, mas não resume a experiência atual do que é tradicional.

Ao contrário do que ocorre nos círculos acadêmicos, aqui tradição é acionada com tranquilidade, faz parte do repertório sem grandes problemas; não encontrei as contradições ou os desconfortos que tanto já me deparei na literatura acadêmica, inclusive sobre as congadas de outros lugares. O que encontrei foi uma categoria que, sem ignorar a força do passado, dos ancestrais e da religião, é capaz de conferir à(ao) congadeira(o) pertencimento a uma história que antecede sua vida e a abarca. Encontrei também, por suposto, divergências entre *o que é considerado tradicional* e *o que não é*.

Como utilizada pelos interlocutores, “tradição” serve para caracterizar aquilo que, sendo *sui generis* da congada, “se perpetua”, através da transmissão de geração em geração, de capitão para capitão, é o que “sempre acontece”, “o jeito que a gente sempre foi”. É a manutenção do evento cíclico da Festa do Rosário, o saber fazer que é reconhecidamente herdado dos antepassados. Mas, se, como quer Sanchis (2008, p. 75), é “transmitindo-se, afirmando-se, confrontando-se que as culturas se transformam”, então a tradição aqui acompanha e serve de orientação para mudanças.

A definição da categoria é mais ou menos comum entre nossos interlocutores. O conteúdo imbricado, entretanto, é variável e acionado conforme a posição do congadeiro e seu terno no contexto geral dos Irmãos do Rosário, e alinhado à forma como é vivida e percebida a devoção, a fé e a constituição mesmo da congada.

Vejamos o que encontramos até agora. Para Aldanice muito da tradição é perdida com o número excessivo de dançadores, para Sabrina isso acontece no processo de “espetacularização”, isto é, mudar os roteiros dos cortejos com a coroa, reduzir as rotas dos cortejos – o que foi feito de forma a garantir visibilidade. Já Diogo não apontou essas questões como “perdas da tradição”. Nas *lives* e transmissões de seu Moçambique, o tamanho do terno

não é colocado como um problema, ao contrário, ele saúda e pede que seus santos de devoção abençoem a todo batalhão. E mesmo durante a pandemia, Diogo garante que durante a Festa “nenhum elemento histórico tradicional”<sup>112</sup> ficou de lado, apesar das faltas sentidas.

Assim, tradicional foi por vezes colocado como sinônimo de *católico*, de devoto em termos do catolicismo popular, como a importância dos rituais católicos cíclicos e da moral cristã. Tradicional pode ser sinônimo de *ancestral*, aquilo que foi deixado pelos antepassados, que se refere ao contexto da escravidão ou de um passado não tão distante, mas que aponta os subterfúgios utilizados na expressão da religiosidade e da existência congadeira, com expressa *agência negra*. Ainda, a tradição é a combinação específica feita pela congada de Catalão de elementos e de atividades que tinham antigamente e *seguem* tendo: os cantos tradicionais, a vestimenta, as apresentações pelas ruas, o almoço de domingo, a “levantação” da bandeira, a entrega da coroa, a hierarquia das personagens rituais, o tamanho dos ternos, o fazer coletivo, o encontro.

Esses elementos e atividades, valorizados na historicidade e na potência religiosa e/ou cultural, através da memória, podem se adaptar às situações colocadas pela realidade dos contextos, eles podem ser resignificados e podem também incorporar novos elementos. Por exemplo, o terno de Congo Mariarte, criado por Aldanice e sua comadre Wanda, é um terno apenas de mulheres – o que seria de certa forma contra uma “tradição” da congada que, como ouvimos, no começo só aceitava homens. Inclusive a mãe de Aldanice, ela nos contou, foi a primeira mulher a ingressar nas fileiras de dançadores, como bandeirinha. Por algum tempo, às mulheres, bem dizer às meninas – já que era cobrada a castidade delas – ficou reservada a função de bandeirinha, para além daquelas funções de suporte, como a confecção das fardas e acessórios, as comidas, a limpeza dos espaços. Hoje encontramos mulheres batendo caixa, sendo capitãs e... o terno Mariarte.

Se por um lado a atitude de Aldanice rompeu com uma tradição, por outro manteve outras tantas. O critério de aceitação de integrantes no terno é ser devota, é frequentar as missas e os terços, servir à Igreja – o que Aldanice considera “seguir nossa tradição, do congo de Catalão”. A hierarquia entre capitã e dançadoras é mantida, assim como a hierarquia acima da capitã é respeitada. A produção dos instrumentos musicais foi aprendida com seu primo, “dançador antigo” e a confecção das fardas e instrumentos rituais foi aprendida com as mulheres da família.

---

<sup>112</sup> Diogo em entrevista por videochamada, em 10 de janeiro de 2022.

Tradição aqui pode ser antes o esforço de preservar aquilo que consideram o “certo” da devoção ao Rosário ou da maneira de fazer a Festa e viver-ser a congada. Esse esforço de preservar pode, contudo, tolerar ou até incentivar as mudanças que caibam na concepção de religiosidade para cada um deles. Como vimos, pode muitas vezes gerar insatisfações, preocupações quanto ao futuro da congada, quanto a sua perpetuação. Apesar da multiplicidade de conteúdos contidos em “tradição”, é tradicional que haja união entre os irmãos do Rosário e entre os ternos na religiosidade através das festividades.

... Fé, devoção, é religião  
Congada é festa de união...<sup>113</sup>

Mudanças, permanências, adaptações, diversidade e unidade, tradição, devoção, sincretismo, festividades, religiosidades... chegamos finalmente a 2020. A pretensão até aqui passa longe de exaurir todas as nuances e complexidades da congada e da Festa do Rosário de Catalão. É uma tentativa de desenhar o cenário em que a pandemia foi vivida e a Festa reinventada. Assim como as tradições, a reinvenção vai passar por aquilo que já faz parte do repertório congadeiro, o que foi absorvido na dinâmica cotidiana e religiosa, portanto foram múltiplas reinvenções, e em unidade. Claro, com improvisos, adaptações, sentimentos inéditos, lutos e esperança depositada na intercessão de Nossa Senhora.

### 2.3.2. Festas “atípicas”

Em março de 2020, com o anúncio da pandemia de Covid-19, ficamos de uma maneira global à espera de respostas, descobertas e medidas necessárias para proteção. Decretos e mais decretos foram cerceando os espaços públicos e proibindo aglomerações. Congadeiros, devotos e simpatizantes da congada em Catalão experimentaram um misto de medo e ansiedade. Os momentos de crise instigam sentimentos religiosos seja para buscar explicações e causas, seja para pedir proteção diante do desconhecido, ou ainda na esperança para que a influência divina altere o curso dramático da humanidade<sup>114</sup>.

---

<sup>113</sup> Cantoria comum de diversos ternos e da Irmandade.

<sup>114</sup> Carranza (2020, p. 117) nos lembra que “a pandemia da Covid-19 obriga a revisitar o lugar da religião em contextos de sofrimento e nos obriga a observar quais são suas respostas às inúmeras necessidades que fiéis e cidadãos sentem”. No caso em tela, a esperança é alívio ao sofrimento ou força para lidar com ele, vinculado à confiança na intercessão (ação) de Nossa Senhora do Rosário, que em outros momentos já interviu pelo bem e pela cura.

No cenário da devoção à Senhora do Rosário, os pedidos por sua intercessão foi o que encontramos nas redes sociais dos ternos de Catalão e da Irmandade. Entre os congadeiros, a direção dessa intercessão foi tanto da proteção dos seus contra a doença, da humanidade contra as adversidades, quanto na melhora da crise para que em outubro os tambores pudessem tocar pela cidade. As atividades mais cotidianas, como o terço semanal na Capela do Rosário e aquelas mais internas dos ternos foram de imediato suspensas. Nas primeiras semanas da pandemia, a Irmandade teve a iniciativa de fazer a passagem da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas da cidade, na intenção de levar “consolo e esperança”. Mas atenção: não foi uma carreata.

**Figura 7 - Flyer de divulgação da Irmandade**



Fonte: Página Facebook Irmandade do Rosário Catalão (2020)<sup>115</sup>

Interessante ver que enquanto é ressaltada a importância do distanciamento social nesse momento (inclusive através da descrição do ritual “a Imagem será levada apenas por um carro e uma pessoa para apoio, evitando aglomerações”), é pedido que sejam publicadas nas redes as imagens que fizerem da passagem solitária e intercessora de Nossa Senhora. O que indica, de antemão, como as redes sociais se mostraram um meio de manter vínculos de fé, da comunicação intencionada, na impossibilidade dos encontros pessoais e da importância da devoção diante do medo e vulnerabilidade sentidos. E essa devoção se mostra fortemente ligada à imagem sagrada da Santa, que percorre as ruas e tem o poder de abençoar a cidade, com

<sup>115</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3019683974749925>.

consolo e esperança, depois percorre as redes sociais com esse mesmo poder. Em maio temos a primeira transmissão de terço realizado pela Irmandade:

**Figura 8** - Primeira transmissão de terço realizado pela Irmandade em maio de 2020



Fonte: Página Facebook Irmandade Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)<sup>116</sup>

Na transmissão vemos que, após o canto de uma música para Nossa Senhora com instrumentos da congada, Diogo conduz a “live” e o terço:

Hoje, dia 31 de maio, nós enquanto Irmandade do Rosário, enquanto grupo do terço de todas as terças-feiras de nossa Capela de Nossa Senhora, todos os anos fazíamos esse momento tão especial, de encerramento do mês de maio e de coroação de Nossa Senhora, como a rainha do céu, e também como a nossa rainha. Esse ano de 2020, em moldes diferentes, nós também queremos fazer *comunhão com todos vocês que rezam conosco através dos meios de comunicação*, todos vocês que estão conosco através da oração, nos faz unidos, para juntos homenagearmos Nossa Senhora, encerrando o mês de maio.<sup>117</sup>

Números de morte crescentes, inclusive em Catalão, cancelamento em massa de eventos públicos e festividades. Incertezas, angústias e preocupações fizeram parte das deliberações em relação a realização ou não da 144ª Festa do Rosário, assim como os famosos protocolos da OMS. Os comentários das publicações no Facebook da Irmandade se dividiram entre “não pode

<sup>116</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3155871937797794>.

<sup>117</sup> Live disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/3158320447588439/>

ter a Festa, por mais importante que seja, vamos rezar em casa”, “até outubro tudo isso já passou, Nossa Senhora do Rosário merece sim ter a festa” e “melhor que a Festa seja adaptada ao ano em que estamos, do que cancelar”.

Para acalmar os ânimos, a Irmandade se pronuncia em junho, o que será reiterado com oficialidade no mês seguinte.

Nota de esclarecimento:

Catalão, 18 de junho de 2020.

Diretoria Irmandade Nossa Senhora do Rosário - Catalão/GO.

Bom dia, Salve o Rosário!

Rosário salve!

Vimos por meio deste esclarecer que a 144ª Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Festa do Rosário 2020) NÃO ESTÁ TOTALMENTE CANCELADA.

Na tarde de ontem, 17 de junho de 2020, fomos informados do Decreto onde informa o cancelamento total da festa.

Mais em reunião com o prefeito e membros da diretoria firmou o combinado que a entidade só iria se pronunciar no dia 01 de julho, e assim apresentar a nossa posição e ideias em relação a festa. Infelizmente o decreto foi lançado, não fomos informados e não tivemos direito de nos pronunciar e muito menos defender os nossos interesses. O decreto foi mostrado em blogs locais e também na TV local. E por isso faremos o adiantamento do nosso posicionamento em nota pelas vias Facebook e Instagram.

Em virtude da pandemia COVID19 (CORONA VÍRUS) a parte comercial, (as tradicionais barraquinhas, o ranchão e as ceias que acontecem no centro do folclore) essa eventualidades estão suspensas de fato.

Devido o grande número de pessoas que ali frequentam e respeitando as normas da OMS é completamente inviável o acontecimento das mesmas.

Essa é a parte onde a prefeitura da cidade tem grande responsabilidade em organizar. E por vez estamos totalmente de acordo em cancelar.

Logo pensamos na parte religiosa, que por sua vez também reuni uma incontável aglomeração. Essa é a parte onde a Irmandade organiza, sendo assim as decisões são tomadas entre diretores e colaboradores.

*E por ser tão grandiosa a festa da padroeira da cidade, não seria possível cancelar.*

Em reuniões com membros da diretoria chegamos a conclusão que as novenas e missas poderão ser feitas com um número bem reduzido de colaboradores e transmitida pela redes sociais, as populares lives, visto que a tecnologia está ao alcance de uma grande maioria. Essas transmissões seriam feitas pelas redes Facebook e Instagram oficial da entidade.

Na parte religiosa entra também a alvorada, levantamento dos mastros e procissão, estas serão preparadas de acordo com a real situação do mês de setembro a outubro, e já as tradicionais congadas, já entramos em acordo com todos os 1º Capitães dos 25 ternos e a grande maioria concordou em não colocar o terno na rua este ano.

A nossa esperança é que até outubro (mês da festa) a situação esteja controlada. Mas, caso não esteja este será o meio de festejarmos.

Lembrando que o cronograma ainda será estudado e caso venha acontecer faremos tudo de acordo com as regras, e normas de prevenção da OMS, Secretaria de saúde, vigilância sanitária e todos os órgãos envolvidos. E como todos os anos, contamos com a ajuda e parceria da prefeitura Municipal de Catalão<sup>118</sup>. (Grifos da autora).

As chamadas da Irmandade para as reuniões, as notas de esclarecimento, os pedidos de intercessão e oração, bem como as orientações sobre medidas de segurança, tudo isso passou pelo Facebook e pelo Instagram. Depois de decisões tomadas, também a mídia local (rádio e

---

<sup>118</sup> Publicação na página do Facebook da Irmandade, disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3206836409368013..>

TV) foram meios de divulgação e lamentação. A reorganização geral das relações passou em larga medida pelo digital, e a familiaridade anterior dos congadeiros com esse meio, muito em razão da eficácia da comunhão com o sagrado através dos meios de comunicação, trouxe o digital para o centro da cena, na perspectiva escalar, isto é, com o objetivo de *coletivizar os rituais*, o que, sobre a congada, significa a própria realização deles<sup>119</sup>. Os rituais, contudo, tinha de acontecer materialmente. A saída foi reduzir o número de presentes e seguir os protocolos da OMS.

Em agosto, a Irmandade divulgou o lema da Festa: “Não tem festa, mas tem fé e devoção”, com o qual foram feitas as camisetas neste ano. Lema que, a contragosto, se manteve no ano seguinte. O início do segundo semestre do ano costuma ser o momento em que a cidade começa a se agitar, à espera da Festa do Rosário. No clima de espera e de lamentação, a Irmandade lança em sua página do Facebook uma enquete: “O que mais vai te fazer falta? 1. Missas e terços; 2. Barraquinhas (parte comercial); 3. A tradicional congada; 4. Ranchão (fórró, leilões); 5. Ceias (centro do folclore)”<sup>120</sup>. Dos 81 comentários que a publicação recebeu, a maioria escolheu mais de uma opção ou “todas”. Aqueles que escolheram apenas uma, responderam “as congadas, sem dúvida”. Uma pessoa explica bem o mote da “falta” – e também de nossa pesquisa: “A congada 3.....pois os terços, missas podem ser transmitidas e a nossa congada não podemos juntar”.

Agosto também é o período em que os ternos começam os ensaios, após a “levantação” de suas bandeiras<sup>121</sup>, em um ritual com terço, música e cantoria. Antecipando, portanto, esses eventos a Irmandade divulgou uma sequência de imagens com as orientações escritas sobre o que seria permitido e o que seria proibido na Festa. Nas permissões estavam as carreatas, subidas e descidas das bandeiras dos ternos “exclusivamente nos quartéis/residências”, obedecendo os requisitos básicos de segurança sanitária em 2020: sem aglomeração, portanto, sem visitantes, com distanciamento de 2 metros, com máscara e álcool gel. Nas proibições estavam as visitas de um terno a outro, seja de Catalão ou visitante, as aglomerações em quartéis e no largo do Rosário, “a circulação de grupos/ternos e/ou procissões”<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> Aqui não me refiro a todos os rituais congadeiros. Existem aqueles que não são compartilhados com todo o terno e carregam uma certa áurea de segredo, porém a esses não tivemos acesso. Primeiro pela condição própria destes rituais como mais reservados, internos, segundo pelas condições do trabalho de campo – distanciamento social.

<sup>120</sup> A enquete e as respostas podem ser conferidas em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/photos/3387796894605296>

<sup>121</sup> “Levantação”/levantamento/hasteamento da bandeiras ou dos mastros. Todas essas combinações são encontradas. Demos preferência por “levantação” da bandeira pois foi o que mais ouvimos.

<sup>122</sup> As orientações de segurança foram publicadas no perfil da Irmandade e estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3366722616712724>

O Congo do “Prego” transmitiu o terço e a levantação da bandeira no quintal de seu Elzon, realizado tradicionalmente no segundo domingo de agosto. Foi “só com o pessoal de lá mesmo”, segundo Fabinho. O pessoal da família mais próxima de seu Elzon, o capitão, foi mais ou menos 20 pessoas, que podem ser vistas na *live*<sup>123</sup>. Sem instrumentos, as vozes é que fazem as orações e cantorias. O Moçambique Mamãe do Rosário, que costuma levantar a bandeira no começo de setembro, em 2020 o fez e transmitiu no dia 5, em um sábado. “De uma forma diferente” e com “o coração triste por não estar com todos os moçambiqueiros”<sup>124</sup>, rezaram o terço, saudaram a Senhora do Rosário com as batidas as cantorias sagradas e levantaram a bandeira na casa do capitão Diogo, onde é a sede do terno e também espaço cultural.

Assim também fizeram outros ternos, com o ritual reduzido em número de presentes e transmissão parcial ou integral pelo Facebook. Outros, como pudemos saber, fizeram a “levantação” da bandeira sem transmiti-la. Não soubemos diretamente de algum terno que não tenha feito sua levantação da bandeira, contudo um interlocutor nos contou em entrevista que alguns capitães e pessoas da congada não quiseram fazer nada, com o seguinte pensamento: “se eu não posso fazer o todo, eu não vou fazer só um pouquinho, porque ela [Nossa Senhora do Rosário] merece muito”, como se o fato de “fazer pouco”, tocar com 6 dançadores apenas, por exemplo, fosse desmerecer o sagrado.

O calendário da Festa de 2020, em “modo online-drive in”<sup>125</sup>, saiu em setembro, primeiro na página da Irmandade e depois replicado nas páginas dos ternos, capitães, devotos e simpatizantes:

---

<sup>123</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/3372450002842649>

<sup>124</sup> As palavras são do capitão Diogo. A transmissão está disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1699885253509124/>; <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1700006923496957/>

<sup>125</sup> “Modo online-drive in” foi uma expressão da Irmandade a princípio. Conferir no primeiro cronograma divulgado: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3437459099639075>

Figura 9 - Cronograma da 144ª Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário - Catalão/GO

**144ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário**  
**Catalão/GO**

02/10 - Sexta-Feira  
Alvorada - 04:30hr

02/10 a 09/10 - Sexta a Sexta  
Terço - 06hr - 18hr  
Missa - 19hr

10/10 - Sábado  
Terço - 06hr  
Carreata com as bandeiras - 17hr  
Benção das bandeiras - 18hr  
Missa - 19hr

11/10 - Domingo  
Missa de encerramento - 08hr  
Carreata com a Imagem de  
Nossa Senhora do Rosário - 09hr

12/10 - Segunda-Feira  
Entrega da Coroa - 09hr.

Cronograma sujeito a mudanças.

TRANSMISSÃO AO VIVO

Irmandade Rosário

@irmandadedorosariocatalao

@irmandadecat

Fonte: Página Facebook Irmandade do Rosário Catalão/GO (2020) <sup>126</sup>

A parte do cronograma que se refere às “apresentações da congada” foi toda subsumida. Aquelas apresentações que se referem a momentos rituais *imprescindíveis*<sup>127</sup> da Festa foram substituídas por carreatas: o ato da bandeira ser levada pelos ternos da casa do mordomo até a igreja e então ser hasteada, e a passagem da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas da cidade. Por outro lado, aquela carreata que era feita na quinta-feira que antecede a alvorada, não aconteceu. Como se, dadas as condições de realização da Festa do Rosário, não fosse necessário avisar a cidade que a Festa estava prestes a começar. A cidade, como um todo, não estava exatamente convidada a participar, senão pelas transmissões desde suas casas. “Reze de casa” foi o pedido.

<sup>126</sup> Cronograma disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3502321859819465>.

<sup>127</sup> Esses rituais são aqueles acima mencionados como localizados nos interstícios entre “religioso” e “folclórico” aos olhares externos.

**Figura 10** - Reinado na carreata do domingo, 11 de outubro de 2020



Fonte: Lucas Machado (2020)

Aqueles momentos espontâneos ou espontaneamente organizados também foram reduzidos, mas não subsumidos de um todo. Após a missa no dia 7 de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário, teve o misturado, como teve nos anos anteriores, mas de uma forma “atípica”. Não foi no largo do Rosário, mas dentro da igreja. Não tinha centenas de dançadores, mas poucas dezenas; a igreja se manteve aparentemente vazia. A Senhora do Rosário, foi saudada e louvada, do jeito que foi possível, com caixas, sanfona, pantagonga, cantorias e danças. O momento de devoção foi transmitido e reproduzido mais de 5 mil vezes<sup>128</sup>.

Ademais, se no sentido religiosos-existencial, ficou uma sensação de dívida, de algo “pelas metade”, enquanto para outros congadeiros, “a parte religiosa toda teve, não foi porque a congada não saiu na rua que não teve Festa”. Encontramos assim nesses dois anos uma concepção inédita e “atípica”<sup>129</sup> de “Festa” que, por um lado, através do lema “não tem festa, mas tem fé e devoção”, assume que parte constituinte dessa Festa *não* foi realizada, porém segue sendo Festa, pois segue louvando Nossa Senhora do Rosário, da maneira possível. As missas foram realizadas, os terços também. As caixas foram tocadas, as cantorias entoadas – não entre todos os ternos, nem com todos os dançadores, mas com os números possíveis e entre os ternos que consideraram viável e imprescindível. Sobre isso Diogo nos conta que

[...] não deixou faltar nada do processo histórico tradicional para não perder nenhum elemento. A oração, a bebida de fecha-corpo, a levantação do mastro, que a gente

<sup>128</sup> Uma parte do misturado pode ser vista aqui: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1044404722686234/>

<sup>129</sup> Em diversas *lives*, também em entrevistas, congadeiros(as) utilizam “atípico” como uma maneira de qualificar os festejos e rituais durante a pandemia como algo diferente do que estão acostumados, como o improvisado necessário e intransponível.

nunca deixou de levantar, do terno, o terço, as orações pra sair, pra fechar a festa. Nada, nenhum desses elementos, mesmo com número reduzido, a gente não deixou de fazer. (Diogo, em entrevista por videochamada, em janeiro de 2022).

Essa perspectiva é sobre o capitão Diogo e o Moçambique Mamãe do Rosário, em sua “experiência particular”, não diz respeito à integralidade dos ternos. Contudo, percebemos que cada terno buscou manter aquilo que considera imprescindível<sup>130</sup>, e esse imprescindível não foi, de modo algum, homogêneo. Aldanice, capitã do Mariarte, nos dois anos em tela, realizou o terço da tarde na igreja e acompanhou as missas, algumas dançadoras de seu terno também foram. No terço antes da “levantação” da bandeira do Congo do “Prego”, o capitão seu Elzon de maneira similar ressalta a essencialidade da oração: “bater caixa é uma “cumprimentação”<sup>131</sup>, mas o essencial é isso aqui, é a oração que nós temo que ter por ela [Nossa Senhora]”<sup>132</sup>.

De maneira diversa diante das concepções múltiplas e em unidade em torno da Festa, temos assim desenhada uma forma que podemos resumir em: rituais reduzidos e transmitidos online. Esse modelo traz algumas implicações, sobre as quais vamos nos atentar na seção seguinte. A primeira são os novos acionamentos da ideia de “Festa”, como antecipamos acima, e a relação estabelecida com aquilo que é considerado essencial pelos agentes da congada, que aparece nas falas e naquilo que foi feito e publicizado nas redes sociais. A segunda diz respeito à construção da pandemia enquanto um evento/momento em movimento, em que existiram momentos e oscilações e como isso resultou na diferença das Festas de 2020 e 2021. A terceira é o paradoxo intrínseco a esse modelo: *reduzida* em número de presentes, porém *expandida* através das transmissões.

### 2.3.2.1. “Não tem festa, mas tem fé e devoção”

Para que percebamos aquilo que foi considerado essencial, não de um modo geral, mas em suas variações, proponho que acompanhemos juntos a dinâmica, mais ou menos geral, das Festas de 2020 e de 2021. E, para que nesse movimento, não nos percamos, eu e o(a) leitor(a), em seus pormenores – para também termos maiores condições de retornarmos a eles –, gostaria de seguir a cronologia dos eventos e suas transmissões.

---

<sup>130</sup> Sobre os ternos que não realizaram nada não temos material algum, de forma que resta alguma especulação que poderia ainda caber aqui: o imprescindível para louvar a Senhora do Rosário não cabe no distanciamento social.

<sup>131</sup> O termo utilizado “cumprimentação” nos abre a possibilidade, aparentemente de igual valia, para interpretar como “complementação” ou “cumprimento”.

<sup>132</sup> Transmissão integral do terno disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/3372450002842649>

- 2020 – FESTA ATÍPICA

A gente tá começando a Festa do Rosário de 2020 de uma forma que talvez nenhum de nós nunca imaginou que isso seria possível. Mas eu acho que, sempre a gente fala, Deus sabe de tudo. Então é um momento de agradecer a Deus por nós estarmos aqui firme e forte, livre dessa pandemia. Pedir a intercessão de Nossa Senhora que nos livre, a nós e nossos familiares, dessa doença terrível que tá assolando o mundo aí. O que tá acontecendo aqui hoje é a prova da nossa fé, *mesmo num momento adverso, num momento conturbado, a Festa tá acontecendo, talvez de uma forma que a gente não queria nem imaginava, mas a nossa fé tá sendo exercida perante a nossa Mãe do Rosário*. Mesmo que seja de uma forma diferente, com número reduzido, mas ela tá acontecendo. A gente viu um número de dançador reduzido, mas todos aí firme e forte com suas camisetas representando seus ternos, e os demais que não puderam vim tá em casa acompanhando pela *life*, eu acho que imbuído na *mesma fé*. Então a Festa tá começando, e que Deus nos abençoe.<sup>133</sup>

A 144ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário começa dentro da igreja do Rosário, na sexta-feira, dia 02 de outubro de 2020, com a bênção do Pe. Emerson, seguida das palavras dos generais da congada Eduardo Camilo (transcritas acima) e Laudemiro e dos três apitos deste último – o que marca oficialmente e ritualmente o início da Festa. Encerrado o momento solene, os congadeiros vão para fora de igreja e, em pequenos grupos, os ternos tocam e dançam cantorias de abertura e louvor ao Rosário. Na transmissão vemos três ternos, o Catupé Amarelo, o Moçambique Mamãe do Rosário e o Penacho, além de poucas dezenas de pessoas entre congadeiros e devotos. No terço, após a alvorada, a ocupação da igreja ficou restrita a duas ou três pessoas por banco, a maioria dançadores que estavam na alvorada. Porém o vídeo da transmissão foi reproduzido 2,5 mil vezes. A música do terço ficou sob responsabilidade de alguns dançadores, com caixa, violão, pandeiro, sanfona e ganzá.

Entre uma sexta-feira e outra, os terços foram realizados nos três horários habituais e a missa também. Mesmo esquema, duas ou três pessoas por banco, espaço claramente esvaziado. No sábado, dia 10, no lugar do cortejo com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, tivemos a carreata que foi da casa do mordomo até o largo do Rosário, onde aguardavam dezenas de devotos e o Pe. Emerson, para abençoar as bandeiras. Depois que os carros e camionetes que abrigavam alguns ternos chegaram, as dezenas aumentam para mais uma centena de pessoas. A maioria com suas máscaras, uma ou outra sem<sup>134</sup>. Após a bênção do padre, as bandeiras são hasteadas ao som das cantorias de saudação às bandeiras e aos santos, também fogos de artifício. Identifiquei 8 ternos que, de um a um, tiveram seus minutos diante

---

<sup>133</sup> As palavras aqui são do discurso de abertura do general Eduardo Camilo. A transmissão da alvorada de 2020 está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/2379441589019452/>

<sup>134</sup> O terço, seguido da bênção e hasteamento das bandeiras e a missa estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1292495917750215/>

das bandeiras, com rezas dos capitães. Paralelo aos cumprimentos às bandeiras, os ternos ficaram em pequenos grupos tocando suas canções ou trocando versos com outros ternos.

A programação complexa e exuberante do domingo, com todos os ternos fardados em cortejo pela cidade acompanhados de milhares de expectadores, foi reduzida a uma missa e uma carreata com a imagem de Nossa Senhora do Rosário pela cidade. Mas, por ser o principal dia da Festa, a igreja estava com muito mais pessoas do que no resto da semana. Pe. Emerson, pároco responsável pela celebração da missa de encerramento, começa sua fala reclamando que “a capela está lotada, não devia estar assim” e pede para não deixar entrar mais ninguém<sup>135</sup>. Ele explica: “você sabem que não é maldade, não é? Temos toda essa consciência, precisamos cuidar da gente”, como um sermão antecedendo ao sermão, alerta: “não terminamos ainda a luta, né? A gente só sabe o que significa isso quando chega dentro da casa da gente. Então rezem pra não chegar. Vamos tomar os cuidados”.

Como costuma ser na missa do último domingo da Festa, a abertura e as leituras foram feitas por congadeiros fardados, de diferentes ternos. Porém o coral, apesar de estar composto também por congadeiros, seguiu o padrão das missas, sem caixas, apenas vozes e violão. Crítica já pontuada por Aldanice, mesmo antes da pandemia. Conhecida como “missa da congada” por ser auxiliada por congadeiros com suas fardas, até alguns anos atrás, as músicas da missa era responsabilidade de um terno, cada ano um terno diferente. Aldanice nos conta que cada ano ela escolhia um terno, “e o terno ia lá e batia as música que ele tava acostumado a ensaiar, a dançar, sabe comé que é? Só que as música tinha por obrigação ser tudo de Nossa Senhora”. Para ela era assim que tinha que ser, pois é “a missa dos congo, é os congo que tem que cantar”.

A carreata com a imagem de Nossa Senhora, na sequência da missa, não foi transmitida pela Irmandade, contudo foi amplamente registrada. A maior parte das fotografias que foram para o foto-livro de Lucas Machado “Festa em tempos de pandemia”<sup>136</sup> são deste dia. Foi o único em que os congadeiros estavam fardados e em interação, ainda que mantendo o distanciamento, dentro dos automóveis, com os expectadores, sejam devotos ou simpatizantes. Para muitos congadeiros, foi um momento de muita emoção e devoção, de renovação da fé. General Eduardo nos conta no dia seguinte, na cerimônia de entrega da coroa que:

Ontem na nossa carreata deu pra gente ver a força que tem a nossa Festa, a gente vê os devotos na rua nas nossas passagens, os devotos chorando, totalmente emocionado, uns de joelho. A gente via um ou outro dançador fardado. Ontem realmente aquela

---

<sup>135</sup> A transmissão completa da missa de encerramento da Festa de 2020 está disponível em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/388430009208549/>

<sup>136</sup> O e-book conta com fotos de 2019 e 2020 e depoimentos de congadeiros de Catalão sobre como foi viver a Festa no modo “atípico”. Está disponível gratuito no link: <https://play.google.com/books/reader?id=SB4IEAAAOBAJ&pg=GBS.PT93&hl=pt-BR&printsec=frontcover>.

frase “eu visto minha farda pra Nossa Senhora” ontem se fez valer. A gente viu muitos dançador que tava praticamente ele só, mas ele estava fardado pra Nossa Senhora. Ele não fardou pro seu batalhão, fardou pra nossa Mamãe do Rosário.<sup>137</sup>

Finalizada a parte religiosa com a missa de encerramento e a carreata, na segunda-feira, dia 12, teve a entrega da coroa<sup>138</sup>, também na Capela do Rosário. Sem desfiles pelas ruas centrais da cidade, em 2020 as solenidades da entrega da coroa foi a entrada na capela e o ritual da passagem da coroa dos “festeiros velhos” para os “festeiros novos” em frente ao altar.

... Chegou o dia, chegou a hora  
Entregar a coroa de Nossa Senhora ...

Feita a passagem da coroa, o General Eduardo Camilo, para encerrar a Festa de 2020, agradece a Nossa Senhora do Rosário por sua realização, “mesmo de uma forma diferente, a gente conseguiu realizar a nossa tradicional Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário”. Foi diferente, mas a tradição foi mantida. Se houve ruptura, foi parcial e por forças maiores. A congada como um todo – dançadores, capitães, festeiros, generais, família real, Irmandade – fez o que pôde para manter o compromisso, a devoção e a tradição com Nossa Senhora.

Por um lado, sensação de cumprimento de dever, de fortalecimento da fé diante das adversidades. O que foi possível, foi feito. A parte religiosa toda teve, “os elementos históricos tradicionais” também. Por outro lado, sensação de dívida, de que uma parte importante não foi possível de ser feita, ritualizada na integralidade. Não teve Festa, mas teve. As obrigações foram feitas, mas não foram com todos que quiseram, em todas as dimensões importantes. Diante do distanciamento, a força da coletividade sobressaiu e fez falta para os congadeiros, tanto para os que participaram presencialmente, quanto para os que não puderam e acompanharam de casa.

---

<sup>137</sup> A fala do general Eduardo começa no minuto 25 da transmissão:  
<<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1244247209270427/>>.

<sup>138</sup> A transmissão integral da entrega da coroa está disponível em:  
<<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1244247209270427/>>.

- 2021 – “FOI MAIS AMENO”

**Figura 11** – Divulgação da 145ª Festa em Louvor a Nossa Sra. do Rosário.

Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)

A virada para 2021 trouxe um certo alívio com a perspectiva de vacinação, com o afrouxamento dos protocolos desde agosto de 2020 e a reabertura dos estabelecimentos que ainda estavam fechados<sup>139</sup>, com estabilização de número de mortes e contaminação. Números estes que logo voltaram a subir nos primeiros meses do ano. Se durante a Festa de 2020, as rezas e esperanças estavam depositadas na realização completa da Festa de 2021 incluídas as partes cultural ou folclórica e social, “a segunda onda da pandemia” como foi chamada aos poucos minguiu as esperanças. Ao mesmo tempo, o clima geral era de voltar aos poucos com as sociabilidades de antes. Em que pesem as diferenças regionais, de idade e de classe, diversas atividades sociais voltaram a acontecer no primeiro semestre, ainda que com a obrigatoriedade dos protocolos sanitários – distanciamento, máscara, álcool. Em Catalão no mês de julho vimos

<sup>139</sup> Vale lembrar que a reabertura dos estabelecimentos de serviços “não essenciais” foi gradativamente flexibilizada, em momentos regionalmente distintos. No começo de 2021 estavam vedados apenas grandes eventos, que pressupõem aglomeração. Às instituições de ensino, por exemplo, já estavam facultadas a abertura.

bares e restaurantes cheios de pessoas sem máscara, o que serviu de contra-argumento às restrições da Festa.

O primeiro plano de vacinação nacional lá no início de 2021 prometia vacinar a maioria dos adultos até setembro<sup>140</sup>, trazendo especulações e expectativas de realizar a “parte folclórica da Festa”, mesmo com a consciência de que, se o fosse possível, não seria na “plena normalidade”. Apesar disso – e em consequência aos números novamente crescentes de novos casos e óbitos – o que ficou definido pela Irmandade em acordo com a Secretaria de Saúde, ainda no primeiro semestre, foi um cronograma bastante parecido com o do ano anterior, com as mesmas orientações do que era permitido e do que era proibido, desde a “levantação” das bandeiras dos ternos até os dias propriamente da Festa. A presidente da Irmandade, Ana Cristina, se pronuncia em agosto na mídia local, informando que por mais um ano, “infelizmente a Festa será de forma virtual”<sup>141</sup>.

Nessa entrevista, feita pela Rádio Nova Liberdade (emissora local), os apresentadores falam como “todo catalano conhece e tem interesse pela tradicional Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário”. Diante disso, Ana Cristina diz que “aceitação [das pessoas] a gente não tem [em relação ao formato da Festa]. Acho que até a gente mesmo, a Irmandade, os festeiros... a gente não quer uma festa assim. Mas é a forma que, infelizmente, tem que ser feito”. Ela justifica que não pode “abrir brechas”, nem mesmo para “levar só um *pouquim* [de congadeiros]”, porque o “*pouquim* vira muito”, e “se levar a congada, leva a multidão também”. Ao ser questionada sobre a possibilidade de revisão da programação, diante do plano de vacinação – que, em tese, teria concluído a vacinação da população adulta até setembro –, a presidente é consequente diante dos cuidados necessários: “esse covid é um vírus muito incerto, a gente não sabe. Por mais que já esteja vacinado, a gente tá vendo muitas pessoas morrer, eu não posso colocar meu povo em risco, né”.

*Infelizmente*, a contragosto, mesmo diante das pressões diante do afrouxamento das medidas de distanciamento social, a Irmandade em diálogo com a secretaria de saúde e com a Paróquia São Francisco de Assis mantém a decisão do formato online para a Festa de 2021. Nas

---

<sup>140</sup> Essa data não foi colocada em nenhum documento oficial do plano de vacinação. Um pronunciamento de Marcelo Queiroga em junho de 2021, então Ministro da Saúde, trouxe muita expectativa quanto a sua efetivação. Nesse mesmo período as aplicações de vacinas foram intensificadas, mas ao considerar o ritmo geral de vacinação no Brasil, dificilmente essa “possibilidade” colocada pelo Ministro seria atingida. Sobre o pronunciamento e o contexto de vacinação citado, conferir a reportagem de Lucas Valença: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/21/marcelo-queiroga-saude-primeira-dose-vacina-covid-19-final-setembro.htm>>.

<sup>141</sup> Entrevista concedida ao programa Mais Catalão, da Rádio Nova Liberdade, no dia 04 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSPuDnFIWQ7/>>.

festividades (ou cerimônias) a serem transmitidas, como a alvorada e a “levantação” da bandeira, apenas os capitães e as figurais rituais centrais (general e reinado), estariam convidadas, é o recado que Ana Cristina deixa na entrevista mencionada. Contudo, como no anterior, um número restrito de dançadores também compareceu a esses rituais. Dessa vez, mais pessoas participaram e menos portavam máscaras faciais adequadamente, além de os contatos corporais terem sido ligeiramente mais comuns.

A impressão dos congadeiros compartilhada comigo foi, a despeito de oficialmente ter seguido o mesmo modelo, “2021 foi mais ameno do que 2020”. Isso se deve a algumas razões que, certamente, acompanham o clima nacional de possibilidade de “vislumbrar o fim da pandemia” ou, ao menos, de redução dos cuidados. É uma das consequências dessa “segunda onda da pandemia” não ter sido acompanhada, como fora na primeira, de políticas rígidas e objetivas de distanciamento social.<sup>142</sup>

Na alvorada de 2020 considerei prudente acompanhar a transmissão de casa, na de 2021 já ponderei, não sem hesitação, que poderia ir ao largo do Rosário, de máscara e sem me aproximar das pessoas. Ao encontrar congadeiros e devotos conhecidos (durante a pesquisa ou anteriormente) um aceno de longe foi o máximo de contato que tivemos. Tantas outras pessoas consideraram também que poderiam ir à alvorada neste ano, mesmo que tenham encontrado um evento certamente diferente daquele que frequentavam até 2019, com centenas de pessoas, vendedores ambulantes de comida e bebida e todos os ternos presentes, fazendo música, dança e reza. No segundo ano de pandemia se tinha uma centena de pessoas na alvorada é muito, nenhum vendedor ambulante e, certamente, não foram todos os ternos.

Fabinho contou que “no ano passado [2021] foi muita gente na alvorada, que eu ouvi falar. Ano retrasado não. Mas ano passado teve. Eu até queria ir, mas a gente fica meio com receio”. Nos dois anos, seu terno, o Congo do “Prego” não participou presencialmente da alvorada nem dos outros eventos, com exceção das carreatas, ainda que Fabinho tenha, por conta própria, dado uma “escapulida”: “O terno do Prego em si não participou, mas eu participei mais da parte folclórica, da parte religiosa. O que eu pude contribuir pra festa do ano passado, eu contribuí... terço, participar do “misturadão”, “levantação” da bandeira.”

Não apenas tinham mais expectadores em relação ao ano anterior, como também mais ternos tocaram suas cantorias de abertura da Festa. Se na alvorada de 2020 são identificados

---

<sup>142</sup> Sobre a “segunda onda” e o relaxamento das políticas de distanciamento social, bem como das diferenças estaduais diante da ausência de políticas nacionais coerentes e objetivas, conferir a nota técnica do Ipea, de Rodrigo Moraes “A segunda onda da pandemia (mas não do distanciamento físico): covid-19 e políticas de distanciamento social nos governos estaduais no Brasil”. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10442/1/NT\\_31\\_Dinte\\_ASegundaOndadaPandemia.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10442/1/NT_31_Dinte_ASegundaOndadaPandemia.pdf)

três ternos, na de 2021 pude identificar ao menos seis. Já no segundo dia da Festa, aconteceu mais uma atividade inovadora, por iniciativa da Irmandade: o “Primeiro Pedal da Fé”, em que devotos, a maioria congadeiros, percorreram uma parte da cidade de bicicleta. O “Pedal”, como as carreatas antes, acrescentou à Festa neste ano mais um evento que mobiliza elementos já conhecidos da congada: ocupação das ruas da cidade por devotos unidos pela fé no Rosário.

As carreatas seguiram esse padrão de aumentar de um ano para o outro a participação de congadeiros, e ainda mais de devotos e expectadores. Na percepção de Sabrina, na carreata do primeiro ano “o pessoal quase não aderiu”, e os que foram, levaram poucos dançadores, “lembro que era bem restrito”. E explica que “já no ano passado [2021] foi mais aberto, os ternos já se organizaram melhor pra poder ir, já podia ir mais gente, a Igreja também abriu mais para as pessoas irem”. O Congo do “Prego”, da qual é bandeirinha, participou das carreatas de 2021 e das do ano anterior, não. Assim mais ternos estiveram presentes, conseqüentemente mais dançadores. O Moçambique Mamãe do Rosário, do Diogo, esteve presente nos dois anos na alvorada e demais festividades e rituais religiosos, o que indica o empenho dos capitães na sustentação da Festa, “seja como for possível”, além do envolvimento direto com a diretoria da Irmandade.

O “misturadão”, aquele momento de congo “espontaneamente combinado”, também foi maior, comparado ao de 2020. Para Fabinho, “fanático pela congada”, como ele se intitula, foi “o melhor momento lá na praça do Rosário” nesses dois anos, “o mais próximo da parte folclórica” como ele conhece. Sabrina, do mesmo terno que Fabinho, também cita o “misturadão” de 2021 como um exemplo de que esse ano foi mais ameno e que teve mais atividades de encontro da congada. Fabinho nos conta que “o largo ficou lotado, alguns com máscara, outros sem”, abrindo questionamentos descontentes dos congadeiros sobre a razão de não ter tido a Festa completa.

Assim que na comparação dos dois anos pandêmicos de Festa, é percebido de muitos devotos e congadeiros esse descontentamento da manutenção do formato reduzido e “online”. Se os bares estão lotados, por que não podemos ter a congada? Foi uma questão repetida por diversos “apaixonados pela congada”. É como se não pudessem compreender as razões de não realizar integralmente uma Festa de fé, se eventos seculares já haviam voltado a acontecer. Como todas as opiniões encontradas nesse trabalho nosso, essa também não é unânime. Uma

parcela significativa dos devotos compreendeu a necessidade de seguir com as orientações das autoridades de saúde em proibir grandes eventos público<sup>143</sup> que demandam aglomeração.

Outro ponto que fez da Festa de 2021 mais amena que a anterior foi o preparado maior por parte da Irmandade e dos festeiros dos rituais religiosos, com a introdução de novas tecnologias organizativas. Certamente a experiência do ano anterior trouxe aprendizados da maneira de conduzir a Festa nesse formato reduzido e “online”, cuidando com o distanciamento social. Pe. Emerson havia reclamado da quantidade de pessoas no interior da capela durante a missa de encerramento de 2020, no ano seguinte a entrada foi organizada por distribuição de senhas em todas as missas e terços, com o limite de 60 pessoas. Além disso, a transmissão das missas foi reproduzida em um telão em frente à capela, virado para o largo do Rosário.

A 145ª Festa do Rosário de Catalão teve dois ineditismos mais explícitos. O primeiro é o “Pedal da Fé” que citamos há pouco. O segundo é a continuidade do casal de festeiros, Ivonete e Wisner, para a Festa de 2022. Segundo o festeiro, a decisão veio da vontade de “fazer uma festa de verdade, uma festa grande, como é de costume”, relevando assim que a Festa de 2021 foi diferente do costume, não foi tão grande. Ele confia que “se Deus quiser e Nossa Senhora abençoar, que essa pandemia passe, a gente vai poder fazer a Festa da maneira que a gente sonha”<sup>144</sup>. Ana Cristina, presidente da Irmandade, diz que esse fato é “algo inusitado, que nunca aconteceu”<sup>145</sup>. Dessa forma “a entrega da coroa” foi condensada no domingo, após a carreata com a imagem de Nossa Senhora do Rosário e a missa de encerramento. E a “entrega” não foi exatamente uma entrega, foi a reafirmação do juramento feito pelo casal de festeiros em 2020.

- *“SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO” – A FESTA POSSÍVEL*

Considerando os rituais realizados, o cronograma dos dois principais anos de pandemia, o que não teve na Festa do Rosário foi a parte social em sua completude. Tivemos a Festa possível. Mas as festividades foram nesses dois anos ressignificadas, pois não existiu a aglomeração costumeira, o largo lotado, todos os dançadores e bandeirinhas fardados ocupando

---

<sup>143</sup> Certamente conectado a esse descontentamento encontrado no trabalho de campo, percebemos no Brasil de 2021 a incoerência da postura das autoridades políticas e sanitárias diferenciada para o tratamento de grandes eventos públicos e privados, estes últimos bem mais tolerados que os primeiros. As festas de ano novo de 2021 para 2022 foi um caso significativo dessa política engendrada no “teatro da pandemia”. Os eventos públicos gratuitos, como shows em praias e parques, foram cancelados e os eventos particulares (portanto, pagos) foram hiperexplorados por produtores e agências de eventos.

<sup>144</sup> As palavras de Wisner foram ditas na entrega da coroa de 2021. A transmissão está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/386089059729251>

<sup>145</sup> Em entrevista à Rádio Nova Liberdade FM.

as ruas, a troca de calor, o encontro com companheiros de fé e devoção. Também não teve a parte religiosa-folclórica completa daqueles congadeiros que não desvinculam uma da outra, no sentido existencial. Mas existiu Festa e existiu congada, portanto, existiu socialidade. No segundo ano de pandemia mais que no primeiro. O que não reduz, por suposto, todas as faltas sentidas nesse lugar do encontro congadeiro: “estar com todo o terno fardado na rua” (Fabinho), “o calor humano e a aglomeração” (Diogo), “desfile pelas ruas, louvando Nossa Senhora” (Sabrina).

A Festa do Rosário na “parte religiosa aconteceu toda”, como reforçou Sabrina. E se a Festa é também a sua parte religiosa, então ela existiu também nesse sentido. A transmissão online das celebrações católicas permitiu o encontro pela fé expandido para além do limite de capacidade permitido para o interior da capela. Através do celular, do computador ou “até mesmo da televisão”, alguns devotos puderam renovar a ciclicidade da devoção à Nossa Senhora do Rosário, a manutenção do vínculo sagrado e do cumprimento das obrigações que esse vínculo demanda. Alguns devotos, não todos. Como Sabrina bem nos disse “vai de pessoa pra pessoa” e muitas delas, como soubemos, não tiveram condições de acompanhar as transmissões online, tampouco se arriscar a ir à capela (em 2020) ou tentar uma senha (em 2021). Soubemos ainda de outros congadeiros que consideraram tão triste a forma como fora realizada a Festa nesses dois anos que preferiram não ir.

“Mas o importante é a sensação de dever cumprido”, disse o General da Congada Eduardo na entrega da coroa de 2021, último ritual do cronograma oficial da Festa do Rosário nos tempos pandêmicos. É bastante significativa essa fala de encerramento pois aponta uma sensação comum de manutenção do vínculo de devoção, de compromisso com a tradicional Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e de renovação da fé na Santa, através das celebrações. Renovação e fortalecimento, uma vez que foi depositada tanta esperança em sua interseção nas curas individuais e da humanidade – em relação à Covid-19, mas não apenas.

Nesse movimento de renovação e fortalecimento foi possível ainda vislumbrar, certamente sem nitidez, as três dimensões nas quais a Festa é formalmente dividida – folclórica, religiosa e social. Enquanto o trabalho de campo esteve limitado aos ambientes digitais, a parte “social” foi a mais difícil de enxergar. Porém a experiência que tive no último final de semana Festa de 2021 apontou que o “social” ainda esteve ali, na constituição mesma das festividades – provavelmente em maior medida do que estivera em 2020.

No domingo, dia 10 de outubro, enquanto aguardava a chegada da carreata ao largo do Rosário, pude compartilhar com alguns devotos ali presentes momentos de reencontro e

sentimentos nostálgicos. Embaixo de uma garoa fina, poucas pessoas estavam dispersas pelo largo, conversando, uma ou outra bebendo cerveja, comendo pipoca da única barraca colocada no canto da praça. Pude assistir dois homens se encontrando e cumprimentando com muita alegria: “Oh, o bom dos congo é isso: a gente encontra um povo que não vê há muito tempo”, um deles disse. Por baixo da máscara eu sorri e compreendi uma função importante da Festa, um sentimento que eu mesma provei minutos depois. Reencontrei minha professora de português da quinta série da qual guardo muita saudade e fazia tempo que nos víamos.

Foram encontros inesperados, mas de alguma forma esperávamos e queríamos. Reencontros motivados por razões compartilhadas: apreciar a congada, rezar para Nossa Senhora, cumprir “a tradição” de dançar ou ver os congos. Seja como for, as três dimensões da Festa do Rosário foram sentidas para aqueles que participaram dos rituais presenciais e pude encontrá-las também nesse domingo, mesmo que em escala reduzida. Os congos fardados em cima de caminhões e camionetes. O reinado e os generais da congada com suas vestes reais. A imagem da Santa do Rosário passando pelas ruas e sendo saudada no largo. A levantação das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os tambores e as cantorias. O reencontro de pessoas queridas, reunidas na fé, no evento cíclico. A missa dentro da igreja. A única barraquinha de pipoca.

Enquanto isso, um outro esquema de “parte social” foi forjado através dos movimentos digitais nas redes sociais, ao mesmo tempo que eram vivenciadas as partes religiosas e folclóricas – tanto pelas poucas pessoas que eram transmitidas, quanto pelas muitas que assistiam. Vivências diferentes e conectadas pela imagem e som instantâneos, pelos símbolos e marcados já conhecidos, tradicionais. Doravante vamos passear pelas transmissões e *lives* dos dois anos pandêmicos, na intenção de identificar o que foi transmitido, o que foi conectado, como a pandemia foi inventada e vivida, como a religiosidade e identidade congadeiras foram expressas e compartilhadas, como foi que os(as) congadeiros(as) “tiveram que se reinventar”.

### 3. CONGADA EM MOVIMENTO – “A devoção não pode acabar”

Então quando aquilo tudo cessou... nós jovens ainda temos outras coisas pra internet, às vezes nós trabalhamos. Nós temos hoje as nossas *lives*, a internet, os outros meios que a gente pode tá usando, procura um vídeo no Youtube pra matar saudade, *faz uma live pra matar saudade*, ou pra cumprir ali um momento pra não passar batido. Então às vezes a gente ainda consegue driblar essa situação. Já *os nossos idosos e aquelas pessoas mais simples que não tem tanto esse acesso, não consegue viver, não consegue assistir, não consegue vivenciar nada disso*. Então eu acredito e afirmo que é uma tristeza maior ainda. Mas afirmo: mesmo diante das dificuldades, mesmo talvez estando de volta pra senzala, *o tambor não parou de bater, o nosso cantar não cessou, nossa voz não foi calada, estamos usando a máscara, mas não estamos usando a mordada da escrava Anastácia que não podia falar nada*. Mesmo de máscara, estamos cantando, estamos fazendo as lives como no ano passado. A Festa também fizemos como pôde. Fizemos a alvorada do jeito que pôde, levantamos os mastros do jeito que pôde, fizemos as novenas. Não pode procissão, caminhar a pé, fizemos carreata com Nossa Senhora. Ou seja, a devoção não pode acabar, não pode morrer. (Diogo, entrevista realizada em 05/05/2021)

Diogo é um capitão da “leva” dos mais jovens. Nos seus 30 e poucos anos, é uma espécie de porta-voz do seu terno e da congada de Catalão. Concede entrevistas a documentários, pesquisas, reportagens com segurança e confiança no seu trabalho enquanto “fazedor de cultura”, congadeiro e devoto, partindo de um senso de responsabilidade “cultural e religiosa”. Participa das festas do Rosário e de São Benedito de outras cidades. É antenado nos meios de comunicação digital e levou a sério a necessidade de “se reinventar” na pandemia. Porém reconhece que essa reinvenção não deu conta de todos aqueles que acompanham a Festa do Rosário e a congada, que muita coisa foi feita para “cumprir ritual, não deixar nada passar”, mas a “sensação de dívida” foi inevitável. Muito porque a aglomeração esteve nos dois anos proibida, e é parte constituinte da congada enquanto encontro, cruzamentos e troca, mas também porque muita gente “não conseguiu vivenciar nada disso”. Ainda que Diogo saiba de muitas pessoas que criaram Facebook para “acompanhar as rezas, a lives do congo”, essa não foi uma realidade homogênea.

Foi feito “o que pôde ser feito”. Mas cada um do seu jeito. Aldanice, do terno Mariarte, não vivenciou nada disso que passou pelo Facebook. Ela faz parte da “leva” dos capitães mais antigos. Apesar de ser capitã há pouco mais de 15 anos, tem mais de 70 de vida envolvida na congada. Seu terno é um dos poucos que não têm redes sociais. Nossa entrevista foi a única da pesquisa realizada presencialmente, em sua casa, no começo de 2022 – depois de mais de seis meses de contato. Diferente dos outros interlocutores, Aldanice não cogitou uma entrevista por videochamada e logo me convidou para ir à sua casa, onde conversamos com direito a café da

tarde<sup>146</sup>. No celular ela usa WhatsApp, através do qual troca mensagens com suas “comandadas” e com sua comadre Wanda, a segunda capitã do Mariarte, com quem troca recados e vídeos de bom dia, muitos deles com versinhos que depois são ritmados pela capitã.

Aldanice fundou, junto com a comadre Wanda, o terço de terça-feira na capela, realizado até hoje pelos irmãos do Rosário, sob responsabilidade da Irmandade. Também é responsável há muitos anos pelo terço das 17 horas da Festa do Rosário e nos dois anos de pandemia não foi diferente. Ela foi à capela todos os dias. Não acompanhou nenhuma *live* ou transmissão – “eu tava lá rezando. Eu tiro o terço, não tem como”, ela me disse. Tira o terço lá na capela, como nos outros anos. Mas dessa vez, “além de pedir pelas intenções das pessoas que tão em casa, peço por aqueles que estão nos acompanhando naquele momento [através da transmissão]”. Em seguida, “nós fazemos o canto da consagração à Nossa Senhora todos os dias antes de começar o terço. Aí é um rito da gente de fazer, todo ano é assim. No terço da semana inteira da Festa. Os nove dias”. Dessa forma, Aldanice somou a novidade (as intenções dos que acompanhavam o terço naquele momento de casa) a um rito de “todo ano”.

De uma maneira ou de outra, os movimentos digitais da Festa do Rosário e dos ternos fizeram parte da realidade congadeira durante a pandemia, mesmo que para algumas pessoas tenha sido pela “falta”, por não ter conseguido vivenciar coletivamente através desse novo meio, ou como produtoras “presenciais” daquilo a ser transmitido. Vamos passear doravante por esses movimentos digitais, no intento de buscar o que eles podem nos dizer sobre essa reinvenção da congada de Catalão, de como a pandemia foi aqui “inventada” e vivenciada, de quais formas a devoção não parou.

### **3.1. Movimentos digitais**

A convivência e a comunicação pessoal, os laços entre os dançadores de um mesmo terno estiveram mais dispersos durante os dois anos, ou digamos menos frequentes – para não correremos o risco de subestimar a permanência do vínculo religioso que, por conta da pandemia, poderia até ter se fortalecido. A suspensão de rituais internos periódicos dos ternos reduziu a

---

<sup>146</sup> No começo de 2022, não considerava tranquilo fazer visitas. Enquanto para Aldanice não parecia problema algum, de modo que sugeri que nos encontrássemos em sua casa, para seu maior conforto. Apesar da entrevista ter sido mais descontraída do que aquelas realizadas por videochamada e mais recheada de informações que extrapolaram o roteiro, nosso encontro teve certa estranheza inescapável dessa situação. Estive todo tempo retraída, obviamente de máscara e sem me aproximar. Ela pareceu não se incomodar com a minha postura; a certa altura, pediu que seu marido passasse um café, que bebi discretamente nos momentos em que ela se retirava da sala para buscar materiais do terno para me mostrar.

convivência àqueles(as) congadeiros(as) de uma mesma família ou a vizinhos e amigos próximos. O Moçambique Mamãe do Rosário, por exemplo, fazia terços mensais antes da pandemia; depois, tiveram *lives* temáticas, com terços e/ou conversas e o levantamento anual das bandeiras. O Mariarte também fazia terços periódicos e nos dois anos de pandemia tiveram três encontros com terço, seguido de terço e “tocação” de caixa “pra matar a saudade”. Além disso, a produção dos instrumentos, das fardas e os ensaios proporcionavam encontros de coletividade que não tiveram substitutos durante a pandemia.

A Festa do Rosário e a congada seguiram existindo e o ano inteiro na vida dos(as) congadeiros(as), de modo que os movimentos digitais – principal forma de manutenção dos vínculos e realização coletiva dos rituais – também não estiveram restritos ao começo de outubro. No capítulo anterior, utilizamos vários deles para desenhar a paisagem e a dinâmica das duas últimas Festa do Rosário de Catalão, porém estes fazem parte de uma, digamos, categoria dos movimentos online. De saída, é necessário lembrar os espaços específicos do grande universo digital em que os movimentos aconteceram, por duas razões: cada plataforma tem um esquema algorítmico específico, ainda que eles se comuniquem e estejam cada vez mais integrados; e porque esses esquemas assumem formas específicas na prática da comunicação digital entre usuários geograficamente situados (ou multissituados).

A principal plataforma de compartilhamento público e expandido é o Facebook. A partir, centralmente, de página e perfis<sup>147</sup> da Irmandade do Rosário, da Capela do Rosário e dos ternos. Algumas publicações e transmissões são replicadas no Instagram, mas é no Facebook em que as coisas *acontecem*. São os movimentos que eu e qualquer pessoa interessada tem acesso, visto que as publicações são públicas<sup>148</sup>. No WhatsApp tem os grupos dos ternos, da diretoria da Irmandade, da Irmandade com os capitães; sabemos que tem pois os(as) interlocutores nos contaram, contudo não pudemos ter acesso, o que indica serem espaços mais reservados e de vínculos internos. No contato direto com os interlocutores, o WhatsApp foi o principal meio, apenas um ficando restrito ao Messenger do Facebook.

No Facebook movimentos diversos coexistiram. Proponho separar os que considero principais em categorias para descrever e analisar os elementos, as finalidades e os sentidos que

---

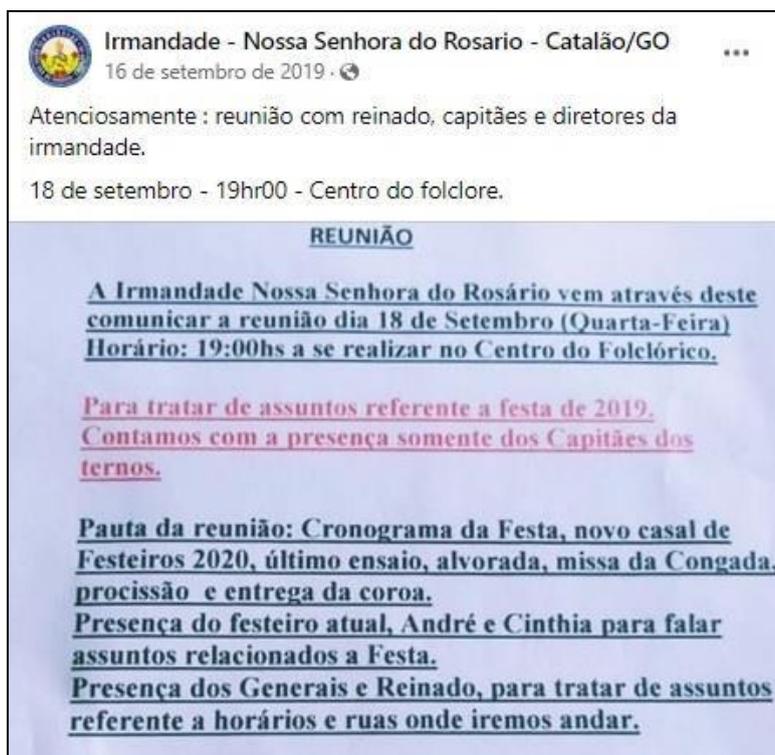
<sup>147</sup> As páginas no Facebook têm um caráter ainda mais público, exige que seja classificada em alguma categoria, com uma infinidade de opções, como “escola e universidade”, “loja de artesanato”, “organização religiosa”. Os perfis, ao contrário, têm um caráter privado, em que o usuário, além de adicionar ou aceitar outros perfis como “amigos”, escolhe as pessoas que podem ou não ver as publicações, as fotos e as informações. Apenas a Irmandade do Rosário possui uma página, o restante são perfis com as publicações acessíveis a todos.

<sup>148</sup> Com exceção do perfil de alguns ternos que mantém a configuração de mostrar suas publicações apenas para os amigos adicionados – o que não é o caso do Moçambique Mamãe do Rosário e do Congo do “Prego”.

apresentam. Posteriormente teremos condições também de montar um quadro geral das movimentações digitais, a partir daquilo que eles têm em comum e que orbitam os sentidos mais gerais da congada.

Vamos começar pelo que não é novidade. Primeiro encontramos, desde antes da pandemia, as *publicações informativas* da Irmandade do Rosário e da Capela do Rosário. No arquivo da página da Irmandade tem publicações com diferentes informações desde 2016, com uma frequência constante. São chamadas para eventos feitos pela Irmandade ou relacionados à congada ou à Festa, reuniões da Irmandade, comunicados, avisos gerais para a comunidade congadeira, divulgação das fotos da Festa, notas de falecimento. Enfim, é o meio de comunicação público da Irmandade com a comunidade mais ampla, ao mesmo tempo com os irmãos do Rosário. Essas em geral não têm vídeos, mas uma imagem e um texto, por vezes apenas o texto. No capítulo 2 trouxemos alguns comunicados que cabem nessa categoria<sup>149</sup>. Abaixo mais dois exemplos de anos diferentes, para que vejamos que o sentido comunicativo das redes sociais permaneceu e o engajamento aumentou durante a pandemia.

**Figura 12** - Publicação da Irmandade com chamada para reunião em 2019



Fonte: Página do Facebook Irmandade Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2019)<sup>150</sup>

<sup>149</sup> Como os avisos quanto às determinações sobre a Festa do Rosário.

<sup>150</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/2592367734148220>.

**Figura 13 - Publicação da Irmandade com divulgação da Pamonhada Drive-in. 2021**



Fonte: Página do Facebook Irmandade Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>151</sup>

As publicações informativas são fontes importante das questões organizativas da Festa do Rosário e das ações da Irmandade, amplamente compartilhadas nos perfis dos ternos, de capitães e devotos. Com o começo da pandemia a quantidade de publicações aumentou, tiveram algumas não exatamente informativas, mas religiosas, pedindo pela intercessão de Nossa Senhora do Rosário no futuro da humanidade. Aumentou também o engajamento nas publicações. Vemos esse aumento exponencial ao comparar a chamada para reunião acima, de 2019, com a nota de esclarecimento sobre a Festa do Rosário de 2020 em junho daquele ano (disposta no capítulo 2), esta teve 149 reações, 17 comentários e 58 compartilhamentos<sup>152</sup>.

Outro tipo específico de publicações nessa categoria teve um infeliz aumento, especialmente no ano de 2021, as notas de falecimento. Entre 2016 e 2020, teve uma média anual de 4 publicações deste tipo<sup>153</sup>, em 2021 foram 16. Nesses primeiros anos algumas notas vinham com horário e local de velório e sepultamento, já nos últimos apenas os pesares e

<sup>151</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3836480249736956>.

<sup>152</sup> <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3206836409368013>

<sup>153</sup> Aqui vale a pena citar e destacar a importância da nota de falecimento da rainha Eloene, mãe da atual rainha Eloá, em março de 2017. É uma das publicações da página da Irmandade com maior engajamento de 2017. Por ser, ao lado do rei, posto máximo da hierarquia da congada, seu velório foi realizado na Igreja do Rosário, e foi solicitado aos(às) congadeiros(as) que fossem fardados, para prestar “a última homenagem”. A publicação está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/1396175063767499>.

pedidos de conforto pelo sagrado aos amigos e familiares<sup>154</sup>. Como não conseguimos conversar diretamente com alguém que pudesse responder pela Irmandade, não sabemos se existe algum levantamento sobre a quantidade de congadeiros(as) vítimas de Covid-19 e de causas gerais durante a pandemia.

Temos outra categoria que nomeio aqui como *publicações temáticas*. São aquelas referentes a datas comemorativas – como Dia da Mãe, Dia da Consciência Negra, aniversário de Catalão –, em homenagem aos santos do dia e em comemoração aos aniversários dos ternos, além de fotos e pequenos vídeos da Festa do Rosário e dos eventos da Irmandade. Essas publicações ganharam durante a pandemia maior elaboração técnica/gráfica que antes, na página da Irmandade e perfis de alguns ternos.

Sobre esta categoria, vale um destaque: o terno Moçambique Mamãe do Rosário desde 2016 faz publicações em homenagem aos santos do dia. As homenagens, que contêm uma oração ao santo ou um texto com sua história, incluem santos católicos menos evidentes na devoção congadeira, como Nossa Senhora de Fátima, São José, São Francisco, Santo Antônio, Santa Sara Kalil e tantos outros, além dos que já são de devoção do terno. Há aqueles em que as publicações expressam relações sincréticas com os orixás mais conhecidos no sincretismo afro-brasileiros, como Santa Bárbara e Iansã, São Jorge e Ogum, São João e Xangô e São Sebastião e Oxóssi.

Essas duas categorias não contêm vídeos em geral e já eram feitas antes da pandemia, o que as diferencia das categorias seguintes. A exceção são pequenos vídeos com trechos das apresentações ou dos ensaios e divulgação de reportagens e documentários<sup>155</sup>. O que houve com o aumento geral da comunicação digital durante a pandemia foi um maior engajamento e interações entre os perfis dos ternos e da Irmandade e devotos e congadeiros(as), além do aumento da frequência de publicações e maior elaboração da arte gráfica.

Com a imposição do distanciamento social, a saída encontrada (ou a reinvenção) para a coletivização dos rituais importantes foi a transmissão em vídeo e ao vivo pelas redes sociais. Classificamos essas transmissões em três categorias, sobre as quais nos deteremos mais nas próximas seções. As duas primeiras referem-se aos rituais cíclicos da Festa do Rosário – que, como mencionamos, extrapolam os dez dias de Festa e preenchem um calendário litúrgico de devoção. São as *transmissões dos rituais católicos* nas páginas da Irmandade e da Capela do Rosário e as *transmissões dos rituais dos ternos*. A outra categoria, de caráter mais “cultural”

---

<sup>154</sup>

<sup>155</sup> O perfil do Moçambique Mamãe do Rosário publica vídeos desse tipo desde 2015.

como me fora apontado, está fora do calendário relacionado à Festa, chamaremos de *lives temáticas dos ternos*.

A classificação que aqui fizemos tem antes finalidade didática de análise, não são categorias “êmicas”, mas faz parte do trabalho de compreender as vivências congadeiras durante a pandemia, o que elas nos dizem sobre a congada e sobre a pandemia. Por isso os critérios para a classificação são: o que já era feito antes da pandemia e as inovações criativas frente às restrições, os objetivos das publicações/transmissões, a relação com o cronograma ritualístico da Festa, além do conteúdo mesmo. As que vamos tratar doravante referem-se todas ao compartilhamento instantâneo, com áudio e vídeo, de um momento importante, o que permite a interação ao vivo entre quem aparece (por vezes só pela voz) na vídeo transmissão conduzindo o ritual e quem assiste.

A razão em conferir maior atenção a estes movimentos digitais foi dada pelo próprio campo, por aquilo que teve maior destaque entre os interlocutores e que constitui a Festa do Rosário “atípica”. Todos esses passam por liturgias católicas, mesmo as *lives* temáticas dos ternos, como o pedido de benção e licença em forma de cantoria; todos trazem a *oralidade* – palavra falada, cantada, rezada – para o compartilhamento online.

### **3.2. Transmissão de rituais**

Aos rituais nos referimos àqueles momentos de encontros de congadeiros e devotos, em torno da devoção ao Rosário, que segue um calendário cíclico, cujas marcações carregam significados particulares àqueles que os realizam. Se a compreensão de um ritual é etnográfica, apreendida através daquilo que é “único, excepcional, crítico, diferente” (PEIRANO, 2003), o que trazemos aqui como ritual são eventos coletivos, marcados pelo encontro com o sagrado presente na devoção, com a tradição congadeira enquanto cultura religiosa e com datas significativas no calendário em torno da Festa do Rosário e suas tradições. Esses rituais integram um calendário específico que se sobrepõe ao calendário rotineiro, das obrigações extra religiosas.

Os rituais da congada de Catalão passam pela capela – os terços e missas –, pelos momentos significativos da Festa – como a entrega da coroa, a procissão, o hasteamento das bandeiras e a passagem delas pelas ruas –, pelos marcadores significativos dos ternos – como os terços e o hasteamento de suas bandeiras –, pelos encontros de reza e comensalidade – como as visitas, os almoços no segundo domingo da Festa, o café da manhã na alvorada. Há ainda

uns tantos rituais dos quais não temos acessos estando de fora dos ternos, só sabemos que tem, como por exemplo a ingestão da bebida de “fecha corpo”, e outros segredos que apenas capitães têm acesso.

Sobre os rituais que não tivemos acesso e que não foram transmitidos, podemos refletir em torno das questões que atravessam eventos e identidades sincréticas que se construíram também por dentro da Igreja Católica quando esses eventos e identidades passam a acontecer e existir nas redes sociais.

Os movimentos digitais integram o meio de comunicação, durante a pandemia é o espaço, o formato e a conexão dos rituais coletivos e, em paralelo, faz parte do processo de construção da autoimagem (LOPES, 2009), que antecede a pandemia mas se intensifica nesse período. À luz da discussão de Montero (2009, 2012) sobre as religiões na esfera pública, podemos pensar como o catolicismo e sua hegemonia histórica acaba sendo a face mais consensual para a “publicização” da congada. A escolha dos símbolos utilizados nesse movimento, além de ter a historicidade da “tradição” – são símbolos que já desempenham eficácia religiosa e social antes da utilização dessas tecnologias –, também suportam a pressão de sustentarem a legitimidade da congada diante do vínculo a com Igreja Católica e da opinião pública.

Em outras palavras, os elementos afro-brasileiros, “o candomblé mais leve” ou “mais pesado”, são citados, vividos, ora subsumidos, ora reivindicados por um ou outro terno, mas acabam sendo assumidos, no discurso, na categoria de “cultura”, enquanto o religioso é predominantemente católico. Montero (2012, p. 178) aponta que “quando são considerados “tradições culturais”, por exemplo, os ritos africanos são mais facilmente incorporados às imagens de identidade nacional do que quando são tratados como “ritos religiosos”.”. Se nos atentarmos para a importância cultural e turística da congada para a cidade de Catalão, encontraremos um processo similar.

Retornaremos a esse debate, que se complexifica diante da diversidade dos ternos. De qualquer modo, nos dois anos em tela, muitos dos rituais tradicionais não puderam acontecer, os que puderam foram rearranjados. Dos que foram feitos, não todos foram integralmente transmitidos. Foram aqueles que expressam a catolicidade da Festa – a chamada “parte religiosa”; e aqueles dos ternos que também expressam a religiosidade católica e a “cultura” da congada. Tiramos aqui dois tipos de rituais transmitidos: 1. rituais católicos e eventos constitutivos da Festa do Rosário; 2. rituais dos ternos.

Os primeiros são de responsabilidade da Irmandade e da Capela do Rosário (vinculada à Paróquia São Francisco de Assis); são os terços de toda terça-feira, as missas e terços durante a Festa e o que chamamos de eventos constitutivos são os marcadores simbólicos da Festa, como alvorada, a bênção e “levantação” das bandeiras, o encerramento da Festa e a entrega da coroa. Os segundos são os rituais dos ternos ao mesmo tempo públicos e mais internos, “folclóricos” e religiosos. Os dois tipos estão relacionados à temporalidade cíclica da Festa do Rosário. Os rituais dos ternos também se referem às datas dedicadas aos santos de devoção dos ternos ou outras datas simbólicas, como aniversário de fundação do terno, Dia da Consciência Negra. Veremos melhor esses dois tipos.

Antes é importante lembrar o que esteve no cronograma da Festa mas não foi transmitido. As carreatas não foram gravadas integralmente nem transmitidas pela página da Irmandade. Têm apenas trechos dispersos em perfis de devotos e de ternos, além de registros fotográficos amadores e profissionais<sup>156</sup>. Isso se deve, acredito, ao fato de as transmissões da Irmandade terem apoio da prefeitura e de empresas na cidade, com uma estrutura de filmagem um tanto robusta, com câmeras e tripés. As imagens e os áudios dos terços e das missas durante a Festa são de alta definição. A estrutura esteve montada na capela e não acompanhou as carreatas, mas pôde transmitir os momentos em frente à capela, no largo do Rosário: a alvorada na primeira sexta-feira – desde a bênção do padre, a saudação da diretoria da Irmandade e dos ternos em canto e dança –, e a chegada das bandeiras e respectiva “levantação” no último sábado no largo do Rosário.

Os preparos internos dos ternos não foram transmitidos, nem haveria de sê-lo: mesmo fora da pandemia não são momentos públicos, mas recheados de segredos. Falaremos aqui dos rituais em que não há problema com a publicização, sobretudo os que foram realizados pelo Moçambique Mamãe do Rosário – com terço e rezas cantadas e tocadas – que fazem parte de seu calendário, inserido no catolicismo popular e na identidade congadeira: em homenagem a São Jorge, em homenagem a São Benedito e aos Pretos Velhos, em 13 de maio, e a celebração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Relacionados diretamente a Festa do Rosário, temos a “levantação” da bandeira dos ternos, que marcam “em tempos normais” a abertura dos ensaios<sup>157</sup> e o início da Festa para os ternos.

---

<sup>156</sup> Com destaque para os fotógrafos catalanos Lucas Machado e Márcia Rosa que há anos registram a Festa do Rosário.

<sup>157</sup> Por não ter tido a “parte folclórica” da Festa do Rosário nos dois anos em tela, não tiveram os ensaios – são também encontros, aglomerações.

### 3.2.1. Rituais católicos da Irmandade e da Festa do Rosário

- Terço de maio de 2020

**Figura 14** – Convite ao terço e coroação em homenagem à Nossa Senhora do Rosário em maio de 2021



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>158</sup>

A primeira transmissão religiosa durante a pandemia foi o terço de encerramento do mês de maio, mês de Maria, no dia 31. Não foi a primeira iniciativa da Irmandade; no mês anterior teve a passagem da imagem de Nossa Senhora pelas ruas da cidade, pedindo por proteção e acalanto<sup>159</sup>.

Por ter acontecido em um domingo de Pentecostes, “uma festa tão importante para nossa Igreja Católica”, Diogo abre as intenções do terço pedindo para “que o Senhor envie seu Espírito Santo sobre todos nós, sobre todas as nossas famílias e sobre as famílias do mundo inteiro”<sup>160</sup>. Pede para aqueles que acompanham colocarem as intenções de seus corações, e então vários comentários surgem com pedidos por saúde, pela alma de alguém querido, para que “Nossa Senhora nos livre de todo mal”. Ao mesmo tempo, Diogo fala de suas intenções,

<sup>158</sup>

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/photos/a.1142907795760895/3155871887797799/>.

<sup>159</sup> Ver Capítulo 2.

<sup>160</sup>

Transmissão

desde

terço

está

disponível

em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/3158320447588439>

“enquanto Irmandade, enquanto grupo do terço de toda terça”, o que cria certa *comunhão sincronizada*, amarrada não apenas pela devoção, como também pela situação comum da pandemia:

Queremos pedir de fato a *intercessão de Nossa Senhora pelo fim dessa pandemia*. Queremos pedir a Nossa Senhora a sua poderosa intercessão por todos aqueles que estão nos hospitais, por todos aqueles que estão enfermos nos lares, por todos aqueles que agora chora a perda de seus entes queridos com essa terrível enfermidade. Queremos lembrar de todos os médicos, de todos os enfermeiros, enfermeiras, de todas as pessoas que trabalham no atendimento, as equipes de limpeza, enfim, todas as pessoas que de uma forma ou de outra colaboram com os irmãos que estão sofrendo nesse momento de dor e de enfermidade (Diogo, na transmissão mencionada).

A forma como a pandemia existe – e é inventada – na congada de Catalão se manifesta nesse terço tradicional da Irmandade nos pedidos de intercessão de Nossa Senhora, tanto de quem conduz o terço como dos que acompanham presencialmente ou pela transmissão; no terço da forma como realizado, nas emoções de lamento e de pedidos coletivos “para o mundo todo”; na lembrança dos profissionais da saúde; na própria transmissão e a qualidade técnica<sup>161</sup>.

Neste sentido vale trazer o fato de que esse mesmo terço já havia sido transmitido anteriormente, em 2017. Contudo, o contexto era outro, a necessidade de compartilhamento e, portanto, a qualidade técnica também. Gravada do alto da capela provavelmente por um celular *smartphone*, a transmissão ficou salva em quatro vídeos<sup>162</sup>, indicando que foi interrompida e recomeçada. A imagem e o som não são nítidos, em uma conexão de internet instável. Os quatro vídeos têm em média 130 visualizações e nenhum comentário, enquanto o de 2020 tem mais de mil visualizações e 60 comentários.

O vídeo originado da transmissão desse terço em 2020 também foi gravado provavelmente por um *smartphone*, mas a imagem e o som são bem nítidos, a conexão é estável e não houve “queda” da transmissão. A câmera enquadra durante todo tempo (por mais de uma hora de gravação) o altar, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, rosas e velas ao seu lado e ao fundo, tecidos branco e azul. Veremos que esse enquadramento no altar vai se repetir em transmissões de rituais religiosos, principalmente nos terços, o que abre a reflexão sobre os motivos e os efeitos que podem criar em quem acompanha e reza junto, de outro lugar, mas em sintonia com o encontro presencial.

- *Terço de toda terça*

---

<sup>161</sup> Aqui me refiro à expansão dos meios digitais, do uso da Internet, dos aparelhos de conexão e gravação durante a pandemia.

<sup>162</sup> O primeiro deles pode ser visto em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1483015698416768/>

Toda as terças-feiras acontece o terço na capela do Rosário, durante o ano todo, sob a responsabilidade da Irmandade. Foi Aldanice quem começou com esse terço, “há muitos anos, junto com comadre Wanda”<sup>163</sup>. Depois entregaram o terço para a capela e a Irmandade cuidarem<sup>164</sup>. Até março de 2020 toda semana era publicada na página do Facebook da Irmandade a chamada para o terço. “Reze conosco” e o endereço da capela<sup>165</sup>. E então, quem gostaria de rezar iria até a capela. Com o início da pandemia, ficou suspenso esse terço até outubro do mesmo ano, depois da primeira Festa atípica. Seu retorno é tão atípico como foi a Festa, com número limitado de presentes na capela e transmissão online.

**Figura 15** - Print da primeira transmissão do terço de terça-feira



Fonte: Página Facebook Capela Do Rosário (2020)

O terço inicia com a canção “Imaculada, Maria de Deus”, cantada por Diogo Gonçalves e acompanhada de pandeiro, sanfona e caixa. O capitão é quem conduz o terço, inicia com as intenções “tanto dos presentes, como dos que acompanham de casa”, seguidas dos agradecimentos. Ele agradece a Nossa Senhora “a Festa maravilhosa, diferente, mas de muita fé que realizamos agora a pouco em seu louvor e em sua devoção”<sup>166</sup>. Pede as bênçãos da Santa, inclusive para o novo casal de festeiros, presentes no terço, e para a Festa do próximo ano.

A imagem acima é comum às transmissões que acompanhamos de rituais da liturgia católica, em especial na realização de terços. A câmera fechada no altar, sem a exibição de

<sup>163</sup> Wanda é a segunda capitã de seu terno Mariarte.

<sup>164</sup> Entrevista presencial, realizada em janeiro de 2022.

<sup>165</sup> Publicação da Irmandade, com o convite para o terço, em janeiro de 2020: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/2846715685380089>

<sup>166</sup> As palavras de Diogo (12’ em diante) e a transmissão completa do terço: <https://www.facebook.com/capelado.rosario.75/videos/837429070334046/>

pessoas. No altar, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, vela e flores. Nesse terço tem uma luz azul ao fundo, mas em outros, principalmente durante a Festa, pode ter tecidos branco e azul. Na experiência compartilhada através da transmissão ao vivo o altar é uma espécie de lugar de encontro, catalizador de sentimentos e de intenções. Além de suscitar emoções compartilhadas de fé e devoção, é a imagem comum entre devotos que assistem e os que estão na capela, para onde vai e de onde sai essas emoções. O altar conduz ainda certos gestos já convencionalizados pela prática religiosa diante dele (e com ele).

O altar na religiosidade popular é percebido por Santos e Rios (2022, p. 5) como “[...] um lugar performático, um espaço de e para onde emergem símbolos e significados diversos”. Um lugar, portanto, em interação com os devotos. A centralidade do altar e ausência de pessoas na transmissão pode levar a experiência coletiva do terço até suas casas (ou de onde acompanham). Seria diferente se a câmera enquadrasse todos os presentes, com maior chance de criar a sensação de “assistir a um terço”, ao invés de participar dele, compô-lo, estar lá. A performance do altar poderia ser um dos meios que possibilitaram, durante a imposição do isolamento social, o encontro o sagrado, o cumprimento de rezas e tradições, enfim da experiência religiosa congadoira, através dos meios digitais?

- *Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário*

Durante as duas Festas do Rosário, foram transmitidos os rituais que aconteceram dentro da capela e uma parte considerável daqueles que são estendidos para fora dela, nas ruas ao redor e no largo do Rosário. Ao contrário dos terços dos quais falamos acima, os momentos sagrados e festivos da Festa foram gravados com câmeras profissionais e com uma equipe técnica, com apoio da prefeitura e em parceria com a Paróquia São Francisco de Assis e empresas de Catalão<sup>167</sup> (cujos logotipos aparecem na parte superior do vídeo).

O esquema de transmissão dos dois anos em questão foi bem similar, à exceção da reprodução em telão ao lado de fora da Igreja da missa de encerramento de 2021 – que não houve no ano anterior. As questões organizativas e as vivências da pandemia, contudo, tiveram diferenças significativas, tanto porque mudou a presidência da Irmandade, como estávamos vivendo outro momento de pandemia – como foi trazido no capítulo anterior. A divisão

---

<sup>167</sup> Em 2020, a única empresa parceira é uma de informática. Em 2021 já temos cinco empresas, entre elas uma de informática.

utilizada aqui não é cronológica, mas por eventos/dias da Festa. Assim passearemos pelo “mesmo” evento da Festa do Rosário de 2020 e de 2021.

- *Alvorada*

As alvoradas de 2020 e 2021 começam na capela, às 04h30<sup>168</sup>, conduzida por diretor ou presidente da Irmandade. Depois da benção oficial (nos dois anos de Pe. Emerson), os Generais da Congada dão algumas palavras antes dos três apitos. Os três apitos do General indicam o início da Festa, autorizam as caixas, as cantorias, as danças e o louvor congadeiro.

No primeiro ano de pandemia, atrás do altar da capela e em frente à imagem de Nossa Senhora do Rosário, as figuras que abrem a Festa estão enquadradas na imagem a ser transmitida. O diretor da Irmandade, João Costa, Pe. Emerson, os Generais da Congada, Eduardo Camilo e Laudemiro, e o festeiro também deu uma palavrinha<sup>169</sup>. O discurso de abertura do General Eduardo Camilo expressa muito do sentimento que permeia aquele momento, a crise, as novidades, as lamentações, a esperança e a fé<sup>170</sup>.

A fala do General na íntegra, disposta no capítulo anterior, contém elementos que foram percebidos como centrais dessa edição da Festa, sobre a vivência da pandemia como um “momento adverso, conturbado” por conta de uma “terrível doença”, que impõe a realização da Festa do Rosário “de uma forma diferente, com número reduzido”, mas que ainda assim, ela aconteceu “como prova de nossa fé”. E os que não puderam ir “tá em casa acompanhando pela *life* eu acho que imbuído na mesma fé”. A Festa aconteceu e a *life* a expande espacialmente sua realização, através da fé e da internet.

Depois da fala emocionada, o General Laudemiro é quem dá os três apitos. O último termina de ressoar e já se ouve as batidas das caixas fora da capela. A câmera da transmissão é trocada para uma panorâmica a tempo de vermos os devotos saindo rumo à batida dos congos. Uma câmera móvel os acompanha e podemos ver os poucos ternos que lá estão saudando Nossa Senhora do Rosário. É possível contar cinco ternos (e identificar três: o Catupé Amarelo, o Moçambique Mamãe do Rosário e o Penacho), com no máximo 8 dançadores cada, ainda que possa ter mais dançadores de outros que não foram de forma organizada. Além da polícia militar que está fechando a rua da capela, poucos devotos não estão com as camisetas de seus ternos

---

<sup>168</sup> Esse é o horário do início das transmissões. Certamente, o preparo começou muito antes.

<sup>169</sup> A transmissão completa da alvorada de 2020 está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/2379441589019452/>

<sup>170</sup> Conf. Capítulo 2.

ou da diretoria da Irmandade. Menos de uma centena esteve nessa alvorada, a maioria com suas máscaras.

O largo se manteve vazio nos 15 minutos de transmissão externa à capela. Embora alguns dançadores pulem e dancem animados com seus instrumentos e os capitães façam as tradicionais cantorias de alvorada com animação, uma empolgação bem conhecida de quem acompanha as alvoradas não é encontrada – quiçá nem procurada, dada a atmosfera em que vivíamos em outubro de 2020. Certa tristeza e lamento acompanham os presentes e os que acompanham pela “*live*”, como vemos pelos comentários.

**Figura 16** - Print da transmissão da alvorada. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)

Já no segundo ano de pandemia (se o leitor se recorda, foi “mais ameno”), atrás do altar, junto ao Pe. Emerson, estão a presidente da Irmandade, Ana Cristina, o General da Congada Laudemiro, o rei e a rainha<sup>171</sup>. A presença do reinado é um diferencial em relação ao ano anterior<sup>172</sup>. Apesar da captação do áudio falhar em muitos momentos na transmissão, o esquema das câmeras foi mais ou menos o mesmo. A imagem de todo interior da capela, focando nas pessoas atrás do altar quando elas falavam. Após os três apitos do General Laudemiro, podemos acompanhar mais de 40 minutos<sup>173</sup> das danças e cantorias dos congos do lado de fora da igreja e no largo – que neste ano está todo ocupado de dançadores e devotos.

No mínimo oito ternos participaram da alvorada de 2021, cada um com bem mais de dez dançadores (o número recomendado pela Irmandade). Ao contrário do ano anterior, a maioria das pessoas estavam sem máscaras. Existe certa animação e alegria dos dançadores,

<sup>171</sup> A transmissão da alvorada de 2021 está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/613630940017521/>

<sup>172</sup> A presença do reinado em 2021 pode ser vista como um indicativo de que foi “mais ameno”, se considerarmos que a preocupação maior com a exposição ao coronavírus em 2020.

<sup>173</sup> Os ternos ficaram por ali, em canto, dança e louvor, até o início do terço, às 6 horas – extrapolando o que foi transmitido.

que foram dispensadas na última alvorada, como, por exemplo, a agitada dança do terno vilão com seus bastões<sup>174</sup>. Essa diferença reflete por um lado a perspectiva mais próxima de fim da pandemia, principalmente pelo avanço da vacinação, e por outro lado a relação da congada com a coletividade, com a reunião, como se mais corpos em devoção ritmada aumentasse a intensidade da própria devoção dos corpos ali presentes. O *printscreen* abaixo não traz nem de longe a quantidade de pessoas, entre dançadores e expectadores, que se espalharam pelo largo e as ruas ao redor da igreja, nem tampouco da intensidade das danças e cantorias, contudo serve de registro e de comparação com o *printscreen* acima.

**Figura 17** - Print da transmissão da alvorada. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)

Tudo isso podemos inferir através de uma comparação sensível da transmissão das duas alvoradas, mas certamente tiveram elementos e ações que escaparam e só puderam existir presencialmente. Após os apitos do General, fogos de artifício anunciam para a cidade o início da Festa. Com o cessar das músicas, a Irmandade ou os ternos (não pude distinguir) ofereceram saquinhos individuais com pão, biscoito e achocolatado para os dançadores – em substituição ao tradicional café da manhã que era disposto no centro do folclore, ao lado da igreja. E mesmo que percebamos pelos vídeos que existe um pouco daquela “efervescência religiosa”<sup>175</sup> que conhecemos da congada, as pessoas ali, na penumbra do amanhecer do dia, emitiam sentimentos de nostalgia e lamentação.<sup>176</sup> O que a pandemia e a criatividade congadeira nos aponta o tempo todo é que a fé e a esperança coexistem com o lamento, com a tristeza, com o

<sup>174</sup> Os ternos vilão têm por característica danças com duas filas paralelas de dançadores que com seus bastões acompanham os ritmos das caixas e do apito do capitão. Em 2020 nenhum vilão foi à alvorada, em 2021 foi um. Um vídeo do último ensaio do Vilão de Santa Efigênia de 2017 (Fonte: Blog Maysa Abrão): Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n7v\\_klKe-LY&ab\\_channel=BLOGMaysaAbr%C3%A3o](https://www.youtube.com/watch?v=n7v_klKe-LY&ab_channel=BLOGMaysaAbr%C3%A3o)>.

<sup>175</sup> À luz da “efervescência coletiva” de Durkheim (1996).

<sup>176</sup> Trago aqui alguns apontamentos feitos na ocasião de acompanhar a Festa do Rosário em 2021 presencialmente. Como mostrado nos capítulos anteriores, foi o momento em que o trabalho de campo teve essa aproximação física.

medo. E essa criatividade e essa coexistência não são homogêneas ao longo dos dois anos, mas acompanham os fluxos e as dinâmicas locais e mais gerais da pandemia e das outras crises em curso.

- *Novena e missas*

De uma sexta-feira e outra ocorreram dois terços e a missa todos os dias. As transmissões, contudo, não acompanharam nos dois anos a constância da novena. Em 2020, no dia 06 de outubro, apenas o terço da manhã foi transmitido; sem a missa da noite. Em 2021, contudo, por cinco dias o terço e a missa da noite não foram compartilhados pelas redes sociais<sup>177</sup>. Apesar disso, quem estivesse rezando a novena à distância teve a chance de rezar o terço todos os dias, nos dois anos, ao menos em um período.

Nos terços, o esquema de filmagem é o mesmo do que já citamos. No momento de acolhida (receber os fiéis na igreja), é mostrada uma visão panorâmica, assim como nos intervalos entre um mistério e outro do terço, em que há cantorias e a narrativa do próximo mistério a ser rezado. Durante a reza propriamente, a câmera fica fixa no altar. Nos dois anos, a imagem de Nossa Senhora do Rosário é centralizada no altar. Em 2020, ao lado da imagem têm panos brancos e luzes azuis ao redor dos panos. Lustres nos cantos superiores e duas imagens de anjos nos cantos inferiores<sup>178</sup>. Aos pés da imagem da Santa, flores amarelas, vermelhas e rosas. Abaixo do altar, flores brancas. As imagens de Santa Efigênia e São Benedito se encontram na capela à frente do espaço reservado ao altar principal, uma imagem de cada lado.

---

<sup>177</sup> Vale a pena trazer o fato de que a maioria das missas da Festa de 2021 foram celebradas por Pe. Robson, recém-chegado à paróquia São Francisco (em 2020) e pouco familiarizado com a congada – ao contrário de Pe. Emerson, que há mais de uma década realiza trabalhos em parceria com a Irmandade, além de compreender a congada como expressão de religiosidade e cultura negras no interior do catolicismo, portanto sem deixar de ser católico. É Pe. Emerson quem celebra os importantes rituais da Festa, como a bênção das bandeiras e a missa de encerramento. Inclusive na missa de encerramento de 2021, em seu sermão fala sobre as “desgraças” da discriminação social e racial, cita o caso da Irmã Dorothy e coloca a importância e necessidade de, enquanto católicos, “nos revoltarmos com as discriminações, fazer algo para mudar”.

Pe. Robson, em mais de um momento das missas transmitidas, questiona a catolicidade dos congadeiros e da diretoria da Irmandade, reforça tantas vezes que Maria, seja representada por Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário ou outras Santas, é apenas intermediária do Nosso Salvador, Jesus Cristo. Na missa do dia 03 de outubro de 2021, gasta mais de dez minutos do sermão para falar sobre “ideologia de gênero”, chama pessoas trans de “aberrações” e coloca para os fiéis a necessidade de fiscalizar a educação que seus filhos recebe nas escolas, pois, segundo o pároco, as escolas têm o dever de ensinar conteúdos, a educação deve ser da família.

<sup>178</sup> Na primeira missa da Festa de 2020, em 02 de outubro, Pe. Emerson fala da importância dos anjos na santidade de Maria, enquanto anunciadores – do Senhor Jesus e da maternidade da Santa – e guardadores, protetores.

**Figura 18** – Print do terço de 02 de outubro de 2020. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)<sup>179</sup>

O altar é alterado, nos dois anos, nos dias de São Benedito (05 de outubro) e de Nossa Senhora do Rosário (07 de outubro), retornando à disposição anterior nos dias seguintes. Em 2020, no dia 05 de outubro, as imagens de São Benedito e Santa Efigênia ocupam os lugares em que estavam os anjos<sup>180</sup>. Neste dia temos a missa conga<sup>181</sup> em homenagem a São Benedito.

No dia 07, como todos os anos, tem a coroação de Nossa Senhora ao final da missa – ritual que conta com uma performance previamente elaborada. Desde o terço, há uma segunda imagem da Santa (a que será coroada), à frente do altar principal. Neste ano, são consagrados à Senhora do Rosário uma criança (de uma família da Irmandade), rosas de cores variadas<sup>182</sup>, o rosário de contas, o véu azul e finalmente sua coroa. No momento em que são entregues as rosas, nos comentários da transmissão devotos(as) enviam rosas, em uma interação síncrona. A coroação se encerra com as saudações de “Viva Nossa Rainha”, seguidas da cantoria “Mãezinha do céu / eu não sei rezar / receba essa coroa / é a rainha do nosso congar”.

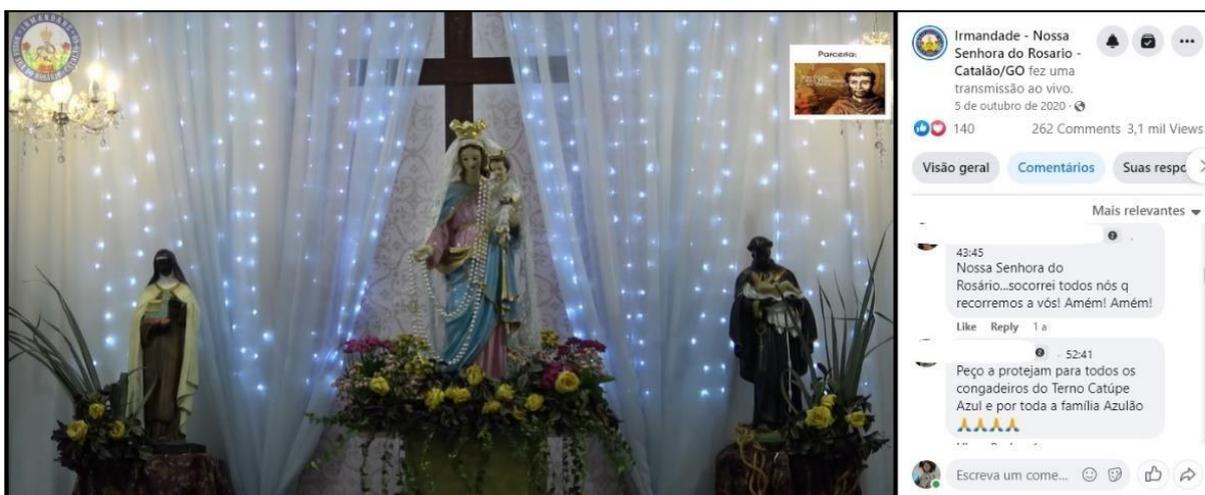
<sup>179</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1207089809660060/>>.

<sup>180</sup> A transmissão do terço da tarde e da missa do dia 05 de outubro está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/782278082562384/>

<sup>181</sup> A missa conga, um dos símbolos do sincretismo religioso que reúne liturgia católica e expressões afro-brasileiras, acontece em diversos lugares em que existem congadas, moçambiques ou reinado. A maior referência que temos é a da Festa de São Benedito, em Aparecida do Norte, ocasião em que acontece o maior encontro de congadas do Brasil.

<sup>182</sup> As rosas são levadas por crianças, diretores da Irmandade e um casal “que venceu o covid”.

**Figura 19** - Print do terço de 05 de outubro de 2020. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)

**Figura 20** - Print da coroação de Nossa Senhora do Rosário. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)

Em 2021, há maior investimento nas flores do altar. Ao lado da imagem centralizada da Santa do Rosário, há quatro vasos de flores, com rosas brancas e cor de rosa, mais quatro castiçais (em alguns dias são reduzidos a dois). No fundo do altar, há apenas panos brancos. A partir do dia 07 de outubro, os panos recebem uma iluminação colorida. Onde estão as imagens de São Benedito e Santa Efigênia são dispostos dois altares com castiçais. Percebemos daí que de um para o outro, houve maior valorização do Reinado (da comparação da alvorada) e destes dois santos de devoção congadeira<sup>183</sup>.

<sup>183</sup> Muitos ternos de Catalão têm como seus “santos do terno” São Benedito e São Efigênia.

**Figura 21** - Print do terço da manhã do dia 01 de outubro de 2021. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>184</sup>

No dia de São Benedito neste ano, a imagem do Santo divide o altar apenas com a Senhora do Rosário (a imagem fixa ao fundo). Aos pés da imagem, estão dispostos os alimentos doados para a feitura de cestas básicas<sup>185</sup>. No dia de Nossa Senhora do Rosário, a ornamentação do altar é um tanto mais sofisticada. Ao invés de quatro buquês de rosas, temos seis e mais um punhado de rosas brancas dispostas ao pé da Santa. A segunda imagem da Senhora do Rosário a ser coroada à frente do altar também recebe rosas brancas. Contudo, a performance de coroação foi mais simples em relação à do ano anterior, contando com uma canção e o ato de colocar a coroa na imagem.

**Figura 22** - Print do terço do dia 05 de outubro de 2021. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>186</sup>

<sup>184</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/607904723557382/>>.

<sup>185</sup> Sempre bom lembrar: São Benedito, de tradicional devoção congadeira em muitos lugares do Brasil, é um escravo negro cozinheiro, para quem rezamos para que nunca falte o alimento. Em casa, é o regente da cozinha e não raro cultuado junto aos pretos velhos.

<sup>186</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/601360027547541/>>.

**Figura 23** - Print da coroação de Nossa Senhora. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>187</sup>

- *Sábado, o dia das bandeiras*

Em 2020 a transmissão do sábado, dia 10 de outubro, produziu um vídeo de três horas de duração. Começa no terço da tarde dentro da igreja. Depois, câmeras externas captam o momento em que a carreata com as bandeiras chega ao largo do Rosário. Enquanto a noite foi alterando a paleta de cores da filmagem, mais devotos chegam ao largo do Rosário. Aos poucos, o que era 10 pessoas aumenta em dezenas, certamente mais que 100, uns tantos com as camisetas de seus ternos. A imagem transmitida fica oscilando entre uma câmera panorâmica (posta no alto da igreja a mostrar todo o largo) e uma móvel que passeia entre as pessoas. Pe. Emerson aguarda em frente à igreja a chegada de carros, de algumas camionetes com dançadores. Fogos de artifício anunciam a chegada das bandeiras. Os dançadores que chegam se somam aos que aguardavam em frente à capela para saldar as bandeiras e Nossa Senhora com danças e cantos, o corpo em agitação, excitação, movimentos ritmados.

Minutos depois de cantorias e danças em torno das bandeiras, Pe. Emerson pede a atenção dos dançadores, para cessar os instrumentos e as cantorias e permitir sua oração, seguida da bênção às bandeiras. O pároco faz uma oração ao Espírito Santo e pede, mais uma vez, pela atenção dos presentes e “àqueles que não estão acostumados a rezar talvez, que respeitasse o silêncio e a oração daqueles que tem”<sup>188</sup>. Encerradas as bênçãos, as cantorias e

<sup>187</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/420543476334877/>>.

<sup>188</sup> A fala do padre e a bênção às bandeiras estão à 1:30:00 do vídeo da transmissão, disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1292495917750215/>

instrumentos voltam a agitar o largo, agora em rodas quase separadas dos ternos, enquanto as bandeiras são hasteadas – uma de Nossa Senhora do Rosário e uma de São Benedito. Quase todos que aparecem no vídeo estão de máscaras.

Após a “levantação” das bandeiras, os ternos vão, um a um, saudá-las com vozes, sons e corpos. Os capitães tocam com o bastão no mastro, em sinal de reverência. Em um *take* panorâmico é possível ver mais de 200 pessoas no largo. Seis ternos podem ser identificados na filmagem. Vez ou outra, há interação entre capitães que trocam versos de saudação, respeito, devoção. A transmissão capta quase 30 minutos dos congos ali no largo, a câmera móvel que passeia entre os ternos e devotos permite ao expectador sentir-se movendo entre os corpos, os cantos e batuques, além da visualização da “levantação” das bandeiras. A transmissão ainda segue durante toda a missa com a imagem das câmeras dentro da igreja.

**Figura 24** - Print da "levantação" das bandeiras. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)

No ano seguinte tivemos algumas mudanças, além das (e em relação às) que já foram mencionadas em relação à dinâmica da pandemia. A bênção das bandeiras aconteceu dentro da igreja, a despeito de haver o telão voltado ao largo, em que fora transmitida a missa. O ritual de “levantação” das bandeiras e as saudações dos ternos não tiveram som na transmissão, uma vez que foi uma única câmera colocada no alto e *dentro* da igreja a captar esse momento. Vemos a agitação, ouvimos os fogos de artifício, mas as cantorias e instrumentos não podemos acompanhar, nem tampouco o movimento dos dançadores de perto. A transmissão completa tem pouco mais de uma hora e vinte minutos.

**Figura 25** – Print da “levantação” das bandeiras. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade - Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)<sup>189</sup>

O que vemos comparando as transmissões dos dois anos é que mais pessoas foram ao largo do Rosário no último sábado da Festa. O que *não* vemos, contudo, é que no segundo ano há instalada no canto do largo uma barraquinha vendendo pipoca e refrigerante. Não vemos também que muitas pessoas não estão devidamente mascaradas, não vemos os abraços ou as trocas de afeto físico que, no ano anterior, foram dispensadas. Não vemos que a carreata com as bandeiras chegou enquanto a missa acontecia e que os dançadores ficaram dispersos pelo largo, enquanto algumas pessoas – a maioria mulheres idosas – acompanhavam a transmissão da missa pelo telão. Não vemos os capitães saudarem as bandeiras, com o toque de bastão e de cabeça, com cantorias de louvor. Não vemos ainda que, após a “levantação” das bandeiras capitães e seus ternos cumprimentaram uns aos outros, com muito afeto, devoção e nostalgia.

O que não é visto é resultado do jogo entre escolhas e limites materiais. Em primeiro lugar há a escolha dos organizadores – a Irmandade e os capitães. Depois tem a escolha da(s) pessoa(s) que está operando a câmera, de forma que o que temos acesso é um recorte do qual não temos o mínimo controle. Quando estamos de corpo presente em um evento, escolhemos o que olhar; sentimos, ouvimos e vemos até sem escolher, nossos sentidos são levados pelos fluxos. Em uma transmissão, o que podemos ver e ouvir é o que está sendo captado pela câmera. E na captação temos de considerar a qualidade técnica dos equipamentos, da conexão com a internet. De qualquer forma, a interação corpo a corpo fica de fora, tanto a interação que pode ser observada, como a que pode ser vivida pela pesquisadora. A conexão possível é dois ou

<sup>189</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/426552049185253/> >.

mais corpos sentirem ao mesmo tempo emoções que remetem e revivificam momentos religiosos, a partir dos mesmos símbolos e estímulos.

- *Missa de encerramento e entrega da coroa*

Domingo é o dia em que finalmente dançadores vestem suas fardas. Isso não poderia ser diferente nos anos de pandemia: congadeiros(as) fardados é que auxiliaram o Pe. Emerson na missa de encerramento, desde as leituras até o coral – já é conhecida como a missa da congada. Em 2020, após essa missa pela manhã – que deu por finalizada a parte religiosa da Festa, tivemos a carreata com a imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de Catalão. É na ocasião desta missa que Pe. Emerson reclama da quantidade de pessoas dentro da igreja, e pede para que os fiéis se cuidem em relação à pandemia, que mantenham distância e as máscaras devidamente colocadas. Como sabemos, a carreata não foi transmitida, mas temos belos registros feitos pelo fotógrafo catalano Lucas Machado (2021).

**Figura 26** - Print da missa da congada. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade – Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)<sup>190</sup>

<sup>190</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/388430009208549/>>.

---



... Oi, chegou a nossa hora / Aruê  
Essa coroa entregar / aruê  
Oi, minha mãe, Nossa Senhora / aruê  
A nós vem abençoar / aruê  
Protegei nossos festeiros / aruê  
E também todo o congar / aruê  
Chegou o dia, chegou a hora  
Entregar a coroa de Nossa Senhora...<sup>191</sup>

A entrega da coroa aconteceu, como de costume, no dia seguinte, segunda-feira. A transmissão começa com a entrada na igreja de diretores da Irmandade, levando a imagem de Nossa Senhora. Atrás deles, estão os atuais festeiros com a coroa em mãos. À frente da coroa, os Guarda-coroa com suas espadas fazem uma cruz, em sinal de proteção à sagrada coroa. Atrás do altar estão o General da Congada, o rei e a rainha. Do lado direito do altar os novos festeiros, do lado esquerdo a coroa na proteção dos guardas-coroa. Após o presidente da Irmandade, João Costa, fazer os agradecimentos – à Senhora do Rosário, aos festeiros, à diretoria, ele pede licença e permissão ao rei Cleider e à rainha Eloá para fazer a passagem da coroa aos novos festeiros, ao que é respondido com aceno positivo.

Se você tá de acordo a receber a coroa de Nossa Senhora do Rosário e fazer uma Festa bonita em louvor a Nossa Senhora do ano que vem, conforme o Estatuto da Irmandade, e caminhar sempre unido com a Irmandade, com a paróquia São Francisco, pra nós realizar uma Festa 2021? (Pres. João Costa, na entrega da coroa de 2020).

Juramento feito, todos agradecem à Senhora do Rosário pela Festa deste ano, ainda que tenha sido “de um jeito que ninguém nunca imaginou”. O Pe. Robson, recém-chegado na Paróquia São Francisco, dá algumas palavrinhas, como forma de marcar presença da Paróquia na cerimônia. Ele fala sobre a importância e sacralidade da santa missa, do altar e da importância primordial da Virgem Maria, que é “nos conduzir a Jesus Cristo”. O pároco defende, em sua fala na entrega da coroa, que os diretores da Irmandade “têm que ser autênticos católicos e testemunhas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se pode ser servo de Maria, se não está seguindo seu Filho Jesus Cristo. Ele é o caminho”.

---

<sup>191</sup> Cantorias entoadas ao início do ritual da entrega da coroa. Neste ano (2020) foram conduzidas pelo capitão Diogo Gonçalves. Transmissão da entrega da coroa disponível em:

<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/1244247209270427/>

---

<sup>192</sup> Transmissão disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/386089059729251/>

Quem encerra todas as festividades em louvor a Nossa Senhora do Rosário é o general Eduardo, agradecendo a Santa e a todos que não mediram esforços para que a Festa acontecesse. “Mesmo diante de um momento tão difícil que o mundo está vivendo, a gente conseguiu, mesmo que de uma forma diferente, a gente conseguiu realizar a nossa tradicional Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário”, o general comemora. Em seguida, dá seus três apitos, encerrando a Festa. Cantorias de devoção e despedida são tocadas e dançadas dentro da capela.

**Figura 27** - Print da entrega da coroa. 144ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade – Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2020)

Em 2021 todos os rituais acima mencionados foram condensados em apenas um dia, o domingo. A missa de encerramento não foi de manhã, mas à tarde, após a carreata com a imagem. E a entrega da coroa após a missa, de forma que esses dois momentos – o encerramento religioso e folclórico da Festa – ficassem salvos em apenas um vídeo<sup>192</sup>. Certamente as razões das alterações dizem respeito à diretoria da Irmandade, mas uma consequência foi que deixar a missa entre a carreata e a entrega da coroa trouxe mais congadeiros(as) para a missa, especialmente por conta do telão que a reproduziu para o largo. Percebemos ainda que, neste ano, o Reinado ficou no primeiro banco da igreja durante a missa. Outro fator que pode estar relacionado é o fato de que os festeiros de 2021 decidiram renovar seu juramento para a Festa seguinte. Segundo Diogo, no início do ritual,

Os festeiros resolveram por vontade própria não passarem a coroa para um novo casal, porque o casal acha que precisam *realizar de fato a Festa como precisa, como é feito aos outros anos passados*. Por isso será feito um novo juramento, pois o juramento do ano passado no dia de hoje se encerra, e agora assumem uma nova responsabilidade.

E assim a coroa entrou nas mãos da festeira e ali permaneceu durante e a pós o juramento, que serviu para atualizar o compromisso do casal com a Festa do Rosário e com a Irmandade.

**Figura 28** - Print da missa de encerramento. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade – Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)

**Figura 29** - Print da entrega da coroa. 145ª Festa do Rosário de Catalão



Fonte: Página do Facebook da Irmandade – Nossa Senhora do Rosário Catalão/GO (2021)

<sup>192</sup> Transmissão disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/videos/386089059729251/>



... Coroei coroei coroei

Coroei coroei coroa

Lá do céu vem descendo uma coroa

Essa coroa é do reino da glória

Vamos louvar ela com fé, ó meus irmãos

Essa coroa é de Nossa Senhora ...

- *Experiência religiosa através das transmissões*

Tantos detalhes compõem as cenas transmitidas – e vividas enquanto são gravadas. Pode ser que muitos expectadores dos rituais da Festa do Rosário ou dos ternos tenham-nos encarado como entretenimento. Pode ser ainda que outros tenham assistido para “não passar batido” a tradição ou o voto feito. Mas, se tratando de uma religiosidade carregada de “mística” e “encantos”, temos de considerar o potencial dessas transmissões em instigar e coletivizar o sagrado que há nos encantos.

A “falta” é a maior presença entre os interlocutores. E junto da falta, a necessidade da fé, de rezar e de “não faltar com Nossa Senhora”, pois ela pode interceder pela cura e pela libertação desses tempos terríveis. Assim é que podemos pensar que as transmissões podem ter compartilhado instantaneamente sentimentos religiosos que já são conhecidos, de momentos que já foram vividos. Sabrina e Diogo, de maneiras diferentes experienciaram as emoções, os encantos e os momentos de devoção através das transmissões. Sabrina nos contou que

Na religião católica, a gente sempre fala assim “onde tem um ou mais reunidos em nome de Deus, Deus está ali”, então *mais forte ainda Deus estava presente, Deus e Nossa Senhora estavam presentes na minha casa também*, porque eu tava ali em união com a igreja, assistindo online, do computador, do celular ou até pela televisão a parte religiosa da festa.<sup>193</sup>

Em união com a igreja, Deus se fez presente também em sua casa, expandindo espacialmente o poder sagrado da reunião dos ritos coletivos. De forma que em qualquer lugar que o devoto estivesse, seria possível estar em comunhão com aqueles que rezavam desde a capela. Podemos supor que essa possibilidade é criada tanto pelo instantâneo como pela fé, a reunião síncrona de devotos em torno dos mesmos símbolos sagrados, os quais podem induzir disposições (GEERTZ, 2008, p. 70).

---

<sup>193</sup> Em entrevista por áudios.

Nesse caso as disposições e as emoções que as acompanham compõem as reuniões em modo remoto, não como acontecimentos inéditos, mas como continuação e revivificação de memórias, “como se estivessem todos os juntos”. Para Diogo, na hora de fazer as *lives* e transmissões, é “como se tivesse vivendo de fato aquele momento com todo mundo ali real e presente”, e como expectador, “sente como se estivesse lá presente”<sup>194</sup>.

“De arrepio, de choro, de emoção de fato”, Diogo conta. “E a gente vê também nos comentários das lives “emocionada”, “você me faz arrepiar”. Mesmo com a tecnologia, o nosso cantar, o nosso rezar levou pras pessoas alguma coisa do que de fato a gente queria levar”. Todos os detalhes descritos somados àqueles que nos escaparam, enquanto imagens e sons carregas de símbolos, reavivam memórias e instigam emoções no momento mesmo em que são produzidos, em interação instantânea. Assim, de alguma maneira, uma rede é criada entre todos que assistem e todos que produzem, que aparecem (ou não) nas imagens transmitidas.

Em um ritual “o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um único mundo” (GEERTZ, 2008, p. 82), então ao final estão todos juntos e cada um em um lugar, uma vez que as transmissões online podem ser o canal desse “único mundo” criado/vivido pelos devotos.

### 3.2.2. *Rituais dos ternos*

Ao acionar os recursos disponíveis, congadeiros(as) puderam realizar a Festa de uma forma diferente – o mundo se apresentava diferente e exigia gingas criativas. A Festa do Rosário é o ápice da dinâmica congadeira da cidade, ou seja, se a Irmandade manteve os devotos informados através das redes sociais e, por ali pôde expandir o alcance dos rituais, subvertendo em algum nível o distanciamento social para manter a coletivização “ilimitada” que eles demandam, os ternos também o fizeram em relação a comunicação com seus dançadores e à realização de seus rituais. Obviamente não todos os ternos, nem todos os rituais. Dos ternos que acompanhamos mais de perto, foram transmitidos os rituais do catolicismo popular que orbitam a Festa e a devoção congadeira. São terços e levantamento das bandeiras.

- *Moçambique Mamãe do Rosário*

---

<sup>194</sup> Em entrevista por videochamada.

A exceção em relação ao calendário cíclico e dias especiais para cada terno é a primeira transmissão de terço depois do começo da pandemia. Na primeira semana de abril de 2020, se o leitor se lembra, a Irmandade fez uma passagem da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de Catalão “para levar consolo e esperança a todas as famílias e devotos”. Nesse mesmo cenário em que estávamos todos imersos em sentimentos de medo e assombro, Diogo, capitão do Moçambique Mamãe do Rosário, realiza um terço e o transmite pelo perfil do terno no Facebook, no primeiro dia de abril.

Nesta semana em que nós estamos vivenciando a semana das dores, viemos meditar através da oração do Santo Terço, os mistérios dolorosos, pedindo ao Senhor a sua misericórdia para todos nós, a sua misericórdia para todas as nossas famílias. *Pedimos a intercessão de Nossa Senhora, que possa o Senhor nos livrar dessa peste*, que ele possa nos livrar de todo o mal, de todo o perigo e de toda a adversidade. Coloque você também, todos os internautas, a sua intenção para este momento de oração. Não só os moçambiqueiros do Moçambique Mamãe do Rosário, assim como toda a Irmandade do Rosário de Catalão e de toda a nossa região; todos os amigos, todos os devotos de Nossa Senhora, estejamos unidos através deste meio, para juntos fazermos a nossa oração.

*Queremos rezar de modo especial por todos aqueles profissionais da saúde* que estão trabalhando diuturnamente, em favor dos nossos irmãos enfermos que estão sofrendo com *essa peste que vem assolando nosso mundo*. Pedimos por todos os médicos, por todos os enfermeiros, por todos aqueles que neste momento necessitam da nossa oração. Para os enfermos que estão em casa, para os enfermos nos lares e também nos hospitais, que Nossa Senhora interceda por todos eles e por todos nós, hoje e sempre. Amém.” (Diogo, na transmissão do terço referido).<sup>195</sup>

Com essa fala Diogo abre o terço em que, entre os mistérios, as cantorias lentamente ritmadas conferem à reza certa melancolia e esperança em Nossa Senhora. A imagem da câmera não é fixa, provavelmente Diogo gravou segurando o celular voltado para o altar, onde estão três imagens iluminadas com três velas: Jesus crucificado, envolto com o rosário; Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. Vemos que o discurso da “peste” traz um tema bíblico, em que a saída colocada é confiar nas palavras de Jesus, orar e perseverar<sup>196</sup>. O terço, assim, cumpre em alguma medida essa função, com uma força a mais: a interseção de Nossa Senhora. Em tempo, a ideia da “peste que assola o mundo todo” informa como a pandemia mostrou uma conexão mundial – através do contágio –, de forma que veremos diversas orações com intenções também mundiais. E mais uma vez vemos a importância dos profissionais de saúde e seu papel, digamos, heroico durante a pandemia.

- *São Jorge / Ogum*

<sup>195</sup> Fala de Diogo e transmissão do terço no dia 01 de abril de 2020 disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1555061604658157/>

<sup>196</sup> Conferir o Capítulo 21 de Machado (2020).

O segundo terço transmitido pelo Moçambique Mamãe do Rosário no período em tela é em homenagem a São Jorge, no dia 23 de abril. Realizado há algum tempo todos os anos pelo terno, o ritual conta com cantorias em louvor ao Santo que se misturam com os pontos para Ogum – não exclusivamente, músicas de Nossa Senhora do Rosário, de abertura e de fechamento de rezas são mantidas. Como no terço acima, neste de 2020 a câmera parece estar na mão de Diogo<sup>197</sup>, capitão, quem conduz a reza e algumas cantorias, estas são divididas com outros capitães presentes, contudo não podemos vê-los, pois a imagem fica fechada no altar, assim como nos demais rituais religiosos transmitidos<sup>198</sup>.

Em 2021 o terço também foi realizado e transmitido no mesmo esquema, inclusive da ordem das cantorias. A diferença significativa foi a qualidade técnica da transmissão, no segundo é possível ouvir com clareza cada música e os instrumentos do terno, além da imagem da câmera estática e em alta resolução o tempo todo do vídeo. Diogo contou que “tiveram que aprender, que reinventar” e o que vemos é que a mesma ideia experimentada diversas vezes ganhou certa robustez técnica.

**Figura 30** - Print do terço em louvor a S. Jorge. Moçambique Mamãe do Rosário de Catalão. 23 de abril de 2020



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2020)

No mesmo dia 23 de abril, no catolicismo brasileiro dia de São Jorge Guerreiro, é publicada no perfil do terno uma oração ao Santo<sup>199</sup>, com os dizeres “Para alguns São Jorge

<sup>197</sup> O próximo terço transmitido pelo perfil do Moçambique mantém esse padrão de transmissão, a diferença é que não tem dançadores nem instrumentos. Realizado em 07 de maio de 2020, é um terço: em louvor a Nossa Senhora e em saudação ao mês de Maria. Está disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1588590627971921/>

<sup>198</sup> Transmissão completa do terço disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1575424135955237/>

<sup>199</sup> Desde 2018 há uma publicação com oração a São Jorge no perfil do terno, em 23 de abril.

Guerreiro para outros Ogum”<sup>200</sup>. Diogo nos conta que “alguns elementos que são da cultura do negro”<sup>201</sup> foram por muito tempo perseguidos, “cantava-se pra Ogum, cantava-se pra Iemanjá, mas tinha que ser às escondidas”.

Mas o capitão do Moçambique tem uma postura de retomada desses elementos, ainda que por isso se sinta “perseguido, até mesmo dentro da igreja”, porque “a congada tem sua identidade, que mistura os santos do catolicismo com a cultura do negro, mas que é uma identidade própria, não quer ferir nada nem ninguém, nem sobrepor uma doutrina à outra”<sup>202</sup>. Veremos essa postura de Diogo ainda no terço em homenagem aos pretos velhos, no dia 13 de maio, e na live no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro – datas simbólicas para a luta antirracista no Brasil.

- *13 de maio e os pretos velhos*

**Figura 31** - Chamada para o terço. Moçambique Mamãe do Rosário. 13 de maio de 2020



Fonte: Perfil Facebook Moçambique M. Do Rosário (2020)<sup>203</sup>

<sup>200</sup> Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/pfbid0g2Zm1Depdvf82bpzVTbJEdMtEcLUQwfinNce8f6Ewda5hpajPRdj5SdMjn7J1DRK1>

<sup>201</sup> As falas de Diogo sobre esse tema foram concedidas em entrevista por videochamada realizada em 05 de maio de 2021.

<sup>202</sup> Aqui Diogo cita “a doutrina da Igreja, a doutrina da umbanda, a doutrina do candomblé, a doutrina kardecista” como linhas religiosas que utilizam “elementos” comuns à identidade congadeira.

<sup>203</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/1592785350885782>>.

Na mistura que constitui a identidade da congada, pontuada por Diogo, a figura dos pretos velhos assume um lugar expressivo dos cruzamentos. Percebidos para além das entidades cultuadas em terreiros afro-brasileiros e espíritas, os pretos velhos representam os ancestrais da congada, “os negros e negras que um dia lutaram em nossas terras, que um dia derramaram suor e sangue, sofreram e nos deixaram essa linda história e tradição das nossas congadas”<sup>204</sup>. Eles simbolizam de forma direta, enquanto personagem histórica sacralizada, a devoção aos santos católicos como uma de força contra a situação sofrida da escravidão. O fato de suas imagens carregarem quase sempre um rosário e em diversas regiões a festa religiosa congadeira<sup>205</sup> acontecer em maio nos aponta que não apenas em Catalão, mas em tantas outras congadas pelo Brasil, os pretos velhos podem compor a cosmologia congadeira, tanto em termos imagéticos, como rituais e espirituais, enquanto seres sagrados, antepassados e protetores.

Nos dois terços em homenagem aos pretos velhos transmitidos pelo Moçambique Mamãe do Rosário temos no altar, além das imagens dos santos que estavam nos terços anteriores, a imagem de São Benedito, duas pequenas imagens de pretos velhos à frente, com xícaras ao lado, e os bastões dos capitães dispostos à frente do altar. Nas transmissões a câmera fica o tempo todo enquadrando o altar, mesmo nos mesmos de cantoria que nestas duas são acompanhadas com instrumentos e cheias de agitação – somos capazes de senti-la apenas ouvindo os dançadores.

**Figura 32** - Print do terço em homenagem aos pretos velhos. 13 de maio de 2021



Fonte: Perfil Facebook M. Do Rosário (2021)<sup>206</sup>

<sup>204</sup> Fala de Diogo no terço do Moçambique Mamãe do Rosário em homenagem aos pretos velhos, em 13 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1593963584101292>

<sup>205</sup> Consideremos, além das Festas do Rosário e Festas da Congada, as Festas de São Benedito, os Reinados e Reisados, os Catupés/Catopés; todas aquelas que acompanham o padrão em tela: Festa do catolicismo popular com ternos, grupos ou guardas de congada.

<sup>206</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1914212372076410/>.

As intenções que os diferenciam estes dos outros terços são de três ordens, que identificamos pelas falas de Diogo, que conduz o ritual. 1. Pedir “que o Rosário Sagrado de Maria seja a nossa devoção e a *nossa libertação de todas as mazelas*, de todas as enfermidades, de tudo aquilo que possa vir nos afligir”, os pedidos de interseção assumem um caráter de libertação e de cura – especialmente voltados às enfermidades relacionadas à Covid-19. 2. Celebrar a “libertação da escravidão” ao mesmo tempo “questioná-la, visto que essa liberdade em muitos momentos e lugares ficou apenas no papel”, assim, demonstrar “gratidão a negros e negras que um dia fizeram história e deixaram esse legado para nós, para que se perpetue”, traz à tona a responsabilidade de perpetuar o legado. 3. Perpetuar esse legado nos leva à terceira intenção do terço/reunião em questão: lembrar e honrar os ancestrais diretos da congada em Catalão<sup>207</sup>, rezando por suas almas, além de colocar os pedidos de cura e recuperação de congadeiros “de modo especial”, citando-os os pedidos individuais<sup>208</sup>.

Nas celebrações do 13 de maio do Moçambique o passado e o futuro estão entrelaçados no presente da oração; da fé na intercessão de Nossa Senhora e São Benedito que, no passado estiveram pelos negros e negras escravizados e no presente estão pelos congadeiros e congadeiras que perpetuam sua tradição e devoção. Esses são rituais religiosos públicos e transmitidos em que percebemos diretamente a “porosidade” da qual fala Sanchis (1994, 2008) acerca do catolicismo brasileiro e suas identidades. Há, ainda, nos terços destes dois anos a centralidade da pandemia, que coloca os profissionais de saúde e os “que sofreram e sofrem em decorrência do covid” nas intenções das orações. Além disso, a consciência da conexão mundial<sup>209</sup> aparece na fala do capitão Diogo tanto quando coloca os pedidos “de cada um que reza conosco de casa”, como quando lembra “das irmandades do mundo todo” ao pedir as bênçãos de Nossa Senhora.

---

<sup>207</sup> No terço em homenagem aos pretos velhos de 2021, Diogo os cita nominalmente. A título de registro, trago a seguir: “Queremos rezar neste dia, também dedicado às almas benditas, de modo especial pelas almas de todos os capitães dos nossos antepassados da nossa congada e Irmandade, seu Pedro Alcino e a Dona Carlinda, nosso capitão Geraldo Dias e a sua esposa Dona Maria, nosso General e fundador do terno Gabriel Gustavo e a dona Alcídia, seu João do Nego e a Dona Rosalina, Geraldo “Prego” Arruda e a Dona Julieta, Zé do Gordo e a Dona Helena, seu João Coelho e esposa, Valdir Bibinha e a Dona Rosalia Alves, seu Vicente João Batista de Sousa Ranhão; por todos os membros do nosso reinado falecidos, saudoso rei Toizim e a Dona Carolina, rei Eurípedes e rainha Eloene, Tiãozinho, João Claudio, a Rosa, a Custódia, todos aqueles que um dia foram festeiros da nossa Festa do Rosário e já faleceram, por todas as almas daqueles que ainda hoje necessitam da nossa oração. De modo especial, por todos os negros e negras que um dia derramaram seu sangue em prol da nossa Festa”.

<sup>208</sup> As intenções dos terços são colocadas pelo capitão Diogo, na transmissão acima e na de 2021, disponível em: <<https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1914212372076410/>>.

<sup>209</sup> Não é a intenção inferir que a “consciência mundial” é uma consequência direta da pandemia. Trago esse elemento sobrepajante nas transmissões do Moçambique apenas por considerar que existe certa “afinidade eletiva” com a consciência mundial exaltada pela pandemia. Provavelmente a ideia do universalismo cristão já atravessada a religiosidade do terno e/ou do capitão antes desse período.

Viva São Benedito! Viva a Senhora do Rosário! Viva a Senhora de Fátima! Viva nossos pretos velhos! Viva todos os antepassados! Viva a Irmandade do Rosário! Viva o dia de hoje! Viva quem deu vida! (Diogo, na celebração referida, em 13 de maio de 2021).<sup>210</sup>

- 20 de novembro, *Dia da Consciência Negra*

Enquanto no 13 de maio o Moçambique Mamãe do Rosário através do terço – expressamente um ritual católico – agradece e saúda aos ancestrais congadeiros, faz pedidos a Nossa Senhora e São Benedito, no 20 de novembro a celebração e a reza acontecem através da música, da dança e do discurso, trazendo os elementos expressamente negros da congada. Nos dois eventos a luta antirracista é colocada em primeiro plano, junto da saudação e intenção aos ancestrais. Nos primeiros diante da figura dos pretos velhos, nos últimos reivindicando a memória de Zumbi dos Palmares, dos ancestrais congadeiros e das lutas e resistências negras.

20 de novembro é uma data que unifica o movimento negro e antirracista, pois dispensa os debates em torno do 13 de maio – lei da “falsa liberdade”, agência colonial – e coloca no centro a resistência e agência negra, na figura de Zumbi dos Palmares. É um dia celebrado em diversos espaços negros pelo Brasil. A Irmandade de Catalão fez em alguns anos eventos nesta data<sup>211</sup>, inclusive em 2021<sup>212</sup>, com missa, apresentação de capoeira, misturado das congadas da cidade e show de pagode – do qual o Moçambique Mamãe do Rosário participou, dispensando a celebração do terno, transmitida no ano anterior. Desde 2016 no perfil da Irmandade são publicadas fotos e textos informativos sobre o Dia da Consciência Negra, com a história de Zumbi e a necessidade da luta contra o racismo.

Nessa dinâmica, que tem lá sua ciclicidade, o Moçambique realizou em 2020 a comemoração, “ou melhor, a reza”, no 20 de novembro. Capitão Diogo abre a celebração com os seguintes dizeres: “É com muita alegria que nós, do Moçambique Mamãe do Rosário da cidade de Catalão Goiás, quer pedir licença para entrar na sua casa nesse dia de hoje através dessa *live* celebrando, comemorando, *rezando talvez melhor*, o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra”. Depois de cumprimentar toda a hierarquia da congada de Catalão – do

---

<sup>210</sup> Assim Diogo encerra o terço em homenagem aos pretos velhos de 2021.

<sup>211</sup> De exemplo, trazemos as chamadas de eventos, em 2015 e em 2017, disponíveis respectivamente nos links: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/pfbid02ofJfUFvhhBVLoPoybz1CxS6enpX2wL7dbf1ji1FHMUfub1UTbLkNUC1hj1b4NSMhl>; <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/pfbid02BKYSLmYQAEYNHZF418T4BgDi6puXzqgY2txjxPFpsueRTRoP6N8bWN8RoCvhpvTul>.

<sup>212</sup> A chamada para o evento está disponível em: <https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/pfbid0Drf41kRtGEE94q8XwPx2Gne3tZNBtx6jQTn2VwKz19tPA3sE4jzdFy7BZUADomzUl>

reinado aos dançadores –, até os “membros das irmandades do Rosário de todo o nosso Brasil ou até mesmo fora dele”, Diogo abre para a reflexão sobre o racismo e a nossa postura diante dele:

Será que hoje, nós como representantes da cultura do negro, temos o que comemorar? Será que nós temos muito o que celebrar, diante de tantas realidades tristes e cruéis? Como está a nossa vida de amor ao próximo? Como está a nossa vida de união? Como está a nossa vida de uma verdadeira irmandade? Zumbi dos Palmares morreu nessa data há muitos anos atrás, por isso esse dia como marco, o Dia da Consciência Negra. Zumbi morreu lutando pelos ideais da sua gente, lutando pelos ideais de liberdade. E que liberdade o nosso povo negro vive hoje? será que nós somos livres de verdade? Será que o negro não continua sendo escravizado, sendo injustiçado das mais variadas formas? (Diogo, na *live* referida, em 20 de novembro de 2020).

O capitão coloca personagens negras da congada de Catalão, citando-as nominalmente, a serem homenageadas no encontro transmitido. Após a oração do Pai Nosso, iniciam as cantorias, com o acompanhamento devido dos instrumentos do Moçambique. Aliás, as cantorias são a maior parte da transmissão, eventualmente interrompidas em momentos em que moçambiqueiros(as) vão à frente da câmera, que está fixa no altar todo o tempo, falar frases curtas com mensagens antirracistas. Esses são os únicos minutos em que vemos os dançadores na tela. Assim, uma data que não é propriamente religiosa, nesse caso é celebrada e rezada aos moldes congadeiros<sup>213</sup>, ao mesmo tempo em que é usada para denunciar o racismo enquanto desigualdade e violência, e sensibilizar os devotos (as mais de 2 mil pessoas que acompanharam a transmissão) para uma postura de questionamento e combate ao racismo.

... Eu sou africano  
Eu vim para o Brasil contra a vontade  
Trabalhar na escravidão  
De dia, de noite  
Sem poder ter liberdade ...

---

<sup>213</sup> Nos referimos à valorização dos ancestrais, da herança dos negros escravizados, da “cultura do negro”, como também às cantorias, instrumentos e cadenciado moçambiqueiro.

**Figura 33** - Print da *live* do Dia da Consciência Negra. Moçambique Mamãe do Rosário, 2020



Fonte: Perfil Facebook M. Do Rosário (2020)<sup>214</sup>

Acima, uma cantoria entoada pelos dançadores do Moçambique durante a celebração transmitida. Diferente das outras transmissões mencionadas aqui, nesta é o Matheus Alves, segundo capitão do terno, quem conduz as cantorias. Matheus, ao contrário de Diogo, é negro. A certa altura os capitães Matheus e Diogo vão à câmara e fazem um discurso sobre a história de violência racial do Brasil, citam o caso do “jovem negro João Alberto Silveira Freitas, espancado até a morte por seguranças do Carrefour em Porto Alegre” como “um ato revoltante” que “mostra a persistência da violência escravocrata no Brasil”. Matheus finaliza o discurso compartilhado:

Façam a reflexão, reveja suas atitudes. Preto é cor, negro é raça. Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra. Parem de nos matar. Não ao preconceito. Não à intolerância religiosa. Salve Zumbi. Salve Dandara. Salve todos os negros e negras do nosso Brasil e do mundo a fora.  
Negro, negro  
Negro de Angola  
Negro, negro  
Moçambiqueiro de Nossa Senhora

- “*Levantação*” das bandeiras

Se até agora só falamos do Moçambique, é que o Congo do “Prego” transmitiu quatro terços: o da “levantação” da bandeira nos dois anos, em 2021 o da descida da bandeira e encerramento da Festa e outro em comemoração aos 60 anos do terno. O dia da “levantação” das bandeiras<sup>215</sup> de cada terno é o único dos rituais aqui mencionados que se relaciona

<sup>214</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1774064036091245>>.

<sup>215</sup> E, por consequência, da descida das bandeiras.

diretamente com o calendário da Festa – sendo o início dela para os ternos; momento em que começam os ensaios. Arrisco<sup>216</sup> em trazer que pode ter sido o ritual dos ternos mais transmitido entre os de Catalão, muito por significar que o “tempo de Festa” começou.

A primeira transmissão do Congo do “Prego” foi o terço e a levantação da bandeira, em 9 de agosto de 2020. O encontro contou com mais de 20 pessoas que, segundo Fabinho, “é só a família de lá mesmo”<sup>217</sup>, a família Arruda mais próxima de Elzon, o capitão. Todas estavam de máscaras, com exceção das crianças menores. O terço aconteceu, como todos os rituais do terno, no quintal da família Arruda, onde tem uma mangueira embaixo da qual o terno foi fundado<sup>218</sup>. É a casa dos familiares mais antigos, como Edsônia Arruda, irmã de Elzon, e a sede do terno. Uma mulher que abre o terço, provavelmente uma das lideranças do terno, explica que é “o primeiro dia dessa nossa tradição que as nossas caixas silenciarão, para o bem maior, que é a saúde dos dançadores, bandeirinhas, familiares e moradores de toda nossa Catalão”. E deixa uma orientação que serve ao mesmo tempo de aviso: “respeitando e guardando a distância, vamos dar início ao nosso terço da família “Prego”.”<sup>219</sup>

**Figura 34** - Print da transmissão do terço da família Prego. 9 de agosto de 2020. Ao lado do altar, capitão Elzon Arruda



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Prego (2020)

<sup>216</sup> É uma percepção não apurada, apenas uma percepção. Apesar de acompanhar cotidianamente apenas os perfis do Moçambique Mamãe do Rosário e do Congo do “Prego”, visitava outros ternos e eventualmente eles visitam meu “feed” do Facebook, em especial quando realizavam transmissões ao vivo, em que o comentário ou a reação de um “amigo” adicionado trazia a transmissão até mim – fato que pode explicar essa minha percepção em algum nível.

<sup>217</sup> Em entrevista realizada por videochamada em 14 de fevereiro de 2022.

<sup>218</sup> Essa informação é trazida pelo dançador e sanfoneiro do Congo do “Prego”, “tio” Henrique, na live “60 anos de história e memória”, da qual falaremos mais na seção seguinte. A live está disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/4040732489347727>

<sup>219</sup> A transmissão completa do terço e da “levantação” da bandeira está disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/3372450002842649/>

A gravação foi feita provavelmente por um celular e acompanha a dinâmica do terço, enquadrando quem está conduzindo cada mistério do terço e depois o levantamento da bandeira, de forma que é possível visualizar todo o quintal dos Arruda e os parentes presentes. Como foi avisado, neste ano as caixas ficaram em silêncio, as cantorias do terço e da bandeira não foram acompanhadas de instrumentos, exceto por uma sanfona no momento de levantar a bandeira. Um dos mistérios do terço foi oferecido a todos os dançadores do “Prego” e a saúde dos mais velhos, citados nominalmente, o homem que oferece esse mistério completa:

E dizer que Nossa Senhora tá com a gente. Nós tamo louvando ela aqui, não vamo poder bater caixa pra ela, mas ela sabe que a gente tá fazendo esse terço em louvor a Ela. E pedir a ela que guarde-nos, que guarde nossa cidade, guarde o pessoal aí, pra não tá adoecendo, pra não tá morrendo, que a gente sabe que tá morrendo muita gente, com essa “pidemia” e pedir pra ela tirar isso do mundo. Não só daqui da nossa cidade, mas do mundo! Porque tá morrendo muita gente e... é só com ela, agarrar nela, pra gente vencer isso aí. A gente vai chorar muito porque tá chegando o dia dela... mas é ela que sabe, né, só ela que sabe, só ela e Deus que sabe. Então oferecer principalmente pra saúde do tio Elzon.

Ao que o próprio Elzon, capitão do terno, responde que “bater caixa é apenas uma cumprimentação” e o principal é “o que nós tamo fazendo aqui, é a oração que nós temo que ter por ela”. De forma a justificar o fato de não baterem caixa em 2020 em uma razão maior, mas essa razão maior não impede que continuem louvando Nossa Senhora, pelo contrário, é uma razão a mais para manter os rituais devocionais nos moldes religiosos já conhecidos.

... Oh Virgem Maria, como é lindo o seu olhar  
Oh Virgem Maria, como é lindo o seu olhar  
Oh Virgem Maria, nós queremos te louvar  
Oh Virgem Maria, nós queremos te louvar  
A bandeira do Rosário, ela sempre vai na frente  
A bandeira do Rosário, ela sempre vai na frente  
Abençoar toda a cidade e curar quem está doente  
Abençoar toda a cidade e curar quem está doente ...<sup>220</sup>

Se em 2020 as caixas silenciaram, em 2021 elas voltaram a tocar, ainda que em proporções muito distantes do que conhecemos. Na transmissão do terço que precede a “levantação” da bandeira em 2021, vemos dois caixeiros, um violeiro e um sanfoneiro acompanhando as cantorias. Como no do ano anterior, no segundo domingo de agosto foi

---

<sup>220</sup> Cantoria entoada enquanto a bandeira é hasteada.

realizado embaixo da mangueira histórica e a maioria das pessoas usam máscaras – quase todos ali são da família Arruda.

**Figura 35** - Print do terço de "levantação" da bandeira do Congo do "Prego". 8 de agosto de 2021



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Prego (2021)

A celebração do “Prego” foi maior no ritual de descida da bandeira, no último sábado da Festa – também prescindido de um terço. Tiveram mais caixas tocando e mais dançadores foram convidados a participar, inclusive Fabinho<sup>221</sup>, caixeiro que gentilmente nos concedeu entrevista e com quem mantemos contato. Apesar da conexão instável ter transformado a transmissão ao vivo em sete vídeos, é possível ver o quintal dos Arruda com decoração de balões nas cores do terno – azul e branco – e cadeiras dispostas.

**Figura 36** - Print do terço da família "Prego". 9 de outubro de 2021



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Prego (2021)

<sup>221</sup> “No ano passado [2021], eles levantaram a bandeira, a gente também não pôde ir. Mas na hora de descer eles já chamaram alguns dançadores que já podiam ir, tudo de máscara, distanciamento e tudo... Aí eu participei, fui...”. Fabinho em entrevista por videochamada, em 14 de fevereiro de 2022.

**Figura 37** - Print da descida da bandeira. Terno Congo do "Prego". 9 de outubro de 2021



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Prego (2021)

Entre agosto e outubro de 2021 muitas medidas de prevenção à Covid-19 foram ainda mais desgastadas no cotidiano de Catalão – e não menos do Brasil. Como dissemos, a Festa de 2021 foi vista como “mais amena” em relação à anterior, a celebração acima do Congo do “Prego” confirma essa percepção, uma vez que foi um terno que levou com bastante seriedade e rigor as regras de prevenção e os protocolos sanitários e da cidade, evitando encontros e reuniões<sup>222</sup>.

Ademais, uma forma encontrada para, parece-nos, compensar a falta de atividades do terno, devidamente justificada nas medidas de segurança da pandemia, foi a publicação diária no perfil do Facebook, durante os dias da Festa, de recordações de Festas passadas, de histórias do terno e dos capitães, lançando mão de fotos e pequenos vídeos. Com expressos sentimentos de nostalgia e esperança, essas publicações acabaram por contribuir com uma espécie de “acervo digital” do terno, além de reavivar a memória de dançadores e devotos<sup>223</sup>. Em tempo, vale registrar que o perfil do Congo do “Prego” faz publicações comemorativas em datas específicas: Dia das Mães, aniversário de Catalão, Natal, Ano Novo, Dia da Consciência Negra, dia de São Benedito, de Nossa Senhora do Rosário.

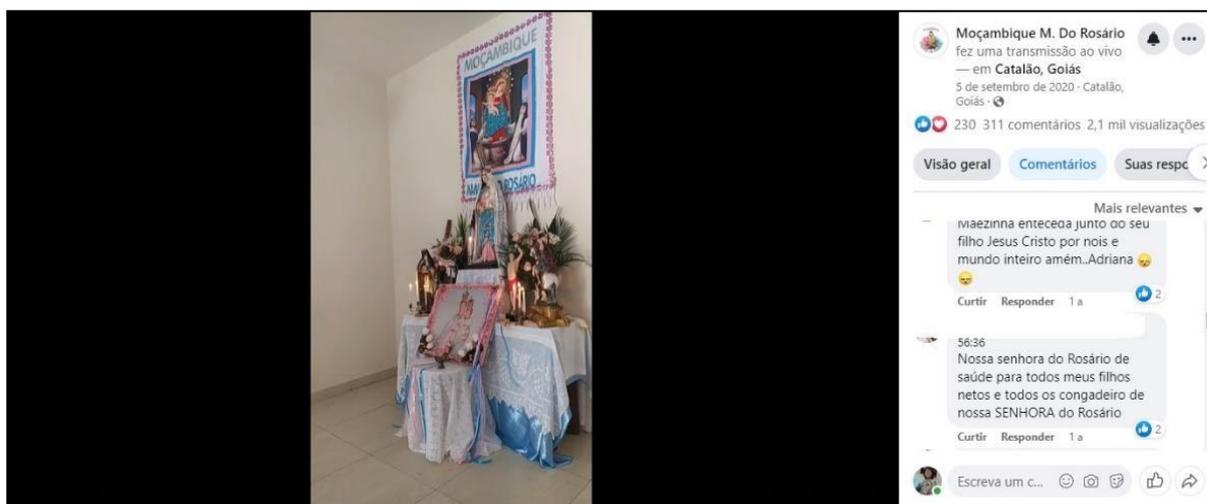
<sup>222</sup> “Assim, Mara, lá, meu tio que é o primeiro capitão, Elzon, ele é muito rigoroso e ele gosta de seguir as coisas à risca. Então quando entrou a pandemia, a gente não podia fazer nada. Os outros até faziam, no primeiro ano não, mas no segundo ano já fizeram reunião, levantou bandeira, bateram caixa... Nós, não!” Fabinho, caixeiro do Congo do “Prego”, em entrevista por videochamada, em 14 de fevereiro de 2022.

<sup>223</sup> Exemplos das publicações com memórias do terno e da Festa: em 2020 <https://www.facebook.com/ternodoprego/posts/pfbid02LDM1QrQ4Hxqk6UjDehqUnicc2ensR5UNuMgwG54QKLNq1ahQfu4h5bTMhzmzJMdh1>; em 2021 <https://www.facebook.com/ternodoprego/posts/pfbid0228bnuQ3DKcLwRA3nUekAgaLdLMx8E6WFnP2ErYqjgonAHmMdUSbVjxu7ctcA4Bp4l>.

O Moçambique Mamãe do Rosário em setembro de 2020 transmitiu o terço e a “levantação” da bandeira em um extenso ritual, realizado na sede do terno.<sup>224</sup> Com mais ou menos 10 dançadores presentes, dois vídeos totalizam 3 horas de transmissão. A “live” foi divulgada por diversos capitães da congada de outras cidades, em vídeos curtos publicados no perfil do Moçambique<sup>225</sup>. Essa ampla divulgação mostra tanto o relacionamento do terno com outras cidades, como a possibilidade de integração da congada dessas cidades através das redes sociais. Até 2019 era comum que ternos visitassem a Festa do Rosário (ou de São Benedito) para se apresentar<sup>226</sup>, as atividades online permitem a participação para além dos dias de Festa propriamente, tanto em eventos relacionados à Festa, como o caso da “levantação” da bandeira, como em eventos extraordinários, como as “lives” temáticas.

“Somos contas de um mesmo rosário” é como o capitão Diogo expressa a união entre congadeiros e irmandades que ultrapassa limites locais, é uma espécie de filiação tanto de fé como cultural. Ele cumprimenta nominalmente alguns deles na abertura do terço, “de perto e de longe”, e no encerramento da transmissão agradece a todos “que tiveram a paciência de rezar conosco, de cantar conosco, mesmo de longe”.

**Figura 38** - Print da transmissão do terço de levantamento da bandeira do Moçambique Mamãe do Rosário. 5 de setembro de 2020



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2020)

<sup>224</sup> A transmissão do terço e da levantamento da bandeira está disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1699885253509124/>

<sup>225</sup> Como exemplo, temos o capitão Malaquias, de Uberlândia (vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/pfbid035SGEFrhXBCNuju93vRFG1QGNmSkXcDUrNV963ZPCP8B9g1SF84z4EXuFCdhfKEQzl>) e o capitão Matheus Duarte, de Ituiutaba (vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/pfbid02ViRK3Wnpr4GsykH32MTmnR82aQyKwHwkq8eRkQVeKUfth14ZLdn9a9hf7TjxCe3l>).

<sup>226</sup> As visitas dos ternos a outras Festas de santo da congada voltaram a acontecer em 2022.

Durante o terço, a câmera permanece fixa no altar, como mostra a imagem acima de captura da tela, onde tem velas, flores, a bandeira a ser hasteada e as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Jorge, São Sebastião, São Benedito, Santa Efigênia – o que nos parece o panteão principal do terno. Terminado o terço, a câmera acompanha os capitães e dançadores que entre cantorias vão à porta da sede do terno, saudar e hastear a bandeira. Ao longo da transmissão é perceptível o esforço dos capitães em manter a máscara no rosto, apesar da dificuldade em cantar e apitar com ela. Apenas um ou dois presentes não ficam todo o tempo do ritual de máscara.

**Figura 39** - Print do levantamento da bandeira do Moçambique Mamãe do Rosário. 5 de setembro de 2020



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2020)

Se em 2020 a “levantação” da bandeira do terno foi bem pensada para ser transmitida, compartilhada com congadeiros e devotos de muitos lugares, no ano seguinte não tivemos o mesmo acesso online. Em 2021 o Moçambique Mamãe do Rosário comemorou 70 anos de sua fundação, o terço e o “tradicional levantamento da bandeira” fizeram parte da programação de aniversário.

**Figura 40** - Programação de aniversário. Moçambique Mamãe do Rosário, 2021



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2021)<sup>227</sup>

Apesar da programação ter sido divulgada no perfil do terno com sugestão de ser transmitida, este ritual não o foi – ou, ao menos, não ficou gravado, como ficou a *live* comemorativa. Porém o fotógrafo Lucas Machado, o mesmo que lançou o livro com imagens e depoimentos da Festa do Rosário de 2020, registrou o levantamento da bandeira em uma série de fotos, publicadas no perfil do Moçambique.

**Figura 41** - Levantamento da bandeira. Moçambique Mamãe do Rosário, Catalão, 2021



Fonte: Machado (2021)

<sup>227</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1988179831346330&set=a.109813212516344>>.

### 3.3. As “lives” dos ternos

Em 2020 assistimos a uma explosão de *lives*. Na impossibilidade de realização de shows, atividades culturais, cursos livres ou vinculados a instituições, vimos em diversas plataformas uma expansão inédita de encontros síncronos dos mais variados gêneros. As transmissões nas quais nos detivemos na seção anterior estão inseridas nessa dinâmica mundial, com características particulares do Brasil, da cultura popular, do catolicismo “poroso”<sup>228</sup>. No nosso universo aqui, em 2021, tivemos três<sup>229</sup> “*lives* temáticas”, uma categoria muito específica que não se confunde com aquelas acima. Apesar das categorias criadas aqui não serem tão exatas<sup>230</sup>, elas correspondem a critérios que podem nos facilitar na compreensão dos movimentos digitais desses congadeiros.

Essas *lives* não são eventos propriamente religiosos ou cíclicos, ainda que esteja nelas transparente a religiosidade congadeira; podemos pensá-los mais “culturais” segundo a terminologia “nativa”, à semelhança dos eventos cunhados como “noite cultural”. Ainda que possam ter pequenas rezas, pedidos de bênção ou o introdutório “salve o Rosário!”, o objetivo das *lives* é um bate papo, é contar histórias, divulgar e registrar a cultura da congada e de cada um dos dois ternos. Relacionadas sobretudo à lei Aldir Blanc<sup>231</sup> e a comemoração dos decenários dos ternos, as “*lives* temáticas” têm fundamentos quase didáticos, através da oralidade, da contação, (re)escreve histórias, sejam da congada, da cidade ou do terno.

- *Congo do “Prego”*

O Congo do “Prego” realizou sua *live* no começo de abril de 2021, em razão da comemoração de 60 anos do terno e em contrapartida à lei Aldir Blanc<sup>232</sup>. Durante uma hora de transmissão, o capitão seu Elzon conta histórias vividas ou ouvidas de seu pai, e o sanfoneiro

---

<sup>228</sup> Sanchis (1994, 2008).

<sup>229</sup> Foram três realizadas pelos ternos em tela, mas temos conhecimento de *lives* de outros ternos de Catalão.

<sup>230</sup> Falaremos adiante sobre dois rituais transmitidos que apontam a imprecisão das nossas categorias: o Dia da Consciência Negra e a *live* de levantamento da bandeira, ambos realizados pelo Moçambique.

<sup>231</sup> Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, prorrogada pela lei nº 14.150 (2021), a Lei Aldir Blanc “dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas em decorrência dos efeitos econômicos e sociais da pandemia da Covid-19”, em que os repasses foram feitos pelos municípios. Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2021/Lei/L14150.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/Lei/L14150.htm#art1)

<sup>232</sup> A gravação da “live” está disponível em: <https://www.facebook.com/ternodoprego/videos/4040732489347727>

Henrique<sup>233</sup> faz a abertura da *live*, encaminha algumas perguntas ao capitão e tece comentários sobre sua experiência no terno. Henrique diz que

[...] só quem tá dentro de um terno de congo sabe a energia que tem quando o capitão apita e começa a bater. A Festa pra nós não é só em outubro, a festa é o ano todo. E a festa realmente começa pra nós quando a gente levanta o mastro em agosto e encerra em outubro (Henrique, na live referida, em abril de 2021).

**Figura 42 - Divulgação da "live" de 60 anos do terno Congo do "Prego"**



Fonte: Página Facebook Terno De Congo Prego (2021)

Após agradecer Nossa Senhora do Rosário e pedir que “nos proteja e nos livre dessa pandemia”, Henrique introduz com um resumo da história do terno, a ser esmiuçada por seu Elzon:

Em maio, o mais tradicional terno de congo de Catalão completa 60 anos. Fundado pelo senhor Geraldo Arruda, carinhosamente chamado de “Prego”, o terno azul e branco louva Nossa Senhora do Rosário *embaixo dessa mangueira* onde nós estamos aqui e também pelas ruas da nossa cidade de Catalão. A base de toda essa história é a família Arruda, parentes e milhares amigos. Já estamos na terceira geração de capitães e estamos formando agora a quarta geração, para que essa tradição nunca se acabe. (Henrique, na live referida, em abril de 2021).

<sup>233</sup> Henrique é mais conhecido como “tio” Henrique, dentro e fora da congada, pelo fato de ser professor de música em diversas escolas da cidade.

Figura 43 - Print da "live" realizada pelo Congo do "Prego", em 4 de abril de 2021



Fonte: Página Facebook Terno Do Congo Do Prego (2021)

A mangueira, a qual se refere Henrique, pode ser vista na captura de tela acima – e durante todo o tempo da transmissão. Uma árvore que acompanha (e conta) a história do “Prego” e contracena com os dançadores na *live*, como que assentindo com as informações e lembranças trazidas por seu Elzon. É no quintal da família Arruda, sede do terno e onde são realizados os terços, “levantação” da bandeira, ensaios, reuniões do terno e os almoços<sup>234</sup> durante a Festa. Na mesa atrás dos dois estão dispostos os instrumentos do terno e a farda, à frente da mesa estão os bastões dos capitães. Ao lado de Elzon, o estandarte do terno e a mangueira decorada com balões nas cores do terno, cores estas escolhidas por Geraldo Arruda, pai de Elzon, que “tirou a cor do manto de Nossa Senhora do Rosário”.

Meu pai começou com 12 anos. E as pessoas que sabem disso já morreram, e deixou essa história pra trás. Ninguém hoje dentro de Catalão sabe que a Festa do Rosário começou nessa rua aqui, com 3 terno, 2 terno de Congo e um de Moçambique. Rua da Capoeira, rua da bananeira e agora rua dos Preto. A família do meu pai e da minha mãe morava tudo aqui. O terno do prego veio de outro terno. O local que meu pai ensaiava era lá de frente aquela praça da casa da minha tia, mas tinha um mangueiral igual esse. Um terno de congo era do primo primeiro da minha mãe e o outro meu pai pegou com 12 anos do Mané Furtado, que passou pra ele. E o primeiro general que ninguém sabe era o tio da minha mãe, Basílio. Naquela época chamava capitão geral, não era general não, era capitão geral. *A minha família construiu essa Festa*. Era dois pau pra atravessar do “corgo” pra cá, quando o “corgo” enchia, enquanto não esvaziava não passava. Pra ir pra Igreja, todo mundo tinha que atravessar aqui. Aqui era uma rua ruim, casinha de pau a pique, povo muito pobre. Aqui dentro desse terreiro meu pai foi festeiro. Essa rua aqui não valia nada, mas era o trânsito do povo pra ir na Festa de São João, que era uma festa muito grande. Esses três terno rezava terço nas casas aqui. *Eu sei por que meu pai contava e eu ouvia*. (Elzon, na *live* referida, em abril de 2021).

O capitão abre sua fala como quem abre o livro da história da congada de Catalão, escrito com a voz de seu pai acrescida às suas lembranças. Apesar do terno do “Prego” não

<sup>234</sup> Vale lembrar que durante os dois anos em questão os ensaios, reuniões e almoços ficaram suspensos.

existir desde o começo da Festa do Rosário, a família Arruda existia e conduzia os ternos e a Festa, no começo realizada nas casas ali na rua da Capoeira. Daí em diante conta da construção da Igreja Velha Matriz e a transferência da Festa para lá, da vinda de um pessoal de Paracatu, outros de “Minas”. Depois que esta igreja caiu, pois “era de adobe”, seu Elzon conta a mesma história que Aldanice nos contou sobre a construção da atual Igreja do Rosário:

[...] seu Eneias Fonseca doou aquele chão, que ali era só cerrado, tinha cidade não, era só cerrado. Aí o pessoal da irmandade foi construir aquela igreja ali pra Irmandade do Rosário. O pessoal tudo de mutirão, os dançador da época dia de domingo ia pra lá, fazia mutirão, o povo ajudava, até construir aquela igreja. (Elzon, na *live* referida, em abril de 2021).

Com certa nostalgia, o capitão lembra que “todo dançador daquela época vinha era pelo voto” ou dele mesmo ou de alguém da família, especialmente a mãe. “Minha vó deu meu pai a dona Nossa Senhora do Rosário pra dançar enquanto vida ele tivesse”, ele nos conta. Além do voto e, portanto, do compromisso com a fé como centro da vida do congadeiro, “o pessoal da época era muito unido, era pouco terno, mas era uma união que só”, um exemplo é que quando seu pai, Geraldo Arruda, adoeceu “o pessoal vinha pra cá e ficava contando caso”. De “união” logo seu Elzon chega em “família”, “porque nós aqui é a força da família, um faz uma coisa, outro faz outra, outro faz outra, e tudo com a maior a alegria”, para explicar que para o capitão “tocar um terno” ele precisa da força da família, ou “a força pelo menos da mulher”.

Entre fotos antigas que Henrique aponta para a câmera, seu Elzon segue contando sobre a vida de seu pai, que ele escrevia as músicas e tem até hoje um caderno com elas anotadas. Que no tempo de Geraldo Arruda tinha “uma obediência muito grande” dos dançadores, “uma ordem, uma disciplina” colocada pelo capitão. Ele lamenta que hoje “tem gente que quer vim e só pra participar, não tem obediência, não tem nada. E isso mudou muito dentro da história do congado.” Outra coisa que mudou é a relação do festeiro com a Festa, que “antigamente eles fazia os trem tudo lá na casa deles. E outra coisa, quando passava a festa desse pessoal, eles sentia responsável pela festa, eles não largava, não”, “antes o povo era agarrado. Hoje o povo não é agarrado com essa Festa igual o povo que já se foi. Eles tinha prazer de passar a ser Festeiro”, e novamente a nostalgia se faz presente na voz do capitão.

Seu Elzon fala ainda que o repertório é repentino, ou seja, cada situação demanda uma música certa, procissão, visita, diante de uma autoridade, “cê tem que criar uma música repentina na hora. Mas tem as tradicionais também”. As tradicionais então seriam aquelas que sempre são tocadas, de abertura, de fechamento, de saudação da bandeira. O capitão compartilha com os expectadores a experiência de ida dos congadeiros de Catalão para desfilar

na Sapucaí, “entrar ali na Marques de Sapucaí, não é pra qualquer um, não”, ele fala enquanto exhibe a foto dos dançadores no sambódromo.

Quase ao final do bate-papo a Irmã de Elzon, Edisônia, traz uma contribuição muito interessante em relação à pandemia e aos “avisos de Nossa Senhora”.

Em 2019, os terno tava vindo tudo aqui visitar. Quando meu pai [Geraldo Arruda] morreu, os outros terno veio tudo visitar ele. E agora, nesse ano que foi o último ano, eles vieram tudo dançar aqui. E nós falava "o que que vai acontecer?", nós pensava que ia morrer alguém, né. Porque era uma despedida. Ver o Catupé do Carlím, o Catupé do Biguiu. Os terno chegando aqui, e foi aquele trem. Quando meu pai foi pra morrer, eles vieram visitar meu pai. Ai eu pensava "vai morrer, nós vai morrer", então era... Tava despedindo. *Nossa Senhora que tava falando que ia acontecer alguma coisa. Parece que Nossa Senhora avisa, vai acontecer.* Ela dá um aviso pra nós. Agora eu fico falando pro povo, pros dançador, "vamo, joelha pra Nossa Senhora, pede pra ela pra ela tirar essa “pidimia”, essa doença". Fazer uma oração, pra nós rezar, pra nós fazer nossa festa. Se Deus quiser, ela vai livrar nós. (Edisônia, na *live* referida, em abril de 2021).

A fala de Edisônia expressa o poder confiado a Nossa Senhora, que é tanto de avisar que algo de ruim vai acontecer, como de nos livrar dos infortúnios, por isso é necessário rezar, estar em sintonia com ela. A *live* é encerrada após algumas músicas conduzidas por Elzon e entoadas pelas poucas pessoas presentes, acompanhadas da sanfona do “tio” Henrique.

... Eu sou da congregação  
Oi da Virgem Maria  
Da congregação nós somo  
Oi da Virgem Maria  
Debaixo dessa mangueira  
Quero levantar poeira ...

Ao final da transmissão é possível que, mesmo uma pessoa que não conheça tanto a congada ou o Congo do “Prego”, aprenda sobre sua história e seus fundamentos importantes: a devoção à Nossa Senhora, a força da família, da união e da colaboração, o “contar histórias” como um meio de preservá-las, a autoridade dos mais velhos nessa contação. Ainda percebemos fragmentos da forma como o terno encarou e viveu a pandemia. O silêncio das caixas, mantido praticamente durante os dois anos<sup>235</sup>, é um meio de resguardo, de proteção e seguir aos protocolos sanitários, mas também é um luto, que coloca como ainda mais necessária a oração e a devoção, afinal, essa é a parte mais importante, segundo Elzon.

---

<sup>235</sup> A exceção foi o momento de descida da bandeira, em 2021.

- *Moçambique Mamãe do Rosário*

O Moçambique “do Diogo”<sup>236</sup> fez duas *lives* em 2021. A primeira é a contrapartida do terno ao auxílio referente à lei Aldir Blanc e a segunda faz parte da programação de celebração dos 70 anos de fundação do Moçambique Mamãe do Rosário. A live “contos, cantos, rezas e encantos”<sup>237</sup> era antes o projeto de “uma grande noite cultural com a presença de todos os componentes do terno, juntamente com amigos, familiares e simpatizantes”. “Mas devido a pandemia covid19 faremos uma live com um número bem reduzido de participantes cumprindo com todos os cuidados obrigatórios”<sup>238</sup>. É inclusive devido à pandemia que a *live* foi adiada. Inicialmente pensada para ser dia 26 de janeiro, foi cancelada nesta data em razão de um decreto da prefeitura de Catalão que inviabilizava o encontro mesmo que reduzido. Foi transferida para o dia 3 de março.

**Figura 44** - Divulgação da *live* do Moçambique Mamãe do Rosário



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2021)

<sup>236</sup> Entre os(as) congadeiros(as) é comum se referir aos ternos como sendo do primeiro capitão. Inclusive o Congo do “Prego” leva esse nome porque um dia foi do “Prego”, apelido de seu Geraldo Arruda, o fundador.

<sup>237</sup> Transmissão da “live” disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1856741794490135/>

<sup>238</sup> Motivos explicados pelo capitão Diogo durante a *live* e escrito na publicação de divulgação, disponível em: Publicado no perfil do Moçambique. Disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/posts/1839846746179640>

O encontro aconteceu na sede do terno, também casa de Diogo, chamada por ele como “nosso espaço cultural”. Com seis dançadores homens, entre eles três capitães (além de Diogo, Matheus Alves e Clayton), “para representar cada um dos membros do nosso terno”, a “live” é aberta com uma reza cantada. Diogo explica que o objetivo da live é “apresentar um pouquinho da nossa história, um pouquinho da nossa fé, um pouquinho da nossa cantoria, um pouquinho do que é Moçambique Mamãe do Rosário e a nossa oração”.

O altar começa coberto com um pano roxo e a sua frente instrumentos do terno e os bastões dos capitães. Diogo explica: “aqui em Catalão, dentro da nossa congada, nós temos o ensinamento dos mais velhos que não se bate caixa, que não se dança congo dentro do período da quaresma”. Em seguida pede licença a Jesus. “Nós queremos, através desse momento de oração, *pedir licença a Jesus, o nosso senhor e mestre*, para podermos, através desse momento, *quebrarmos aí o protocolo* e fazermos essa live”. Enquanto fazem a oração, o altar é descoberto e um castiçal com três velas é colocado junto às imagens dos santos de devoção do terno.

Ao iniciar a conversa, Diogo pede licença aos “irmãos que estão de máscara” (todos estão) para tirar a sua, por conta da provável dificuldade em escutá-lo ou de sua própria dificuldade em falar de máscara. O capitão fala do prazer que é falar da Festa do Rosário, da congada, do “nosso Moçambique” como algo que lhe enche o coração. E completa: “dentro desse momento de pandemia de covid-19 mais ainda o nosso coração fica apertado, porque infelizmente desde o ano passado nós não podemos de fato fazer acontecer a nossa Festa, a nossa dança e nosso louvor à Virgem do Rosário”.

No primeiro momento do Moçambique Mamãe do Rosário, fundado por Gabriel Gustavo da Silva em 1951, ele era diferenciado do outro Moçambique que já existia na cidade como o “Moçambique dos solteiros” e o outro era o dos casados, nomenclatura que se manteve por muitos anos, segundo Diogo. À época, as mulheres não poderiam participar “da dança dos homens”, apesar de fazerem grande parte do trabalho dos “bastidores”; apenas em algum momento as meninas virgens puderam ser bandeirinhas<sup>239</sup>. Mas... “o tempo vai passando, a modernidade vai chegando... não que há quebra de tradições, mas são dados novos valores para estas questões que muito pouco diferenciaram para todos os nós”. Dessa forma, Diogo não vê como um problema a inserção das mulheres na congada, inclusive como capitãs; ao contrário,

---

<sup>239</sup> Se o leitor se recorda, Aldanice, capitã do Mariarte, nos contou que sua mãe foi a primeira bandeirinha de Catalão.

reconhece como unidade “com um mesmo propósito, com todo respeito, com toda fé que é louvar à Senhora do Rosário”.

A partir daí, Diogo se põe a contar sobre os instrumentos e o fardamento do terno. Capitão Clayton explica sobre o processo de fabricação das caixas, “instrumentos-base” da congada, pois marca o batido, a melodia, o tom. O processo é todo artesanal, todos os instrumentos o são<sup>240</sup>, mas as caixas demandam certo tempo, trabalho e o sol. “Sem sol não dá pra fazer caixa”, diz o capitão Clayton. Primeiro precisa encontrar o couro de bovino, em açougue ou frigorífico, deve ter cuidado para escolher o couro, pois não pode ser muito grosso nem estar furado; depois tem de limpar o couro, tratá-lo e então esticá-lo ao sol por mais de uma semana. Antigamente era necessário buscar cipó d’água no mato e finalizar as caixas com madeira, mas hoje lata e parafuso podem substituir.

O capitão Matheus nos conta então sobre as patagongas e as gungas. Patagongas são os dois pratos de alumínio cheios de chumbinho ou sementes, as gungas são os instrumentos que vão nos tornozelos e canelas. Matheus resume poeticamente a utilização desses dois como “antes [durante o período da escravidão] era instrumento de dor, hoje é instrumento de louvor”. É uma forma de manter viva a memória dos que foram escravizados, ressignificada em devoção, mas sem esquecer as lamúrias e sofrimentos que passaram.

Essa memória é mantida também através das histórias sobre as vestimentas. Diogo reconta uma que ouviu que de “grandes mestres, amigos e irmãos” sobre o uso do saiote e do turbante pelos moçambiqueiros:

Achei muito pertinente e até me emocionei quando ouvi a história, porque diz o seguinte: naquele tempo os negros escravos viviam nas grandes fazendas para o trabalho, quando o comprador de escravos chegava na fazenda, logicamente o comprador queria os negros escravos mais fortes, os homens principalmente, porque ele tava levando pra ele algo que iria lhe trazer retorno, ia trabalhar mais, produzir mais e assim ele estaria adquirindo mais riqueza. Então os homens eram os mais procurados. Mas esses homens não queriam se separar de suas esposas e seus filhos. Na hora que os escravos todos eram colocados no pátio da grande fazenda para a escolha, era olhado os dentes, as canelas, o porte físico do negro. O negro escravo, na sua sabedoria, acredito eu na sua sabedoria divina, colocava os saiotes, colocava os turbantes na cabeça e muitas vezes até as argolas, os brincos na orelha, tentando ludibriar o comprador para que assim eles não fossem escolhidos, não fossem separados de suas famílias. (Diogo, na live referida, em março de 2021).

Já as faixas cruzadas é uma forma de defesa, “o corpo está fechado a qualquer adversidade que porventura venha fazer parte do terno, daquele corpo membro do

---

<sup>240</sup> Vale apontar que a confecção dos instrumentos faz parte de um saber-fazer congadeiro que é aprendido através dos mais velhos e passado para as novas gerações.

Moçambique”, ele diz. A memória do cativo é expressamente retomada quando o primeiro capitão faz “um paralelo” entre a pandemia e a história do “nosso povo negro”.

Hoje muitas vezes nos vemos dentro de um cativo, fechados, enclausurados, não podemos sair, não podemos realizar as nossas vontades, muito menos expressar. Não podemos fazer a nossa dança como gostaríamos, não podemos fazer os nossos cortejos, não podemos buscar nosso rei, nossa rainha, nossos príncipes, nossos guardas-coroa e também a nossa coroa. Mas, assim como os negros, assim como todos aqueles que um dia sofreram e lutaram, eu tenho certeza que alcançaram vitórias, nós também enquanto homens, mulheres, continuaremos nessa luta de fé, nessa luta de esperança por dias melhores, na esperança de curas, na esperança de libertações, de um povo que chora, que reza, mas que canta! E que jamais abandona a sua fé. (Diogo, na live referida, em março de 2021).

**Figura 45** - Print da "live" do Moçambique Mamãe do Rosário. 3 de março de 2021



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2021)

Nesse caso a alusão à escravidão traz o exemplo daqueles que resistiram na fé, na reza e no canto para que hoje também se continue a luta, a manter viva a esperança por dias melhores, curas e libertação. Diogo ainda conta que o “carro chefe” são as canções e elas remetem a uma diversidade de significados no universo congadeiro: a Nossa Senhora, “ao nosso povo negro”, ao cativo, fazem lembrar da mãe África, do folclore brasileiro. E em seguida a “live” se torna uma cantoria de 30 minutos, em que os moçambiqueiros nos trazem canções que exemplificam todos os pontos levantados por Diogo. Por fim, agradece ao Governo Federal e à prefeitura de Catalão, o primeiro pela lei Aldir Blanc e a segunda pela viabilização da verba, “foi de grande valia para a manutenção dos nossos espaços culturais”. E faz uma oração, seguida de uma prece cantada, às irmandades que estão de luto e aos irmãos que estão em recuperação da covid-19:

[...] que Jesus seja a nossa cura, que Jesus seja a nossa libertação e a providência de mais vacinas para nosso povo; que Nossa Senhora com seu rosário na mão, que São Benedito, Santa Efigênia, meu São Jorge guerreiro e nosso mártir São Sebastião, assim como todos os santos da nossa guia e devoção possam ser a nossa defesa, a defesa de cada um de nós aqui, a defesa de todos vocês nos acompanham, a defesa de todos os nossos familiares.

Novamente a fé é a saída, a esperança, a cura; a expressão da fé, a realização dos rituais é, portanto, uma forma de luta. Instrumentos um a um dispostos à frente do altar, um Pai Nosso é rezado e o pano roxo volta a cobri-lo. Mas antes, os últimos versos pedindo perdão a Jesus, por ter quebrado o protocolo e batido caixa durante a quaresma.

... A quaresma é tempo santo, período de conversão  
A quaresma é tempo santo, período de conversão  
Perdão, Jesus, perdão, pedimos reconciliação  
Perdão, Jesus, perdão, pedimos reconciliação ...

A segunda *live* do Moçambique é aquela que foi mencionada como parte das comemorações do sétimo decenário do terno<sup>241</sup>. No mesmo lugar em que fora realizada a primeira, mas com participações especiais: os Generais Laudemiro e Eduardo Camilo, e Paulinho, dançador que é sobrinho de seu Geraldo Dias, além dos três capitães. Laudemiro ou Dimiro<sup>242</sup> é filho de seu Gabriel Gustavo, fundador do terno. Ele junto de Paulinho relembra os primeiros momentos desse Moçambique, apresenta a “sonfona” que era usada pelo tio Juventino, a primeira sanfona do terno – doada hoje para a sede do Moçambique. Na verdade a sanfona era do avô de Dimiro (do pai de seu Gabriel) antes de ser passada para o tio Juventino, “tem uma história muito grande”.

**Figura 46** - Print da "live" em comemoração aos 70 anos do Moçambique Mamãe do Rosário. 20 de agosto de 2021



Fonte: Página Facebook Moçambique M. Do Rosário (2021)

<sup>241</sup> Transmissão da “live” disponível em: <https://www.facebook.com/mocambique.dorosario/videos/1010228646379693>

<sup>242</sup> Doravante Laudemiro será escrito como “Dimiro”, como é chamado pelos seus irmãos do Moçambique”

A dinâmica da “live” é um bate-papo com o objetivo de trazer a memória das origens do terno, de saudar os antepassados que o conduziram, registrar e relembrar histórias. É iniciada “como tudo é feito nesse terno, através da oração”. Após a reza, General Dimiro conta sobre seu pai e o começo do tempo, que era todo mundo da família. Alguns capitães ajudaram seu Gabriel na condução do terno, “o Zezito, depois o Carlinho, depois do Wiliam”. Comentam depois sobre as bandeirinhas, “todas suas tias” e Diogo destaca o fato de que todas têm nomes que começam com “Maria”.

Eles falam sobre seu Geraldo Dias, que foi capitão depois de seu Gabriel. Paulinho, sobrinho de Geraldo, conta que ele era patagongueiro em outro terno, que era “um cara bastante criativo, apesar de ser analfabeto, não sabia nem ler nem escrever, mas tinha facilidade de criar versos, de cantar”. Seu Gabriel sai do comando no terno apenas quando se torna General. “Aí quando o ti Gabriel assumiu o posto de General, ti Gabriel convidou ele pra assumir o terno no lugar dele”, conta Paulinho. Foi, portanto, Geraldo Dias o mestre de Diogo, que o convidou para ajudá-lo na condução do terno dois anos antes de falecer.

“Nossa Senhora prepara as coisas direitinho” eles comentam da entrada de Diogo no Moçambique como mais uma intercessão divina. Apesar de ser branco – o que era uma novidade entre os capitães de Moçambique – e de ser “oriundo” de catupé, Diogo surpreendeu a todos ali presentes e hoje é “motivo de orgulho” dos mais velhos, da família fundadora do terno. Na verdade, um fato interessante sobre o Moçambique Mamãe do Rosário, do qual eles falam com muita curiosidade, é que os quatro capitães são “oriundos” de ternos que não são Moçambique. Diogo veio do catupé e os demais de congo.

Entre histórias, memórias, risadas e emoções, quase duas horas do encontro foi transmitido para aproximadamente 1,7 mil pessoas. Os números de “engajamento” das transmissões do Moçambique apontam um público muito amplo e provavelmente diverso, que extrapola os limites de Catalão, fazendo uma ponte entre a manifestação da “identidade congadeira” em seus rituais e os lugares em que os vídeos são reproduzidos – ao vivo ou posteriormente.

### **3.4. “Missão cumprida” e as ausências**

A Festa que “não teve”<sup>243</sup>, mas que teve; a “missão cumprida” mas que ficou “pelas metades”; as noites culturais que foram “lives”. O acionamento dos recursos disponíveis, como

---

<sup>243</sup> Em alusão ao tema “Não tem Festa, mas tem fé e devoção”.

as redes sociais e as transmissões, os símbolos sagrados e os cronogramas rituais, os(as) congadeiros(as) de Catalão puderam com exímia criatividade recriar os encontros entre devotos e com o sagrado, através de uma espécie de subversão online do distanciamento offline necessário. Ademais, pelo momento de crise extrema, o repertório simbólico do catolicismo pôde “ativar dispositivos de alívio e consolo perante o imponderável que uma peste ou pandemia possam trazer” (CARRANZA, 2020, p. 122). Mas não sem ausências.

O catolicismo que vive (e é vivido) na congada é um catolicismo misturado com religiosidades e “elementos culturais” dos quais o corpo é imprescindível, em que a rua e o encontro compõem o próprio sagrado. De forma que a “efervescência” durkheimiana se faz com o batuque das caixas, o suor, o encontro na rua, as memórias, as cores, as cantorias, a comensalidade, as saudações entre capitães. É a maior saudade expressa nesses dois anos – a “parte folclórica”, que para os(as) congadeiros(as) é profundamente religiosa. Ademais, os rituais católicos – “parte religiosa” – couberam nos ambientes digitais e puderam “cumprir a missão”, ainda que de forma diferente do que estão acostumados, pôde renovar os votos com a Senhora do Rosário e ainda trazer esperança, consolo, alento, além de manter os laços entre devotos e com a Santa.

As *lives* também compuseram a experiência congadeira durante a pandemia, através de encontros comemorativos, mas não por isso menos religiosos. Com as *lives* os ternos mantiveram-se ativos e ainda puderam publicizar saberes da história dos ternos e da congada, dos fundamentos religiosos e concepções. Além ficar registrado nas redes sociais, o compartilhamento desses saberes ganha alcance que vai para além daquele possível com os encontros presenciais e não registrados; alcance próprio da característica pública das plataformas digitais.

Tudo isso foi vivido de forma heterogênea, como é a congada. Tanto entre dançadores como entre ternos. O Mariarte teve poucos e restritos encontros, nenhum transmitido. O Congo do “Prego” teve poucos e restritos encontros, porém quatro deles transmitidos. O Moçambique Mamãe do Rosário teve diversos encontros, a maioria restritos e muitos deles transmitidos. Para além da quantidade, percebemos que os dois primeiros acionam exclusivamente os elementos católicos (do catolicismo popular), ainda que vejamos os elementos afro-brasileiros inescapáveis à congada.

Se colocamos anteriormente que estes elementos acabam sendo assumidos na categoria “cultura”, vimos com as transmissões e *lives* do Moçambique que a diversidade entre os ternos complexifica um pouco isso. Algumas ações e acionamentos do terno, como o terço em

homenagem aos pretos velhos, os pontos cantados para Ogum e Iemanjá, utilizam categorias e símbolos afro-brasileiros inegavelmente religiosos. Se são colocados na chave da “cultura”, então essa é uma “cultura enquanto religiosa”, como colocado por Sanchis (2008, p. 88), “já que está em jogo uma concepção de Deus e do gênero de relação que o homem deve cultivar em relação a ele”.

Deslizando por categorias aparentemente opostas, percebemos junto os(as) congadeiros(as) de Catalão como, ao contrário do que pude supor, não estão em lados opostos, mas através das suas complexidades, geram diversidade e espaço para a criatividade e (re)invenção da tradição e dos ritos, que foram tão necessárias no momento de condições extremas dos dois anos em tela. Não ousou negar os conflitos que a história firmou ou afirmar que diversidade e criatividade seja sinônimo de harmonia. Ao contrário, trouxemos ao longo do trabalho conflitos e disputas históricas e contemporâneas, pois elas também compõem a “Festa de união” que é a congada.

#### 4. CONCLUSÃO

Uma vista panorâmica do trabalho até aqui me aponta três eixos. “Até aqui” pois subsiste inconclusões quanto às consequências das (re)invenções feitas, sobre as quais trabalhamos. Em 2022 a “parte folclórica” vai ter toda, a “parte social” também, com centenas de “barraquinhas”<sup>244</sup>. Assim não é possível saber se as transmissões serão mantidas, se a audiência dos perfis dos ternos e da Irmandade tende a se manter, como foi nos últimos anos, nem quais os efeitos que duas Festas em “modo online” puderam ter causado, a médio prazo, na tradicional Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, para além daqueles que já sentimos, de saudade.

De qualquer maneira, o que temos aqui me parece um movimento triplo e entrelaçado. O primeiro é a exposição da “tradição” enquanto categoria adaptável, que respeita e saúda o passado enquanto história e antepassados, “o que nos trouxe até aqui”, mas não se cerra nele. Ao contrário, se coloca em diálogo com a realidade para a manutenção mesma do que é tradicional.

O segundo é a revelação da possibilidade da experiência religiosa através do digital, não de um modo geral, posto que as tecnologias de comunicação já são usadas há décadas para a criação de experiências religiosas. Mas de maneira situada na Festa do Rosário e na congada de Catalão, enquanto uma novidade inventiva e compartilhada por outras festas populares Brasil adentro. A devoção, a fé, a manutenção da Festa “do jeito que foi possível” trouxeram consolo e esperança diante da crise colocada pela pandemia. Por outro lado, sobressaiu a centralidade do corpo, do encontro e do movimento para a congada.

A questão da centralidade do corpo também se mostrou complexa e expôs os limites das experiências digitais. Pois a experiência na internet é corporificada (Hine, 2020), uma vez que não existe experiência sem gente, nem gente sem corpo. Especialmente nas transmissões isso se expressa com nitidez; os corpos existem de um lado e outro da tela, apareçam eles ou não. O ponto é que o que um dos lados pode ver passa por filtros que o expectador-devoto não controla, de forma que o sentir é, em alguma medida, guiado. Do outro lado, os que transmitem constroem aquilo que será recebido.

Muito diferente das experiências na rua, com aglomeração, em que o corpo existe em interação. Presencialmente a atenção, o que vemos ou ouvimos, as emoções que sentimos não

---

<sup>244</sup> Circula pelos grupos de WhatsApp de Catalão que “quase 600 barraquinhas estão confirmadas” para a Festa do Rosário de 2022.

passam por outros filtros que não nós mesmos e a paisagem com a qual nos relacionamos. Sendo a congada constituída de corpo e de rua, o encontro coletivo dos corpos enquanto moléculas de sensações foi a falta mais sentida – e certamente tudo que acompanha esse encontro peculiar: a devoção ao Rosário em forma de dança e de som, o cumprimento dos votos, o pertencimento coletivo, o espetáculo, as memórias.

O terceiro ponto destacado no nosso percurso de pesquisa foi as múltiplas formas de vivenciar a Festa do Rosário, mesmo em um momento “atípico”, sem que isso colocasse em questão a união dos irmãos do Rosário. Nem todos(as) congadeiros(as) tiveram a mesma experiência, ainda que muitos estivessem envolvidos de alguma forma nos movimentos digitais. A multiplicidade, constituinte da congada e das festas populares, expande seu potencial inventivo, de forma que mesmo no momento crítico, mesmo com saudade e lamento, a “tradição” foi mantida; o ciclo não foi interrompido. A missão foi cumprida.

O lema “não tem Festa, mas tem fé e devoção” utilizado na realização da Festa aponta essa complexidade. Ela aconteceu, foi bonita e grandiosa. Mas foi do jeito que pôde. Aquele sentido existencial que falamos ficou incompleto na indissolubilidade das partes “religiosa”, “folclórica” e “social”, gerou saudade e ansiedade para o próximo ano. Ao invés de substituir, as atividades digitais sempre lembram falta da rua e da aglomeração de corpos e espíritos em devoção, revelando como corpo e coletividade são também instrumentos de devoção congadeira, tanto quanto a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Aliás, a devoção acontece no próprio encontro, no “mix” de todas essas manifestações.

Não pretendo aqui concluir um trabalho que é sobre movimentos, experimentações e cruzamentos, sobre o que flui entre o visível e o invisível. Não quero defender que tudo que lemos aqui é uma verdade irreduzível. É aquilo que experienciei, com meu corpo, minhas telas e minhas crenças junto com aqueles(as) que também estavam experienciando um mundo novo mas já conhecido.

Em tempo, me desculpo se a leitora ou o leitor considerou a leitura cansativa. Saibam que a escrita também o foi. Um processo solitário e ao mesmo tempo cheio de companhias, cheio de vozes, imagens e sons. Justifico o cansaço – meu e provavelmente seu. Considerando o momento tão “atípico”, tão sensível, tão extremo, levar a sério a descrição densa foi uma forma de tentar reter os detalhes, perceber as centralidades e os fundamentos dos(as) congadeiros(as) em ação, não para enquadrá-los em “regimes de verdade”, mas para abrir às “diversidades/possibilidades explicativas” (Simas e Rufino, 2018: 39). Talvez não tenhamos tido análises suficientes desses detalhes que aparecem nos materiais, mas, no mínimo, fica o

registro para análises futuras, para comparações com trabalhos anteriores e com os movimentos que seguem nas reinvenções das quais a prática congadeira é ao mesmo tempo princípio e resultado.

## 5. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. et al. **Sopa de Wuhan**: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias. [S. l.]: ASPO, 2020. Disponível em: <<https://www3.unicentro.br/defil/wp-content/uploads/sites/67/2020/05/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>>. Acesso em 2021.

ALMEIDA, R. de; GUERREIRO, C. Templos em tempo de pandemia. **Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus**. n. 19, 13 abr. 2020 Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2332-boletim-n-19-templos-em-tempo-de-pandemia>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BIEHL, J. Descolonizando a saúde planetária. **Horizontes antropológicos**, a. 27, n. 59, p. 337-359, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/mYh65g7LyMWLJhfP9XvcTnn/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 28 nov. 2021.

BLOG MAYSA ABRÃO. **Blog da Maysa Abrão no Último Ensaio da Congada do Catalão 2017**. Vilão de Santa Efigênia. YouTube, 27 de setembro de 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n7v\\_klKe-LY&ab\\_channel=BLOGMaysaAbr%C3%A3o](https://www.youtube.com/watch?v=n7v_klKe-LY&ab_channel=BLOGMaysaAbr%C3%A3o)>. Acesso em: 2022.

BOTTINO; SCHELIGA; MENEZES. (2020). Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia. **Cadernos De Campo**, v. 29, n. suplement., p. 289-301, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp289-301>>. Acesso em 2021.

BRANDÃO, C. R. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

BRANDÃO, C. R. **Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Lei nº 13.979 de 6 de Fevereiro de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979compilado.htm)>. Acesso em julho 2020.

BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. **Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm)>. Acesso em 2022.

BRASIL. Lei nº 14.150, de 12 de maio de 2021. **Altera a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020 (Lei Aldir Blanc), para estender a prorrogação do auxílio emergencial a trabalhadores e trabalhadoras da cultura e para prorrogar o prazo de utilização de recursos pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios**. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/Lei/L14150.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14150.htm#art1)>. Acesso em: 2022.

BRASILEIRO, J. Coexistência Cultural e Religiosa: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular. **Revista Relicário**, v. 5, n, 10, p. 35-51, jul./dez. 2018a. (Dossiê Religiosidade indígena e afro-brasileira)

[BRASILEIRO, J. \*\*Ler Imagens – Contar Histórias: cronivivências de uma cidade em preto e branco.\*\* Uberlândia/MG: Editora Subsolo, 2019.](#)

BRASILEIRO, J. **O ressoar dos tambores do congado** – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

BRASILEIRO, J. S. **A Rebelião Cantante**: quando a tática de enfrentamento desconstrói a disciplina institucionalizada. *Revista Emblemas*, v. 15, n. 1, p. 67-80, jan./jun. 2018b. (Dossiê "Experimentações Etnográficas: Entrecruzando Linhas e Socialidades").

BUTLER, J. **Judith Butler sobre a Covid-19: O capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo, São Paulo, 20 de março de 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>>. Acesso em 2021.

CAMPOS, M. D. **Catalão**: Estudo histórico e geográfico. Goiânia: Editora Bandeirantes, 1976.

CARRANZA, B. **Algo de eterno na religião ressurge em tempos de pandemia**. *Annales FAJE*, Belo Horizonte – MG, v. 5, n. 4, p. 116-124, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**, 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.

CAVALCANTI, M. L.; GONÇALVES, R. S. (orgs). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. (Série Livros Digitais, 23). Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/15837/1/9786557290095.pdf>>. Acesso em: 2022.

CESARINO, L. AS IDEIAS VOLTARAM AO LUGAR? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. **Caderno CRH (Online)**, v. 34, p. 1-18, 2021c.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 92-120, 2020b.

CFH UFSC. **Negacionismo, ciência e política no Brasil**: Aula inaugural 2020.2. YouTube, 31 de março de 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=kVWhlY0Fen4&ab\\_channel=CFHUFSC](https://www.youtube.com/watch?v=kVWhlY0Fen4&ab_channel=CFHUFSC)>. Acesso em 31/03/2021.

CHUN, W. H. K. **Updating to remain the same: habitual new media**. Cambridge: MIT Press, 2016.

CLEMENTE, C. C. **Engajamento étnico-cultural e identidade feminina na prática congadeira**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016. p. 1-10.

CONGADAS de Catalão receberão R\$ 280 mil do governo de Goiás neste ano. **O HOJE.com**, 3 mai. 2022. Variedades. Disponível em: <<https://ohoje.com/noticia/variedades/n/1403128/t/congadas-de-catalao-receberao-r280-mil-do-governo-de-goias-neste-ano/>>. Acesso em 2022.

COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**. 2010. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

CRESCER audiência de emissoras de rádio e tv de inspiração católica por causa da pandemia. **CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, Brasília, 7 abr. 2020. Especial. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/crecse-audiencia-de-emissoras-de-radio-e-tv-de-inspiracao-catolica-no-pais-por-cao-do-coronavirus/>>. Acesso em 2021.

DECRETO nº 2.046, de 17 de Março de 2020. **Faz alterações no Decreto Municipal de nº 2040, de 16 de março de 2020 que decretou situação de emergência na saúde pública do Município de Catalão e dá outras providências**. Câmara Municipal. Catalão, Goiás. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/go/c/catalao/decreto/2020/205/2046/decreto-n-2046-2020-faz-alteracoes-no-decreto-municipal-de-n-2040-de-16-de-marco-de-2020-que-decretou-situacao-de-emergencia-na-saude-publica-do-municipio-de-catalao-e-da-outras-providencias>>. Acesso em julho 2020.

DUARTE, A. M.; CÉSAR, M. R. Negação da política e negacionismo como política: pandemia e democracia. **Educação e Realidade**, v. 45, n. 4, 2020. (Seção Temática: as lições da pandemia). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 28/09/2021.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico da Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EUFRÁSIO, G. H. C.; COSTA, C. L. O contexto universitário de Catalão – Goiás na (re)produção do espaço urbano. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, 16, 2020, Pelotas. **Anais...** Pelotas, RS: Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEUR), 2020, p. 1-6. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/view/20095/12729>>. Acesso em 2022.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, v. 12, n. 35, p. 46-69, jun./set. 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/44648>>. Acesso em 2021.

FREITAS, V. G. As mulheres negras e a pandemia do coronavírus. **Boletim Cientistas sociais e coronavírus**, nº 44, 20 mai. 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2362-boletim-n-44-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>>. Acesso em 2020.

GALLAGHER, J. 10 anos em 10 meses: como cientistas de Oxford criaram em tempo recorde um novo modelo de vacina contra o coronavírus. **BBC News Brasil**, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55049893>>. Acesso em: novembro 2020.

GALVÃO, W. Covid-19: pesquisadores alertam para possibilidade de nova onda até fim do ano no Brasil. **G1**, Rio de Janeiro, 14 jul. 2022. Disponível em: <[https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/14/covid-19-pesquisadores-alertam-para-possibilidade-de-nova-onda-ate-fim-do-ano-no-brasil.ghtml?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=g1](https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/14/covid-19-pesquisadores-alertam-para-possibilidade-de-nova-onda-ate-fim-do-ano-no-brasil.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1)>. Acesso em: 2022.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GIUMBELLI, E. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 48, p. 91-107, fev 2002.

HINE, C. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online), v. 29, n. 2, p.1-42, 2020.

HINE, C. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon: Routledge Taylor & Francis Group, 2015.

HOLANDA, M. A. F.; ALLEBRANDT, D.; DIAS, L. O. Genocídio pandemia e o horror de 500 mil vidas interrompidas. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 17 jun. 2021. Morrendo de Brasil. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/genocidio-pandemia-e-o-horror-de-500-mil-vidas-interrompidas/>>. Acesso em 2022.

INGOLD, T. **Antropologia versus etnografia**. **Cadernos de Campo**, v. 26, n. 1, p. 222-228. 2017. Tradução de Rafael Antunes Almeida.

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, v. 39, n. 3, p. 404-411, set-dez 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690/15179>>. Acesso em: 2021.

IRMANDADE - NOSSA SENHORA DO ROSARIO - CATALÃO/GO. **Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário - Catalão GO**. Catalão, 19 mai. 2020. Facebook: usuário

Facebook: @irmandadedorosariocatalao  
Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/pfbid02tCBYanNF4xzVCWZiUpQKH22dfbfc28cn6Ag1JtfLxaZZqiR32mny5uArgopNC8SZI>>. Acesso em: 2021.

IRMANDADE - NOSSA SENHORA DO ROSARIO - CATALÃO/GO. **Nota sobre a 144ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário.** Catalão, 1 de jul. 2020. Facebook: usuário Facebook: @irmandadedorosariocatalao. Disponível em: <<https://www.facebook.com/irmandadedorosariocatalao/posts/3243922185659435>>. Acesso em 1 de jul. 2020.

JABBOUR, E. A China (muito) além da "Sopa de Wuhan". **Le Monde Diplomatique Brasil**, 17 abr. 2020. Observatório da Economia Contemporânea. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-china-muito-alem-da-sopa-de-wuhan/>>. Acesso em 2021.

KATRIB, C. M. I. **Foi assim que me contaram**: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO – 1940-2003). 2009. 257 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

KATRIB, C. M. I. **Nos mistérios do rosário**: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão - GO (1936-2003). 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LINS, B. A. **Caiu na rede**: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos. 2019. 218 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2019.

LOPES, J. R. Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade na religiosidade contemporânea. **Ciencias Sociales y religión/Ciências Sociais e Religião**, a. 11, n. 11, p. 13-34, set. 2009.

MACHADO, Lucas. **A fé em tempos de pandemia**: congadas - biênio 2019-2020. Goiânia: Kelps, 2021.

MACHADO, M. C. T. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: Rosangela Patriota; Alcides Freire Ramos. (Org.). **História e cultura**: espaços plurais. 1ed. Uberlândia: Aspectus, 2002, v. 1, p. 335-345.

MAGNANI, J. G. K. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MANO, M. Índios e negros nos sertões das minas: contatos e identidades. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 31, n. 56, p. 511-546, mai./ago. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/qSYHLwC9TXy8BQW5BVjNfLz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 2022.

MANOEL, C. R. **Relações linguístico-históricas no mito do achamento da Santa do Rosário nas congadas de Catalão-Goiás**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Catalão, 2017.

MARCUS, G. **Ethnography through Thick and Thin**. NJ: Princeton University Press, 1998.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MENEZES, R. C.; SANTOS, L. R. Religião e covid-19: notas sobre cristianismos. **Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus**, n. 62, 15 jun. 2020. Disponível em: [http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim\\_CS/Boletim\\_n62.pdf](http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n62.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2021.

MILLER, D.; HORST, H. (Eds). **Digital Anthropology**. Londres; Nova York: Bloomsbury, 2012.

MILLER, D.; HORST, H. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, jul./dez. 2015.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, jan/jun. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2021.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

PARREIRAS, C. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 197-222, jan./jul 2012. (Dossiê Pornôs).

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, a. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**, vol. 13, n. 1: 7-16, 2009.

\_\_\_\_\_. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. (2020). Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10.

PREFEITURA DE CATALÃO/GO. Secretaria da Saúde. **Atualização de dados sobre a COVID-19**. Disponível em: <<http://www.catalao.go.gov.br/site/coronavirus/>>. Acesso em 2020.

QUEIROZ, M. I. P. O catolicismo rústico no Brasil. *In*: QUEIROZ, M. I. P. **O Campesinato Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 104-124.

RAMOS, C. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa História). Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

RESENDE, R. Relatório da CPI aponta que população negra foi mais atingida durante a pandemia. Rádio Senado – Comunicação para a cidadania, Brasília. **Rádio Senado**. 29 out. 2021. CPI da Pandemia. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/29/relatorio-da-cpi-aponta-que-populacao-negra-foi-mais-atingida-durante-a-pandemia>>. Acesso em 2021.

RIBEIRO, W. Por que a vacina contra Covid-19 foi desenvolvida em tempo recorde. **ICTQ**, Anápolis, [s.d.]. Farmácia Clínica. Disponível em: <<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/2636-por-que-a-vacina-contra-covid-19-foi-desenvolvida-em-tempo-recorde>>. Acesso em: novembro 2020.

ROSÁRIO, L. P. D. do. A necropolítica genocida de Bolsonaro em tempos de pandemia e o projeto ultra-neoliberal. **OSIRIS - Observatório do Risco**, 4 jun. 2020, p. 1-28 (Série Perspectivas - COVID 19). Disponível em: <[https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/sites/osiris/files/OSIRIS\\_Luana%20Paixao%20Dantas%20do%20Rosario.pdf](https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/sites/osiris/files/OSIRIS_Luana%20Paixao%20Dantas%20do%20Rosario.pdf)>. Acesso em 2021.

ROSSI, M. Periferia lidera as mortes por coronavírus na cidade de São Paulo, e as mulheres adultas são as mais infectadas. **EL PAÍS**, São Paulo, 18 abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>>. Acesso em 2020.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a.

SANCHIS, P. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade... **Cadernos CERU**, v. 19, n. 2, dez. 2008 (Série 2).

SANCHIS, P. Pra não dizer que não falei de sincretismo. **Comunicações do ISER**, v. 45, p. 4-11, 1994.

SANT'ANNA, I. **Herança de sangue**: um faroeste brasileiro. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

SANTOS, D. O. dos.; RIOS, S. O Altar como performance na religiosidade popular. **GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia**, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2002. (Dossiê Religiões

- Artigos). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185817/182578>>. Acesso em 2022.

SANTOS, J. E. A percepção ideológica dos fenômenos religiosos. **Revista de Cultura Vozes**, v. 7, n. 7, p. 23-4, 1977.

SANTOS, S. C. dos. **Curtir ou não curtir: experimentações a partir do Tinder**. 2018. 178 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/Rio Tinto, 2018.

SANTOS, S. C. dos. Imersões, fluxos e desafios em uma etnografia no Tinder. **Cadernos De Campo**, v. 29, n. 2, p. 1-20, 2020.

SECRETARIA de estado da cultura de Goiás (SECULT-GOIÁS). **Relação dos bens tombados pelo estado de Goiás**. 2012. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-10/planilha-bens-tombados-pelo-estado-de-goias---2012.pdf>. Acesso em 2022.

SEGATA, J. A pandemia e o digital. **Revista Todavia**, v. 7, n. 1, ed. 8, p. 7-15, dez. 2020 (2020a).

SEGATA, J. Dos cibernautas às redes. *In*: SEGATA, J; RIFIOTIS, T (Orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016, p. 91-114.

SEGATA, J. O Aedes aegypti e o digital. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 23, n. 48, p. 19-48, mai./ago. 2017.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. Introdução: antropologia e cibercultura. *In*: SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (orgs). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília/DF: ABA Publicações, 2016, p. 9-20.

SILVA, J. S. da. **Violência e religiosidade popular em Catalão – GO: a construção da santidade de Antero 1932-2012**. 2014. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SILVA, S. I. **A congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2015.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato**. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SLENES, R. W. "Malungu, ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil - **Revista USP**, n. 12, p. 48-67, 1992.

VENCATO, A. P. **Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2013.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.